BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXX • DEZEMBRO DE 1955 • N.º 346

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX | DEZEMBRO DE 1955 | Número 346

Sumário

COLABORAÇÃO:

Três problemas capitais do café — III — J. Testa
Misturas de inseticidas II — Luiz O. T. Mendes
Irrigação do cafèzal — Rino N. Tosello

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Verificou-se no ano de 1954, um aumento de 3%, no comércio da América Latina
Seguro Agrícola — Cleveland de Andrade Botelho
Lei n.º 2.697 de 27 de dezembro de 1955
Estamos cedendo o mercado chileno para outros produtores de café
Já se fala em instituir monopólio das importações de café na Itália — Constantino Ianni
O Brasil deve manter estoques de café nos portos italianos-Constantino Ianni
Adote-se o processo da exportação do café industrializado
Economia e finanças
Novos rumos para o café do Espírito Santo
Em Uganda, a "board" protege o agricultor — Gil Rodrigues Jr.
Acusam aumeto as exportações de café da Africa Oriental Britânica
Colheita recorde de café robusta em plantações africanas de Uganda
A política agrária do Brasil
A safra de café paranàense
Apresentou resultados satisfatórios para o café o ano agrícola de 54/55
Em terceiro lugar entre os produtores de café a União Francesa
O café visto nos Estados Unidos (Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — novembro)

ESTATÍSTICA

NOSSA CAPA

Aplicação de inseticidas nos cafèzais paulistas: Um aparêlho pulverizador, de fole, transportado a tração animal.

CAFÉS FINOS

Lavador MOREIRA

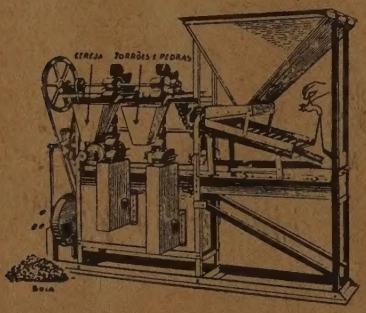
Com água de torneira

de ½ polegada, e consumo diminuto de água (5 litros para cada saco), o Lavador Moreira separa perfeitamente o bôia, o cereja e as pedras e torrões.

Secador MOREIRA

Constitue sua propria casa

O café, secado a ar quente, é despejado diretamente na tulha definitiva. Larvas e ovos de broca, são totalmente destruidos. Opera com apenas 1 homem.



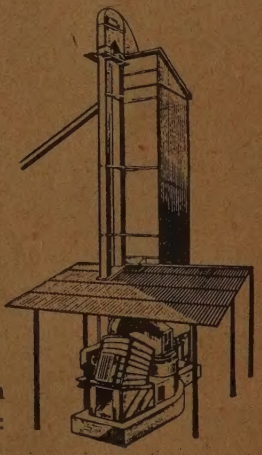
- **Fôrça motriz:- 1 HP**
- **Pêso: 470 kg.**
- **Produção: 30 a 100 sacos por hora, conforme quantidades de cereja, pedra e torrões.**

Segue montado

Fabricamos tambem **SECADORES** para: arroz, milho, feijão, alfafa, bagaço de cana, etc.

Consultem-nos sem compromisso.

Entregues prontos p/ funcionamento.



Fôrça motriz: 5 HP
Consumo de lenha: 1 m 3 cada 10 horas

Capacidade: 300 alqueires em cada carga. (150 sacas de 100 litros)

Montagem gratuita

PEÇA-NOS MAIORES INFORMAÇÕES E UMA LISTA DOS POSSUIDORES DE PRODUTOS MOREIRA

Promotion

Máquinas Moreira S.A.

Rua da Mooca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) - Caixa Postal, 5822 - End. Telegr. "SECADORES" - Sao Paulo

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina
Aeroporto de Congonhas (Capital)
Amparo
Andradina
Araçatuba
Araraquara
Araras
Atibaia
Avaré
Barretos
Batatais
Baúru
Bebedouro
Botucatú
Birigui
Bragança Paulista
Brás (Capital)
Caçapava
Campinas
Campos de Jordão
Casa Branca
Catanduva
Dracena
Franca
Gália
Guaratinguetá
Ibitinga
Itapetininga
Itapeva
Itú
Ituverava
Jaboticabal
Jaú
Jundiaí
Lençois Paulista
Limeira
Lins
Lucélia
Marília
Mirassol
Mogi-Mirim
Novo Horizonte
Olímpia
Ourinhos
Palmital
Penápolis
Pinhal
Piracicaba
Pirajuí
Pirassununga
Pompéia
Presidente Prudente
Presidente Venceslau
Quatá
Rancharia
Registro
Ribeirão Preto
Rio Claro
Santa Cruz do Rio Pardo
Santo Anastácio
Santos
S. Bernardo do Campo
São Carlos
São João da Bôa Vista
São Joaquim da Barra
São José do Rio Pardo
São José do Rio Preto
São Simão
Sorocaba
Tanabí
Taubaté
Tietê
Tupã

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

TRÊS PROBLEMAS CAPITAIS DO CAFÉ

J. TESTA

III

A QUALIDADE: Não é indispensável café mais "fino", porém é imprescindível café mais "limpo"

Ao se falar em qualidade surge logo a objeção de que há mercados para todos os tipos e que o Brasil sempre vendeu todos os seus cafés, desde o "Santos" ao "Vitória", desde o "Ribeirão Preto" ao "Caratinga". E argumenta-se que, em falta dos nossos tipos baixos, os mercados habituados a comprá-los, principalmente o Havre, se abastecerão de outros produtores, o que redundará em nosso prejuízo.

Essas afirmações constituem uma verdade muito relativa, por várias razões. A primeira delas é que, sendo embora discutível e pessoal o conceito do "bom" e do "mau", há todavia uma concordância com relação a padrões estabelecidos e geralmente acatados. Com referência a café, por exemplo, muito embora houvesse quem preferisse os "Rio", talvez por um hábito oriundo da dificuldade material ou financeira de encontrar produtos mais finos, mesmo êsses "habituées" do produto inferior não negavam que "também" os suaves eram bons cafés; e poderiam se habituar a êles se os encontrassem com maior facilidade, pois o paladar é, até certo ponto, uma questão de educação e de hábito

Em segundo lugar, o que se deve considerar não é pròpriamente o *paladar* do café, mas as suas impurezas. Quem está habituado ao paladar dos "Rio" ou "Caratinga" pode continuar a bebê-los, mas certamente apreciará que sejam isentos de páus e de pedras, mesmo porque, em última análise, êsses corpos estranhos aumentam o pêso do café e, pois, lhe encarecem o preço.

Em terceiro lugar, cabe dizer que, relativamente ao perigo da concorrência para os tipos baixos, êle agora existe, e cada vez maior, desde que a África passou a pesar no mercado com os seus "robusta", que entram nas metrópoles com proteção tarifária e aduaneira.

Exatamente agora, pois, é que nos cabe melhorar o aspecto dos nossos cafés, pois sòmente quem ainda não viu um "robusta" primorosamente lavado e catado pode ter dúvida quanto à sua penetração cada vez maior nos mercados consumidores, mesmo tendo em vista o seu sabor incaracterístico.

Quem preferir — repetimos — os nossos cafés "rio" e "riados" poderá continuar a usá-los, mas, evidentemente, há de preferí-los sem páus e sem pedras. O mundo se torna cada vez mais exigente, inclusive em matéria de alimentação. Do tempo em que os nossos antepassados comiam, com a mão, javalis assados inteiros, inclusive com a pele e o pêlo, até os dias de hoje, vai tôda uma escala de refinamentos gastronômicos, que só tende a prosseguir.

Êsse, aliás, é o motivo principal por que, no passado, sempre as "sobras" das superproduções cafèeiras nos couberam. Para os "milds" da América La-

tina nunca houve falta de compradores. Se devemos, por motivos especiais, manter também tipos inferiores, que o sejam apenas quanto às peculiaridades gustativas, mas nunca em relação a defeitos grosseiros, que é de admirar sejam, ainda, até hoje, permitidos em nossa exportação.

Preparar cafés de sabor especial, estritamente "mole", não é fácil. Demonstrado já ficou, por vários técnicos, que em qualquer zona se pode produzí-los, só restando a favor de certas e especiais regiões de clima e de altitude um peculiar sabor ou *bouquet*. Mas, embora possível para qualquer zona, cuidados especiais são exigidos, principalmente para evitar a fermentação, cujos micro-organismos comunicam ao café seus sabores e odores.

Muito mais fácil é todavia, conseguir um café isento de impurezas: pedras, páus, pretos, verdes e chochos. Para isso basta apenas ter cuidado, fazendo uma colheita e uma secagem *limpas*.

É indispensável que a colheita seja feita em cestos ou em pano. Lá teremos que chegar, fatalmente, por mais que se diga que o custo do trabalho não compensa... Uma abanação e uma catação cuidadosas são também um complemento da colheita, que não pode deixar de ser feito. E, quanto à secagem, ela tem que ser realizada em terreiros limpos, evitando a umidade e a fermentação. Secagem lenta, pouco a pouco. O beneficiamento, por sua vez, tem que ser bem conduzido, pois se êle permite marinheiros e palhas, e diferenças de peneira, etc., ter-se-á perdido uma boa parte dos anteriores cuidados.

Cafés assim preparados nem sempre darão um produto suave (ou, como se diz comercialmente: "mole"). Mas, darão um produto bom, sem sabores ou cheiros desagradáveis. E darão, principalmente, um artigo de boa aparência ao comprador. A importância dêsse fato talvez não esteja, ainda, bem percebida. Ela se imporá por si, todavia, e cada vez mais. O futuro nos dirá.

MISTURAS DE INSETICIDAS II

Luiz O. T. Mendes
Chefe da Seção de Entomologia
do Instituto Agronômico

Em trabalho anterior (1) verificamos que uma mistura de pós inseticidas, contendo diferentes valores porcentuais de seu princípio ativo, pode ser feita, visando obter um pó com riqueza porcentual determinada (ρ), aplicando-se a fórmula

$$(1) \qquad p = \frac{\Sigma\ p'q'}{\Sigma\ q'}$$

onde p', p'', p'''... representam as riquezas porcentuais dos diferentes pós inseticidas empregados e q', q'', q'''... suas respectivas quantidades.

Estudamos, então casos determinados em que eram misturados dois pós inseticidas.

Neste trabalho vamos estudar como efetuar misturas em que entrem três pós inseticidas, onde

p = teor porcentual desejado na mistura de inseticidas
p' = " " do inseticida mais pobre
p'' = " " " " de riqueza intermediária
p''' = " " " " mais rico
q' = quantidade a ser misturada do inseticida de riqueza p'
q'' = " " " " " " " " p''
q''' = " " " " " " " " p'''
Q = " de mistura desejada

O problema é indeterminado, dado o número de incógnitas. Precisamos, portanto, usar de um artifício, para passá-lo a determinado.

Tomemos quantidades quaisquer q' e q'', respectivamente dos inseticidas de riquezas p' e p''' e façamos com elas uma mistura preliminar. Pela fórmula (1) tem-se, então

$$(2) \qquad p^m = \frac{p'q' + p'''q''}{q' + q''}$$

O problema, agora, pode ser resolvido quantitativamente, porquanto eliminados duas incógnitas. A solução está em se misturarem os inseticidas com riquezas porcentuais p''' e p^m e em se achar que quantidades q''' e q^m devem dêles ser tomadas.

Ora, sabendo que (1)

$$(3) \qquad q' = \frac{Q\ (p'' - p)}{p'' - p'}$$

e substituindo, nessa fórmula, seus símbolos p'' e p' pelos respectivos símbolos p''' e p^m do nosso problema, tem-se

$$(4) \qquad q^m = \frac{Q\ (p''' - p)}{p''' - p^m}$$

Substituindo em (4) o símbolo p^m pelo seu respectivo valor, dado em (2), tem-se, finalmente

$$(5) \qquad q^m = \frac{Q\ (p''' - p)\ (q' + q'')}{p'''\ (q' + q'') - (p'q' + p''q'')}$$

e, portanto

$$(6) \qquad q''' = Q\ q^m$$

PROBLEMA N.º 1 — Temos três pós inseticidas, contendo respectivamente 1,5%, 2,5% e 10% de princípio ativo. Desejamos obter uma mistura de uma tonelada, contendo 5% de princípio ativo. Em que proporção misturá-los?

Temos, então

$$\begin{aligned} p' &= 1{,}5 \\ p'' &= 2{,}5 \\ p''' &= 10{,}0 \\ p &= 5{,}0 \\ Q &= 1.000 \text{ kg} \end{aligned}$$

Façamos, preliminarmente, q' = 1 e q'' = 1, isto é, façamos com que, na mistura, os inseticidas de riquezas p' e p'' entrem em igual proporção.

Aplicando a fórmula (5) temos

$$q^m = \frac{1.000\ (10{,}0 - 5{,}0)\ (1 + 1)}{10\ (1 + 1) - (1 \times 1{,}5 + 1 \times 2{,}5)} = 625 \text{ kg}$$

Como os inseticidas de riquezas p' e p'', entram em idêntica proporção, tem-se, então

$$q' = q'' = \frac{q^m}{2} = \frac{625}{2} = 312{,}5 \text{ kg}$$

logo

$$q''' = 1.000 - 625 = 375 \text{ kg}$$

Resposta — Misturar 312,5 kg de pó inseticida contendo 1,5% de princípio ativo com 312,5 kg do que contém 2,5% e com 375 kg daquele que contém 10%.

Prova — 312,5 kg de pó a 1,5% contém 4,6875 kg de princípio ativo; 312,5 kg de pó a 2,5% contém 7,8125 kg, e 375 kg de pó a 10% contém 37,5 kg. Logo, nos 312,5 + 312,5 + 375 = 1000 kg de mistura haverá ..... 4,6875 + 7,8125 + 37,5 = 50 kg de princípio ativo, o que equivale a 5%, como era pedido.

O problema atrás teve a solução apontada porque fizemos q' e q'' iguais, e a mistura preliminar dos dois pós inseticidas tinha um teor porcentual inferior ao teor porcentual desejado na mistura final.

A inspeção das fórmulas apresentadas mostra que sòmente podem elas ser usadas, para obter uma mistura em que entrem três componentes, quando:

a) pelo menos um dos componentes tenha valor porcentual mais elevado que o desejado na mistura;

b) pelo menos um dos componentes tenha valor porcentual mais baixo que o desejado na mistura;

c) o valor de p^m seja menor que o valor porcentual desejado na mistura.

Assim, na primeira etapa da solução do problema, se se achar um valor $p^m > p$, não mais se poderá fazer a mistura usando o terceiro pó inseticida, o mais rico pois tanto a mistura preliminar, p^m, como o pó restante p'', apresentam maior valor porcentual que o desejado na mistura. Nesse caso necessário se torna calcular novamente p^m, usando q' e q'' em outras proporções, de modo a que se obtenha $p^m < p$.

Então, para evitar que se façam mais cálculos que os necessários, podemos resolver o problema da maneira apresentada a seguir.

Sendo

$$(2) \qquad p^m = \frac{p'q' + p''q''}{q' + q''}$$

calculamos o valor

$$(7) \qquad q' = \frac{q'' \ (p'' - p^m)}{p^m - p'}$$

Estamos, agora, habilitados a resolver qualquer problema de mistura de três pós inseticidas, desde que satisfaçam êles as condições estabelecidas nas alíneas a), b) e c) anteriormente citadas.

PROBLEMA N.º 2 — Temos três pós inseticidas de riquezas porcentuais 2,10 e 12; queremos uma mistura de uma tonelada de pó a 5%. Em que proporção misturá-los?

Temos, então:

$$\begin{aligned} p &= 5 \\ p' &= 2 \\ p'' &= 10 \\ p''' &= 12 \\ Q &= 1.000 \text{ kg} \end{aligned}$$

Preliminarmente façamos $p^m = 4$ e apliquemos a fórmula (7)

$$q' = \frac{q'' \ (10 - 4)}{4 - 2} = 3 \ q''$$

Portanto, para $p^m = 4$ devemos misturar uma parte do pó contendo 10% com três partes do pó contendo 2%. Assim, fazendo então $q' = 3$ e $q', = 1$, e aplicando a fórmula (5) temos:

$$q^m = \frac{1000\ (12 - 5)\ (3 + 1)}{12\ (3 + 1) - (2 \times 3 + 10 \times 1)} = 875 \text{ kg}$$

Como $q' = 3\ q''$, tem-se

$$q' = \frac{3 \times 875}{4} = 656{,}25 \text{ kg}$$

$$q'' = 875 - 656{,}25 = 218{,}75 \text{ kg}$$

$$q''' = 1000 - 875 = 125 \text{ kg}$$

Resposta — Misturar 626,25 kg de pó a 2% com 218,75 kg de pó a 10% e 125 kg de pó a 12%.

Prova — 626,25 kg de pó a 2% contém 12,525 kg de princípio ativo; 218,75 kg de pó a 10% contém 21,875 kg de princípio ativo; 125 kg de pó a 12% contém 15 kg de princípio ativo. Assim, 626,25 + 218,75 + 125 = 100 kg da mistura contém 12,525 + 21,875 + 15 = 50 kg de princípio ativo, o que equivale a 5% de princípio ativo, na mistura, como era pedido.

Evidentemente o problema n.º 2 poderia ter sido resolvido de outra maneira, fazendo, por exemplo, $p^m = 3$, ou igual a qualquer outro valor inferior a 5. Achar-se-iam maneiras diferentes de fazer a mistura, nas quais as quantidades a usar entrariam em proporções diferentes das apontadas.

LITERATURA CITADA

MENDES, LUIZ O. T. Misturas de inseticidas. Bol. Suptda Serv. Café, São Paulo 30(34) :21-24. 1955.

Produzir cafés bem cuidados, limpos e de bom aspecto, dá pouco mais trabalho que produzir cafés máus. Muito pouco aparelhamento se exige, a mais, para a produção de cafés finos. O que é necessário é, principalmente cuidado, atenção, capricho.

E o ágio sôbre os bons cafés compensa, de sobra, êsses cuidados, além do fato de que, nos tempos de superprodução, os cafés que *sobram* não são, por certo, os de boa qualidade e bom aspecto.

IRRIGAÇÃO DO CAFÈZAL *

Rino N. Tosello
Instituto Agronômico

1. *Introdução* — A irrigação do cafèzal, assunto vasto, não pode ser tratado senão em termos gerais numa aula teórica. Daí termos optado pela parte que diz respeito aos conceitos básicos, de natureza fundamental, para a melhor compreensão da técnica irrigatória.

2. *A água do solo* —

2.1. *Classificação* —

a) Sob o ponto de vista físico:

água higroscópica — aderente às partículas do solo, por serem elas higroscópicas;

água capilar — que se aloja nos interstícios capilares do solo, pelo fenômeno da capilaridade;

água gravitativa — que ocupa temporàriamente os interstícios *não capilares* do solo, após a neutralização das fôrças de atração do solo pela água; sujeita ao movimento gravitativo.

b) Sob o ponto de vista fisiológico:
água disponível ou ativa — capaz de ser utilizada pelas plantas;
água não disponível ou inativa — a que resta no solo após a utilização de tôda água disponível.

2.2. Valores estatísticos — A medida da água do solo é feita, convencionalmente, em têrmos de porcentagem de água em 100 gramas de solo sêco na estufa, a cêrca de 105°C, até constância de pêso; é o método padrão que serve para aferir todos os outros já conhecidos.
O teôres de umidade que representam condições de equilíbrio da água do solo, mais interessantes, são os seguintes:

a) *umidade higroscópica* — Uh, é o teôr de umidade do solo desitratado ao ar, em ambiente arejado;

b) *umidade de murchamento* — Um, é o teôr de umidade do solo quando se inicia o murchamento das plantas, representando o *limite inferior* da água disponível; atualmente aceito como uma constante física do solo, independente da espécie de planta cultivada;

c) *capacidade de campo* — Uc, teôr de umidade que corresponde à cessão do movimento gravitativo da água, representando o *limite superior* da água disponível; também chamado de umidade de *retenção máxima;*

d) *umidade de saturação* — Us, teôr de umidade após o preenchimento de todos os poros do solo pela água;

e) *umidade equivalente* — teôr de umidade determinado após submeter amostras de solo, prèviamente saturadas, a uma aceleração centrífuga; útil para correlacionar com os teôres de umidade de murchamento e capacidade de campo, sendo os seus valores próximos dos de capacidade de campo nos solos arenoargilosos, *maiores* nos argilosos e *menores* nos arenosos.

2.3. *Movimento da água no solo*

a) *Vapor de água* — O movimento de vapor de água no solo, que se verifica pelo fenômeno de difusão, processa-se lentamente devido à resistência à passagem de vapor, nos poros do solo, e à pequena turbulência, em virtude da baixa ventilação. É importante na camada superficial do solo, sujeita à insolação direta e à ação de ventos desidratantes, ocasionando perdas substanciais de água, fenômeno que é denominado de *evaporação do solo.*

b) *Água líquida* — Nos *solos saturados,* o movimento processa-se de acôrdo com a lei de D'Arcy, dada pela relação:

$$v = k.\ DP/DL \text{ e } v = Q/s.t$$

sendo: DL o comprimento ou espessura do leito filtrante DP a diferença de pressão hidrostática entre os níveis de admissão e saída de água; k, o coeficiente de permeabilidade; v, a velocidade macroscópica; Q, o volume total de água transmitido; s, a secção reta do leito filtrante; e t, o tempo de transmissão do volume Q através do leito filtrante. Sendo DP e DL dados nas mesmas unidades, K terá a dimensão de v, ou seja, se Q/s fôr dado em mm, t em toras, k será expresso em mm/hora. Pesquisas recentes revelam que k não é constante para um mesmo solo.

Nos solos *não saturados* não há um valor definido para k, pois que êste varia também em função do teôr de umidade do solo. Para fins de irrigação, interessa conhecer, nesses solos, a *capacidade máxima de infiltração,* que é determinada experimentalmente, obtendo-se uma expressão da forma:

$$y = a.t^n$$

sendo: a n constante, e o tempo e y a quantidade de água infiltrada; todavia, a e n não são própriamente constante e a intensidade de transmissão ou aplicação de água, dy/dt, não é função apenas de t. Pesquisas recentes parecem indicar que dy/dt desenvolvem uma hipérbole, tendendo para um valor constante para t infinitamente grande.

c) *Transmissão de água ao longo de um perfil homogêneo do solo* — Suponha-se uma coluna de solo de altura h, homogênea, inicialmente com teôr de umidade da terra sêca ao ar, Us, ao qual se aplica uma carga hidrostática constante, na superfície; ao tempo tl, o *front úmido* é o seguinte: os primeiros milímetros da coluna estarão saturados de umidade, com o teôr Us., daí caindo bruscamente o teôr de umidade para um valor entre a capacidade de campo Uc e Us, permanecendo mais ou menos constante num certo trecho, ao fim do qual cai bruscamente para atingir o teôr de terra sêca ao ar; ao tempo t2, o quadro geral seria o mesmo, isto é, os primeiros milímetros continuariam saturados, daí cairia bruscamente para um teôr entre Uc e Us, permanecendo mais ou menos constante num trecho maior do que o anterior, ao fim do qual cairia bruscamente para atingir o teôr Us. Supunha-se agora que ao fim do tempo

tn foi atingido o fim da coluna h, isto é, que a última porção de terra sêca ao ar foi elevada ao teôr de transmissão de água ao longo do perfil e que se fecha o fundo da coluna — então, passaria a haveh *saturação do solo, de baixo para cima*, num processo progressivo, com a formação de um *lençol freático*, cujo nível vai-se aproximando cada vez mais da superfície da coluna de solo, até saturá-la completamente.

Suponha-se agora que a coluna h é de livre drenagem, e que ao final do tempo t2 a carga hidrostática que estava aplicada na superfície é retirada; observar-se-ia que o *front úmido* iria se ajustando em tôrno da capacidade de campo, Uc, descendo o excesso de água para elevar progressivamente camadas inferiores da coluna de solo a êsse teôr de umidade de equilíbrio. Ao final da camada úmida, haveria ainda uma brusca queda para o teôr de terra sêca ao ar.

d) *O front úmido nos perfis de solo abertos em sulcos de irrigação* — Como a fôrça da gravidade atua no sentido vertical, de cima para baixo, e a fôrça da capilaridade do solo sêco atua em todos os sentidos, conclui-se ser o movimento da água de cima para baixo mais rápido, diminuindo progressivamente para os lados, mais intensamente quanto menor fôr a ação da capilaridade do solo considerado. A forma do *front úmido* estaria pois estreitamente ligada às propriedades físicas do solo, observando-se ser nos solos de fraca ação capilar, alongada verticalmente e estreita lateralmente, como a lembrar a forma de uma cenoura, enquanto que nos solos de ação capilar intensa se observa ser menos alongada verticalmente e mais larga lateralmente, lembrando a forma de um nabo arredondado.

1.4. *Conversão do teôr médio de umidade de uma camada de solo em altura de água* — Para a conversão de teôres de umidade em altura de água, a seguinte equação é facilmente obtida:

$$h = (U_1 - U_2).\ D_a.H/10$$

sendo: U_1 e U_2, dois teôres de umidade; D_a, densidade aparente, gr/cc; H, espessura da camada, cm; h, altura de água correspondente, mm.

A fórmula acima é de grande utilidade para fins de irrigação, conforme podem ilustrar as considerações seguintes: 1. suponha-se que se faz ..... $U_1 = Uc$ e $U_2 = Um$ obtém-se para h a quantidade de água disponível armazenável na camada de solo H;2. suponha-se que se faz $U_1 = Uc$ e $U_2 = U_a$, sendo U_a o teôr de umidade atual obtém-se para h a quantidade de água disponível consumida na camada de solo H; suponha-se que se faz ..... $U_1 = U_a$ e $U_2 = Um$ obtém-se para h a quantidade de água disponível existente na camada de solo H.

3. *Balanço de água no solo*

3.1. *Evapotranspiração*

a) *Evapotranspiração normal* — Quantidade de água normalmente transpirada pela cultura, mais a quantidade de água evaporada da superfície do solo, por ela ocupada, sem que haja deficiência de água no solo, geralmente expressa em mm de altura.

Blaney e Cridle, baseados em estudos de culturas irrigadas, estabeleceram a seguinte relação:

$$U = K\ F \text{ e } F = S(f) = S(t.i)$$

sendo: i, percentagem mensal de insolação horária; t, temperatura média, °C; S, somatória; K, constante para cada cultura; U, evapotranspiração normal, mm.

b) *Evapotranspiração potencial* — Quantidade máxima de água capaz de ser transpirada pela cultura e evaporada da superfície de solo por ela ocupada, quando o solo é mantido com suprimento contínuo de água Esta condição é obtida artificialmente nos *evapotranspirómetros.*

Thornthwaite, baseado também em estudos de culturas irrigadas, obteve a seguinte relação empírica:

$$e = 1{,}6.(10\,t/I)^a \text{ e } I = S(i) = S(t/5)^{1{,}514}$$

3.2. *Capacidade efetiva de extração de água disponível*

a) *Profundidade efetiva do sistema radicular* — Suponha-se uma cultura com um sistema radicular pivotante, cuja distribuição do sistema capilar é o seguinte: na camada H_1 70%; na camada H_2, 25%; e na camada H_3, 5%. Suponha-se também que a capacidade de extração de água do solo, das raízes capilares, é igual nas três camadas e, portanto, proporcional à quantidade de raízes. A profundidade efetiva do sistema radicular da cultura em aprêço é dada pelo soma: $H_e = 0{,}70.\ H_2 + 0{,}25.\ H_a + 0{,}05.\ H_3$ ou mais, geralmente pela expressão:

$$H_e = S(p_1 H_1)/100$$

sendo: H_1, as espessuras das camadas em que se distribuem as raízes; p_1 as percentagens de raízes capilares em cada camada; S somatórias; e H_e, a profundidade efetiva do sistema radicular.

b) *Capacidade efetiva de extração de água disponível* — Admitindo-se que as raízes da 1.ª camada têm capacidade de extrair tôda a água disponível, a capacidade de extração na 2.ª camada seria de 25.100/70 = 36% e na 3.ª camada seria de 5.100/70 = 7%. Sendo h_1, h_2 e h_3, respectivamente, as quantidades de água disponíveis nas três camadas, a soma: ..... $h_e = 1{,}00.h_1 + 0{,}36.h_2 + 0{,}07.h_3$ representa a capacidade efetiva de extração de água disponível da cultura considerada. De um modo mais geral, a capacidade efetiva seria dada pela expressão:

$$h_e = S(p_1 h_1)/100$$

sendo: h_1, as quantidades de água disponível armazenável nas camadas de solo exploradas pelas raízes; p_1, as percentagens de água disponível aptas para serem consumidas pelas raízes nas respectivas camadas; S, somatória; e h_e, capacidade efetiva de extração de água.

c) *Resistência das plantas à sêca* — Num mesmo solo, a resistência das plantas à sêca está estreitamente ligada à profundidade efetiva do sistema radicular; porém, em qualquer solo, está na dependência estrita de capacidade efetiva de extração de água disponível. O solo pode ser tido como um armazenador de água para a planta e quanto mais água estiver ao alcance dela maior será a sua resistência às sêcas. É interessante observar que nos solos normais, de boa fertilidade, inúmeras culturas parecem manifestar *a mesma* capacidade efetiva de extração de água disponível. Estão nesse grupo as culturas de campo (field crops). Thornthwaite estabelece que os solos normais podem perder, pela

evapotranspiração, 100 mm de água, sem dano àquelas culturas, recomendando tomar-se como base êsse valor, para estudos do balanço de água no solo.

3.3. *Balanço de água do solo* — O balanço de água do solo é feito com a finalidade dupla de 1.º) em qualquer época saber-se qual a quantidade de água disponível remanescente no solo, para uso da planta; 2.º) estudar a intensidade e frequencia das ocorrências de deficiência de água disponível no solo. Processo de grande utilidade para contrôle de irrigação.

O balanço pode ser feito mantendo-se um registro das variações de úmidade do solo, nas diversas camadas de solo exploradas pelas raízes, em função do tempo, para conhecimento das épocas de deficiência de água e, no caso de irrigação, para determinação da eficiência do método de aplicação de água e, ainda, para estabelecer diferenças nos tratamentos de aplicação de água, nos ensaios de irrigação.

Para a apreciação geral das necessidades de irrigação de uma região agrícola, o balanço de água pode ser feito empregando-se uma das relações seguinte:

$$D = S(h + P - e) \text{ e } D = S(h + P - u)$$

sendo: u, evatranspiração normal; e, evapotranspiração potencial; P, precipitação; h, balanço de água; S, somatória; e D, deficiência de água no solo. Dependendo dos valores apropriados de P, e e u, obtém-se D para o intervalo de tempo desejado, sendo para estudos gerais estabelecido com intervalo mensal.

Estudos dessa natureza, feitos para 14 municípios cafèeiros do Estado de São Paulo, permitem situar o problema das sêcas crescem na direção geral *norte noroeste* porque, de um modo geral, cai a precipitação *sul-norte* e aumenta a temperatura na direção *leste-oeste;* 2.º) no mesmo sentido cresce a amplidão das sêcas, com meses críticos em julho, agôsto e setembro; 3.º) a demanda média mensal de julho a setembro parece situar-se entre 60 a 80 mm, com demandas menores em julho e maiores em setembro.

4. *Experiências de irrigação de cafèzal*

4.1. *Objetivos das experiências de irrigação*

a) *Curvas de aumento do valor da produção em relação ao custo de irrigação* — Para a obtenção de uma tal curva, as experiências devem comportar variações de tratamentos de quantidade de água aplicada; devido às atividades fisiológicas das plantas variarem durante o ciclo, estabelecendo período críticos nas exigências de água, tratamentos de épocas de aplicação são também necessários, e, finalmente, devido à forte inter-ação *água-adubo,* tratamentos de adubação e irrigação são imprescindíveis.

Nas experiências de quantidade de água, os tratamentos são, geralmente, os seguintes: 1.º) sem irrigação; 2.º) irrigar quando a água disponível remanescente no solo chega a 1/3 de capacidade efetiva de extração de água; 3.º) irrigar quando a água disponível remanescente no solo chega a 2/3 da capacidade efetiva de extração de água. Às vêzes também se inclui um 4.º tratamento, que consiste em irrigar quando pràticamente tôda a água disponível é consumida.

Nas experiências de época e outras que não envolvem variações na quantidade de água, em geral é adotado o critério de irrigar quando 50% da umidade disponível é consumida.

Devido as dificuldades práticas para a determinação da capacidade de extração de água, experiências preliminares devem ser conduzidas, no campo,

a fim de se poder fixar, com certeza, a espessura da camada de solo a ser controlada.

b) *Extrapolação e interpolação de dados* — Se as experiências produzissem resultados puramente locais, impróprios para serem generalizados, o progresso da agricultura seria lento e custoso; todavia, há possibilidade de analisar os resultados em funções de fatôres pedológicos e climáticos, através de correlações e regressões que permitem extrapolá-los com relativa segurança, possibilitando fazer-se previsões em tôrno da ordem de grandeza dos resultados esperados em regiões diversas daquelas onde as experiências foram instaladas.

Sendo a *interpolação* dos dados experimentais mais segura do que a *extrapolação*, torna-se evidente que a escolha de locais para experiências deve ser feita para abranger as variações extremas, quer climáticas ou pedológicas. A rêde de estações experimentais abrange essas variações. Como as experiências de Irrigação são das mais custosas, escolheu-se um número mínimo de estações experimentais para instalação de experiências de irrigação. São elas as seguintes: Campinas, terra roxa, clima mais úmido e fresco no inverno; Ribeirão Preto, clima mais sêco e quente no inverno; Presidente Prudente, clima mais úmido e quente no inverno; Pindorama, arenito Baurú, clima mais sêco e quente no inverno.

4.2. *Resultados preliminares de irrigação de cafèzal* — Atualmente, o Instituto mantém três ensaios de irrigação de cafèzal velho, sendo um de caráter preliminar, pequeno, de irrigação por infiltração e dois, mais amplos, abrangendo tratamento de adubação, quantidade de água e época de aplicação, de irrigação pelo método de aspersão, sendo que o de infiltração e um de aspersão estão instalados em Ribeirão Preto e outro em Pindorama. Projeta-se ainda êste ano instalar mais três ensaios de irrigação e adubação de café novo, nas Estações Experimentais de Campinas, Ribeirão Preto e Pindorama. Provàvelmente, no próximo ano, será instalado mais um dêsses ensaios em Presidente Prudente.

Os seguintes resultados, de caráter preliminar, já foram conseguidos e devem, portanto, ser divulgados:

a) *Irrigação e florescimento* — Nos ensaios de irrigação de café pela aspersão, o florescimento ocorreu 9-11 dias após a aplicação de água; estudos mais amplos revelam que o florescimento de café em lavoura não irrigada ocorre geralmente de julho a novembro, estando estreitamente associado à ocorrência de chuva 8-13 dias antes. Parece, pois, que pela irrigação é possível, até certo ponto, regularizar o florescimento, contanto que seja retardada para iniciar-se em julho, excluida, é claro, a hipótese de chuvas anteciparam a abertura da florada.

b) *Irrigação e aumento de produção de café* — Procede-se atualmente à colheita dos ensaios de irrigação pela aspersão, não se dispondo ainda de dados que viessem demonstrar efeito dos diferentes tratamentos de irrigação e adubação. Os únicos dados de aumento de produção de café pela irrigação são aqueles do ensaio de irrigação por infiltração, ensaio de âmbito pequeno, porém com resultados espetaculares, pois demonstram que uma cultura de 20 arrobas de média pode passar a 40, com um aumento de ordem de 100%

c) *Irrigação de café e água necessária* — Apesar de o inverno passado ter sido considerado favorável para o café, no que respeita à distribuição de chu-

vas, aplicações de água de ordem de 50 mm cada 3 semanas, melhoraram pronunciadamente o aspecto vegetativo dos cafèeiros. Dados de umidade coletados após as irrigações demonstram, excesso de água que fôsse além do alcance das raízes. Observações de lavouras particulares, irrigadas, que se mantiveram bem enfolhadas em períodos críticos de sêca, indicam uma demanda de água em tôrno da grandeza assinalada. Estudos mais amplos de regressão de produção de café e distribuição de chuvas, completamentados por outros de deficiência de água, revelam demanda média mensal superior a 60 mm nos meses de julho, agôsto e setembro, sendo necessário notar que essa média obtida para os três meses está estreitamente associada à temperatura média mensal e, portanto, deve ser menor em julho maior em setembro.

LITERATURA CITADA

1. Houk, I. V. Irrigation engineering. I. Agricultural and hydrological phases. New York, John Wiley, 1951. 545 p.
2. Israelsen, O. W. Irrigation principles and practices. Second edition. New York, John Wiley, 1952. 405 p.
3. Ricco, G. La Irrigazione dei terreni. 1940.
4. Johns-manville. Supplemental irrigation, 1945.
5. Mallet, C. & Pacquant, J, Les barrages en terre. 1951.
6. Armco. Manual de hidrotécnica .. Rio de Janeiro, Armco, 1943. 610 p.

---

* Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTORA, realizada sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔMICO DO ESTADO DE S. PAULO, em Campinas, em 3-6-54.

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TITULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar Fone: 23-0012

SÃO PAULO: Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar Fone: 33-4976

SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

Resumos e Transcrições

VERIFICOU-SE, NO ANO DE 1954, UM AUMENTO DE 3 %, NO COMÉRCIO DA AMÉRICA LATINA

Êsse crescimento coube aos países que exportam café, cacau ou petróleo — As importações no mesmo período foram superiores em 10% *às de* 1953

O aumento do comércio da América Latina no ano de 1954 foi de 3% cabendo êsse crescimento aos países que exportam, café, cacau ou petróleo, segundo acaba de revelar o relatório anual do Fundo Monetário Internacional. Frisa a fonte que em 1953, o total das exportações latino-americanas alcançou .... 7.600.000.000 de dólares, enquanto que, em 1954 subiu a 7.850.000.000.

IMPORTAÇÕES

Informa por outro lado, que as importações latino-americanas foram, em 1954, 10% superiores às de 1953. O crescimento maior das importações sôbre as exportações acarretou um desenquilíbrio na balança comercial, da ordem de 435.000.000. No que se refere aos Estados Unidos, o desequilíbrio na balança de pagamentos não se agravou até fins de 1954, quando as exportações latino-americanas tiveram uma procura relativamente baixa de matérias-primas e uma redução apreciável das compras norte-americanas de café, enquanto as importações dos RUA continuavam subindo.

DÉFICIT

Acrescenta em prosseguimento o relatório, que o déficit latino-americano da balança de pagamentos com os EUA que se havia elevado a 350.000.00 de dólares, em 1953, e desapareceu quase totalmente nos primeiros meses de 1954, graças aos melhores preços do café, subiu novamente, no segundo semestre do ano, à media anual de 1.000.000.000 de dólares.

AUMENTO

Examinando os "acontecimentos monetários e financeiros internos", o relatório afirma que o aumento dos preços e do dinheiro em circulação no Brasil se acentuou em 1954, subindo os preços no atacado em cêrca de 30 por cento. Informa que o principal fatôr dessa situação foi o acentuado crescimento dos preços do café no estrangeiro, durante a primeira parte dò ano. Posteriormente, quando os preços nundiais do café baixaram, e se manteve um preço mínimo para a exportação, o financiamento das reservas da rubiácea produziu uma expansão considerável do crédito bancário.

CÂMBIO

Examinando a parte 'Políticas Cambiais', o relatório acentua que no Brasil as influências inflacionárias se tornaram mais fortes em 1954. Sua po-

sição internacional de pagamentos foi afetada pelo forte agravamento da balança de pagamentos da zona do dólar. As importações continuaram elevadas. Informa finalmente que o valor das exportações de café, para a zona do dólar, baixou acentuadamente, apesar dos preços mais altos do produto. A consequência foi um grave déficit de dólares, o qual, foi reduzido, em grande parte, com o uso de créditos a curto prazo e através de operações financeira levada a efeito em outubro de 1954 com o Banco da Reserva Federal de Nova York.

(Do "Diário do Comércio", 12-12-55)

SEGURO AGRÍCOLA

Cleveland de Andrade Botelho

Estão sendo divulgados os resultados do levantamento procedido pelo Instituto Brasileiro do Café, sôbre os efeitos das geadas dos dias 31 de julho e 1 de agôsto.

Verifica-se que o Estado do Paraná foi o mais atingido pelo fenômeno que ali assumiu proporções alarmantes. Realmente, tem-se agora conhecimento de que mais de 600 milhões de pés de café foram danificados. com intensidades que variam desde os fracamente queimados até a perda total de cafèeiros. Se a quantidade dos pés de cafés atingidos, num total superior a 600 milhões, já é de si um algarismo impressionante, maior efeito produz se se considera que corresponde a mais de 76% dos cafèeiros existentes naquele grande Estado. Pràticamente toda a lavoura cafèeira do Paraná foi danificada pela geada de 1955.

Este fato põe em relevo a gravidade do risco a que está sujeita a nossa cafeicultura, que se caracteriza pela sua natureza catastrofica. Para enfrentar riscos tão graves, é natural que o seguro agrário da respectiva modalidade apresentasse, tanto na parte do planejamento como na de operações, exigências e condições peculiares.

Em comentários subsequentes vamos assinalar essas características, para melhor conhecimento dos eventuais interessados. Podemos informar que a Companhia Nacional de Seguro Agrícola já está habilitada a efetuar o seguro dessas plantações, assumindo consequentemente a responsabilidade em relação a tais riscos; devem pois os interessados, seguindo o exemplo de outros plantadores daquela região, procurar a garantia do seguro a fim de que, na eventualidade de outra geada, não se vejam na contingência de suportar os prejuízos subsequentes.

Convém, desde logo, salientar que em se tratando de primeiras operações nessa modalidade a Companhia não poderá segurar todas as plantações do Paraná, em vista do grande vulto das responsabilidades que assumiria. Recomenda-se, assim, aos interessados que procurem desde logo os escritórios e corretores da Companhia, a fim de efetuarem os seguros de suas plantações.

LEI N°. 2.697 - DE 27 DE DEZEMBRO DE 1955

Prorroga para 31 de outubro de 1959, o prazo a que se refere o artigo 1.º da Lei n.º 2.095, de 16 de Novembro de 1953 (Dispõe sôbre o Financiamento da Lavoura do Café e estende seus benefícios aos cafeicultores cujas lavouras foram prejudicadas em sua produtividade econômica pelas geadas recentemente ocorridas).

O Vice-Presidente do Senado Federal no exercício do cargo de Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1.º — O prazo a que se refere ó art. 1.º da Lei n.o 2.095, de 16 de novembro de 1953, fica prorrogado para 31 de outubro de 1959.

Art. 2.º — São incluidos entre os beneficiários dos financiamentos previstos na mesma lei os cafeicultores cujas lavouras, situadas nas regiões dos Estados produtores atingidos pelas geadas ocorridas em julho e agôsto de 1955, tenham sido prejudicadas em sua produtividade ou formação de modo a que o respectivo custeio não se enquadre nas disposições do Regulamento da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A.

Parágrafo único — O disposto neste artigo se aplica também aos casos de prejuízos que não se estendam a mais de um período agrícola e de produtores já assistidos, nos têrmos da lei n.º 2.095, de 16 de novembro de 1953, ou que tenham expressamente renunciado aos seus benefícios, antes da promulgação desta lei.

Art. 3.º — Nos empréstimos a que se refere esta lei deverá ser incluida uma verba destinada a manutenção dos empreiteiros ou formadores de lavouras atingidas pelas geadas, durante o período de restauração dos cafèeiros, até o máximo de 4 (quatro) anos.

Parágrafo único — Para gozar dos benefícios desta lei, os lavradores prejudicados pelas geadas deverão assumir, nas escrituras de financiamento sob pena de êste não ser concedido, a obrigação de manter os contratos de formação de lavoura atualmente existentes e, ainda, de destinar aos empreiteiros a verba prevista nêste artigo.

Art. 4.º — Em casos excepcionais, plenamente justificados, e sempre mediante solicitação ou informação do Instituto Brasileiro do Café a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A. poderá defirir os emprestimos de que trata esta lei antes do período agrícola a iniciar-se a 1 de novembro de 1955.

Parágrafo único — Os financiamentos concedidos após a ocorrência das geadas de 1955, pela Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil S. A., em caráter de emergência e para os mesmos fins aqui previstos, até Cr$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) cada um, a pequenos e médios produtores, cuja colheita, na safra que findou, tenha sido nula ou insuficiente para atender ao custeio dos trabalhos culturais, no período agrícola 1955-56, das

lavouras atingidas, serão considerados como antecipação das posições dêste diploma, mediante a inclusão dos saldos devedores que apresentarem após a promulgação desta lei, nos primeiros orçamentos de custeio relativos aos financiamentos especiais diferiveis, aos mesmos mutuários, nas condições contidas na presente lei.

Art. 5.º — O prazo das operações será de 1 (um) ano, sucessivamente prorrogável por igual tempo, até a recuperação da produtividade dos cafèeiros, desde que, entretanto, não ultrapasse o período fixado pelo art. 1 º.

§ 1.º — O prazo inicial poderá ser superior ou inferior a 1 (um) ano, para coincidirem os períodos contratuais com os dos trabalhos agrícolas.

§ 2.º — Em cada prorrogação do prazo se vinculará ao contrato a colheita acaso já em via de formação no curso do novo período contratual, quaisquer que tenham sido as garantias iniciais do financiamento.

Art. 6.º — As garantias serão constituidas por penhor rural, hipotéca ou fiança, conjunta ou isoladamente.

§ 1.º — Dependerão obrigatòriamente de hipotéca os financiamentos superiores a Cr$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros), por período agrícola, e os que, de qualquer valor e prazo, se destinem ao custeio de lavouras em formação, assim consideradas aquelas até (três) anos à epoca das geadas verificadas em 1955.

§ 2.º — Quando exigível a hipotéca e esta se tornar impossível, por se acharem os imóveis, cujas lavouras foram atingidas, apenas prometidos ao beneficiário ou por êle requeridos a Estado ou Municípios, admitir-se-á a garantia de outro imóvel, rural ou urbano.

§ 3.º — É dispensada a anuência do proprietário agrícola à constituição do penhor das colheitas de café dadas em garantia dos financiamentos inclusive as formadas em terrenos devolutos, desde que o respectivo ocupante tenha, pelo menos, apresentado requerimento já deferido, de discriminação em seu favor da área ocupada.

§ 4.º — A constituição da garantia pela forma prevista no § 1.º dêste artigo será facultada aos beneficiários da lei n.º 2.095, de 16 de novembro de 1953, observadas as mais condições nela estipuladas e não expressamente alteradas.

Art. 7.º — Quaisquer que sejam as garantias oferecidas, os lavradores beneficiados destinarão integralmente ao Banco, para venda e pagamento da dívida, o café colhido nos imóveis atingidos.

Art. 8.º — Fica prorrogado para 31 de outubro de 1959 o prazo de que trata o art. 7.º da lei n.º 2.095 de 16 de novembro de 1953, exceto quanto os cafeicultores cujas lavouras não foram atingidas pelas novas geadas de 1955 que terão o aludido prazo prorrogado, apenas, para 31 de outubro de 1957.

Parágrafo único — Cessarão de pleno direito, os efeitos da moratória assegurada pelo art. 7.º da lei n.º 2.095, de 16 de novembro de 1953, desde que o cafeicultor renuncie expressamente aos favores daquele diploma legal ou aos da presente lei, ou liquide o financiamento especial, quer em virtude da recuperação de suas lavouras, quer pela obtenção de recursos outros.

Art. 9.º — Considerar-se-ão em fraude de execução dos financiamentos resultantes desta lei, as alienações feitas sem prévia anuência do Banco do Brasil S. A., quer de produtos dos cafèeiros dos imóveis atingidos, embora ainda não vinculados aos contratos, quer de direito e ação dos beneficiarios referentes aos aludidos imóveis, em aquisição.

Art. 10 — Fica a Carteira de Redescontos do Banco do Brasil S. A. autorizada a conceder fora dos limites em vigor, aos estabelecimentos bancários, o redesconto de títulos provenientes do financiamento de recuperação e até o prazo de 1 (um) ano, prorrogável, bem assim dos títulos oriundos de promessas de venda de terras financiadas a que se refere o art. 7.º da lei n.º 2.095, de 16 de novembro de 1953, e até o prazo previsto no art. 8.º desta lei.

Art. 11 — Nas localidades onde o Banco do Brasil S.A. não dispuser de agências ou escritórios, para que o financiamento atenda o maior número possível de lavradores, poderá a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial daquele Banco delegar essas operações de crédito aos Bancos particulares existentes na região, mantidas as mesmas condições de custeio e taxa de juros usuais para êsses financiamentos.

Art. 12 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1955; 134.º da Independência da República.

NEREU RAMOS

Mário da Câmara

(Do "Diário Oficial, Rio - 29-12-55)

Durante tôda a história cafèeira, nunca os países produtores de cafés *milds* tiveram estoques a guardar. Os cafés invendáveis, as *sobras*, têm cabido apenas ao Brasil. O motivo é bastante conhecido: basta comparar a qualidade, a apresentação, o aspecto da mercadoria que apresentamos e da que apresentam os nossos concorrentes.

De um lado um produto cheio de páus, de pedras, verdes, prêtos, chôchos, ardidos, podres; de outro, um artigo fino, limpo, cheiroso, verde-cana, sem um detrito. Na hora da superprodução, é evidente que o invendável deve ser o primeiro.

ESTAMOS CEDENDO O MERCADO CHILENO PARA OUTROS PRODUTORES DE CAFE'

URGENTE A ELABORAÇÃO DE UM NOVO ACÔRDO COM AQUELA NAÇÃO — POSSIBILIDADES DE MAIOR INTERCÂMBIO COMERCIAL COM O BRASIL

O retardamento de demarches, para a regularização de nosso comércio com o Chile, tem prejudicado de maneira sensível a nossa exportação para aquela nação, segundo acaba de revelar a última publicação "O Economista". Frisa a fonte que a verdade é que estamos cedendo o mercado chileno para outros produtores de café.

OUTROS

Aquela fonte em prosseguimento afirma que pela primeira vez, em muitos anos, o Chile faz compras de café em outros mercados, tendo adquirido recentemente do Equador 150.000 de dólares do produto. Informa que o Itamaratí procura, através de um novo acôrdo, ajustar os problemas do comércio brasileiro-chileno, e realmente é necessário que se apresse, antes que novas e desagradáveis notícias sejam registradas.

COMPRAS

Em continuação informa aquela publicação que as compras brasileiras do Chile, no primeiro trimestre do corrente exercício, montaram a 5.646.964 dólares, sendo que os produtos de maior frequência foram os salitres, granulado, sódico e potássico, que corresponderam, respectivamente, a 11.364, e 25.753 toneladas. Os vinhos, os ferros em barra e a cevada maltada, tiveram também grande representação nessas compras.

POSSIBILIDADES

Em seguida aquela publicação afirma que é evidente que existe maior possibilidade de incremento de relações comerciais do nosso com aquele país andino. Seu mercado consumidor — frisa — oferece ótimas perspectivas para muitos produtos brasileiros, além do café, algodão, tecidos e pneumáticos. No caso especial do café — finaliza — estamos diante de um acontecimento cuja importância não pode deixar de ser considerada com brevidade e atenção.

(Do "Diário do Comércio",20-12-55)

Já se fala em instituir monopólio das importações de café na Itália

A IDÉIA SURGIU PELA PRIMEIRA VEZ EM JULHO, NA CÂMARA, TENDO SIDO REPETIDA A SUA DEFESA AGORA — APROVAÇÃO DE DECRETOS-LEIS, EXEMPLO DE FLEXIBILIDADE LEGISLATIVA

Constantino IANNI

A aprovação, pelo Senado Italiano, dos decretos-leis do Executivo que recentemente elevaram os impostos sôbre o café e alguns outros produtos deu lugar a que se fizesse de novo a defesa de uma idéia que "está no ar" e aos poucos vai tomando corpo nos meios governamentais do país, especialmente nas bancadas da esquerda parlamentar. Trata-se da instituição do monopólio estatal das importações de café, de que já se falou pela primeira vez em julho, numa das comissões da Câmara, e depois quando esta aprovou as mesmas medidas fiscais agora ratificadas pelo Senado. Assim, esta foi a terceira vez que o problema foi mencionado. O que é mais importante, porém, é que há dias o próprio ministro das Finanças, falando sôbre o assunto na Câmara, se referiu a êle em têrmos que equivalem a aceitar pelo menos o exame do novo problema, quando disse que a instituição de um monopólio estatal para as importações de café não pode ser excluída, apriorísticamente. Acrescentou, porém, que o assunto requer uma apreciação ponderada de todos os seus aspectos, tanto positivos como negativos, dado que a intervenção do Estado talvez possa ter efeitos diversos dos esperados. A posição das bancadas das esquerdas (P.S.I. e P.C.) nas duas casas do Parlamento está definida: contra os aumentos de impostos e instituição do monopólio estatal, com o argumento de que esta segunda medida, sem maiores ônus para os consumidores, carrearia para o Tesouro os lucros de bilhões de liras realizados anualmente pelos importadores. Naturalmente votaram contra a majoração dos tributos, todavia aprovada pela maioria do govêrno: na Câmara, 251 votos favoraveis e 220 contra. Talvez devamos esclarecer o leitor brasileiro sôbre o seguinte fato: na Itália, como em outros países europeus, as bancadas esquerdistas são uma fôrça, dentro do legislativo e na política interna, como qualquer outra; os partidos que constituem o govêrno e a maioria oficial não podem permanecer indiferentes aos problemas que as esquedas propõem, sem perder o seu prestígio eleitoral em favor delas, permitindo-lhes que monopolizem as simpatias dos consumidores. Por enquanto, aqui ninguém discute a validade de eleições e do livre jogo do processo democrático, com respeito aos resultados das urnas e aos deputados e senadores eleitos pelo povo, qualquer que seja o seu partido.

O PROBLEMA

O problema da instituição do monopólio estatal das importações de café pode ser considerado, no momento, neste pé: mais de um têrço do Parlamento é favorável à sua adoção, e o govêrno, segundo se pode concluir das palavras do ministro das Finanças, não exclui "a priori" o seu exame. Assim, é uma possibilidade em vista, fortalecida pela tradição do Estado italiano como o maior proprietário e gestor de emprêsas industriais e de outras de todo o gênero no país. Não faltam precedentes entre os quais os do monopólio do sal e da produção, industrialização e comércio de tabacos. Um exemplo: segundo dados não oficiais, o Estado italiano obteve em 1954, com a manipulação de matéria-prima (tabaco, papel, etc.) avaliada em apenas três bilhões de liras, uma receita bruta de nada menos de 240 bilhões de liras através do seu monopólio de tabacos.

A idéia de instituir-se o monopólio da importação de café surgiu, porém, numa comissão da Câmara, em julho último, quando se discutia como obter recursos para executar-se uma projetada lei que visa criar um serviço de previdência social, com aposentadoria, etc., para as donas de casa, que para êsse efeito os partidos de esquerda querem

equiparar aos trabalhadores. Segundo a orientação que também adotam em face de outros problemas, esses partidos advogam medidas que, ao invés de agravar os ônus fiscais sôbre os consumidores em geral, transfiram para o Estado atividades rendosas e o Tesouro venha a ficar com os lucros que hoje remuneram os capitais e as emprêsas privadas. Naturalmente, não se aprofundou o debate — apenas sugerido pelo ministro das Finanças — sôbre se êsses lucros continuarão a existir ou serão os mesmos quando uma atividade hoje exercida por particulares venha a constituir monopólio de uma entidade oficial. Contudo, diante do alinhamento atual das forças políticas no Parlamento — e salvo uma iniciativa do próprio Executivo que por enquanto não se pode prever — os exportadores brasileiros podem dormir tranquilos e continuar a usufruir os seus "lucros cambiais" propiciados pelos "prezzi spaccat". Por questões de princípios, um projeto das esquerdas nêsse sentido não alcançaria a necessária maioria.

CONSEQUÊNCIAS PARA O BRASIL

Nos últimos dias, porém, o assunto teve novo desenvolvimento quando o ministro Andreotti esclareceu que não foram aumentados os impostos sôbre os sucedâneos do café, "para não onerar em nenhum modo os orçamentos familiares". E admitiu de novo o exame do problema do monopólio, falando até na criação de "um novo ramo na emprêsa dos monopólios". Será só criar uma nova seção num organismo já existente. Assim, não é prematuro prever os problemas que um eventual monopólio acarretará para o comércio de café italo-brasileiro.

Em primeiro lugar, desaparecendo os importadores, ficará neste país um só comprador, o que favorecerá os países exportadores que tenham uma política de vendas unitária e serviços de vendas organizadas, como a Colômbia, com a sua Federação, ou a Bélgica, com a sua autarquia que comercializa oitenta por cento do café do Congo. Mudarão as condições para uma eventual campanha de propaganda dos países produtores, considerada necessária para transformar em mercado atual o consumo potencial existente na Península. De outra parte, desaparecerão as fraudes cambiais que os exportadores daí só podem fazer com a colaboração de importadores particulares do exterior. O I.B.C. está aparelhado para tratar, como vendedor ágil e eficiente, com um monopólio de importação de outro país?

APROVAÇÃO DOS DECRETOS-LEIS

Não sabemos se o noticiário chegado aí foram baixadas pelo govêrno através de decretos-leis, agora transformados em leis pela sua aprovação pelo Parlamento. Eis um exemplo de flexibilidade legislativa que, se existisse no Brasil, teria evitado a tempestade da reforma cambial. O sistema decorre de um simples artigo da Constituição da República Italiana, que (art. 77) diz:

"O govêrno não pode, sem delegação das Camaras" — Câmara e Senado — "emitir decretos que tenham valor de lei ordinária.

"Quando, em casos de necessidade extraordinária e de urgência, o govêrno adota, sob a sua responsabilidade, medidas provisórias com força de lei, deve no mesmo dia apresentá-las, para a sua conversão (em lei) às Câmaras que, mesmo em ferias, serão especialmente convocadas e se reunirão dentro de cinco dias.

"Os decretos perdem a sua eficácia desde o início se não forem convertidos em lei dentro de sessenta dias da sua publicação. As Câmaras podem, todavia, regular por lei as relações jurídicas surgidas com base nos decretos não convertidos" (em lei).

(Da "Folha da Manhã", 22-12-55)

O BRASIL DEVE MANTER ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS ITALIANOS

Constantino IANNI

Que deveria fazer o Brasil para aumentar as suas vendas de café na Itália (como, aliás, em outros países europeus em que há visíveis tendências e possibilidades de expansão do consumo) Vários torradores e importadores de diversas regiões deste país mencionaram, em suas respotas à pergunta que lhes formulamos a esse respeito, a necessidade de o Brasil manter depósitos permanentes de café nos principais portos italianos. Outros aos quais expusemos depois o problema se manifestaram igualmente favoráveis a uma iniciativa desse gênero, havendo mesmo o que já a tenha sugerido a representantes brasileiros.

A idéia também não é nova no Brasil, onde não há, porém, indícios de que alguém ou alguma entidade oficial se disponha a pô-la em prática. Aliás sabemos de pelo menos uma firma de São Paulo que há poucos anos pretendeu fazer embarques de café para a Europa em consignação, com o objetivo de manter estoques num dos grandes portos deste continente, não tendo obtido, porém, a necessária autorização governamental para transformar esse plano em realidade. A venda do câmbio ao Banco do Brasil seria feita parceladamente, à medida em que o produto fôsse colocado aqui. É possível que o govêrno brasileiro tenha tido boas razões para negar atendimento à pretenção de um exportador. Mas os importadores europeus não compreendem a falta de iniciativas do Brasil — não lhes importa que sejam do govêrno ou não — quando a manutenção de estoque nos grandes portos permitiria, asseguram, aumentar as vendas do nosso principal produto de exportação, de que teremos no futuro próximo, segundo tudo indica, excedentes cada vez maiores.

O PROBLEMA DO IMPORTADOR

Na Itália, todos os torradores de alguma importância são também importadores, o que dá características especiais ao problema: Não existe, assim, um comércio puramente importador de café através do qual passe todo o volume da rubiácea que entra no país, como se poderia erroneamente supor. Isso explica, em parte, o interêsse pràticamente geral dos meios cafèeiros pela manutenção, por um país como o Brasil, de estoques de café nos principais portos da Península. O problema principal do importador consiste, hoje, em fazer suas compras de modo que a instabilidade dos preços não lhe acarrete perdas. Para isso, tem de adquirir partidas pequenas. Neste país, o volume das partidas que habitualmente se negociam na importação vem sendo cada vez menor, pois era de 250 sacas há alguns anos, depois passou para 125 e hoje já se reduziu a 63 sacas. Uma partida de café adquirida no Brasil sempre leva para chegar ao porto italiano, mais de trinta dias, podendo ocorrer, até que o produto chegue à torrefação, quedas de preços. Por esse motivo todos cuidam de adquirir apenas o mínimo de cada vez e isso explica a observação que frequentemente se lê nas informações sôbre o mercado de Santos: "...negócios moderados porque os céntros de consumo continuam comprando em pequena escala". Havendo estoques nos portos do país, dizem os importadores italianos, cada um poderia comprar as quantidades que quisesse e ter o café em seu armazém, dentro de poucos dias, sem as preocupações atuais quanto à demora da entrega e às oscilações dos preços.

Parece óbvio que a manutenção de estoques nos portos de um país importador permitirá ao produtor que tomar essa iniciativa vir a encontrar-se em posição muito vantajosa para a colocação de seu café em face da competição de outros exportadores. A situação instável do mercado internacional nos últimos anos criou, afinal, o habito de os operadores fazerem compras pequenas, o que constitui condição favorável ao êxito de uma política de vendas baseada na manutenção de tais estoques no exterior.

ONDE?

Importadores italianos acham que o Brasil deveria manter seus estoques aqui nos portos de Gênova, Nápoles e Trieste, não faltando também uma menção ao de Livorno.

Salienta-se que Nápoles tende a tornar-se mais importante do que Gênova. É fácil de ver, de outra parte, que Trieste seria também uma base para a expansão das vendas de café na Europa Central. Mas êsse é um aspecto secundário da execução de uma idéia para a qual é preciso, antes de mais nada, conquistar e mobilizar o I.B.C. Este seria, nas condições atuais, o órgão natural para pôr em prática tal política, e a êle caberia a solução de muitas outras questões práticas, como a adoção de iniciativas semelhantes em outros portos da Europa, a relações com os exportadores e o Banco do Brasil, etc.

O COMÉRCIO REGULAR E O EXEMPLO DA COLÔMBIA

Tivemos ocasião de conversar sôbre o assunto com o sr. Horácio Cintra Leite, presidente do "Bureau" Pan-americano do Café, que encontramos em Bruxelas por ocasião da Conferência Interafricana que lá se realizou. O sr. Cintra Leite também se manifestou favorável à sugestão dos importadores italianos, lembrando que a Colômbia já resolveu pô-la em prática no maior mercado consumidor de café do mundo, mantendo estoques nos Estados Unidos. Mencionou, porém, o fato de que alguns círculos responsáveis pelo problema no Brasil seriam temerosos de que tal iniciativa viesse a desorganizar o comércio importador regular. Tal temor nos parece, de um lado, infundado, sobretudo quando, como na Itália, a industria de torrefação ocupa lugar tão saliente na importação que ela promove diretamente, de outra parte, admitir êsse problema ou para diante dêle seria o mesmo parece-nos, que admitir um conflito entre os interesses da economia cafeeira do Brasil e os dos importadores ou os de alguns dêles de um país consumidor, hipótese em que não deveriamos hesitar em fazer prevalecer os primeiros. Com o mesmo espírito deveria ser encarado, sem dúvida, qualquer possível litígio que uma política realista e "agressiva" de vendas, baseada na manutenção de estoques no exterior, acaso venha a criar com os exportadores.

ASPECTOS DA COMPETIÇÃO

Não se pense que em todos os países se encaram os problemas da comercialização com a mesma aparente ind ferença que se nota no Brasil. A projetada criação da Associação Interafricana do Café é um indício de que os produtores da África não só se vão organizar, mas terão também um orgão propulsor da sua produção, que influirá na qualidade do produto e na eficiência da comercialização. Os territórios coloniais da Bélgica, da França e da Grã-Bretanha têm assegurada a colocação de toda ou quase toda sua produção nas respectivas metrópoles, contando com a eficiência comercial destas para a exportação dos excedentes. (No que diz respeito à França, por exemplo, oitenta por cento da produção de suas colonias são suficientes para as suas necessidades desses tipos de café, segundo nos informou representante de Paris na Conferência de Bruxelas.) Num artigo sôbre a escassez do consumo, um importador português assim se referiu ao problema, em termos que sugerem a hipótese de a organização dos africanos ser uma reação à possível tentativa de expansão das vendas latino-americanas na Europa: "E sabemos também que os produtores sul-americanos já estão, na previsão da insuficiência do mercado estadunidense, procedendo a largas e profundas infiltrações nos mercados da Europa tentando desalojar, com os seus cafés "Arábica", os "Robusta" africanos".

Da "Fôlha de Manhã" - 13-10-55)

Adote-se o processo da exportação do café industrializado

O Observador Econômico e Financeiro, em circulação, pública em suas páginas um editorial levantando a tese da exportação do café industrializado, em lugar de continuarmos a fazê-lo segundo moldes do Brasil-colonial.

São conhecidas, de antemão, as vantagens da exportação do café industrializado no que tange à redução do pêso e volume, pagamento de fretes, facilidade de compra, transporte e preparo. A exportação do café em grão sòmente traz desvantagens, não só ao vendedor como ao comprador. Econômicamente, é mesmo que exportar manganês em vêz de vendermos o ferro que nada mais é senão êsse minério industrializado.

Além das vantagens enumeradas sobreleva a de que tal revolução no nosso comércio cafèeiro poderia, conforme é esperado, aumentar o consumo da bebida nos tradicionais países consumidores, o que, de resto, é o que mais nos interessa. Como se sabe, com a valorização artificial do produto, nos mercados internacionais, durante certa época, alguns países foram despertados para o cultivo do café e, hoje, a ameaça da superprodução é fato real e bastante grave para o Brasil, que por muito tempo, desfrutou de privilegiada posição como maior produtor da rubiácea. Cumpre, pois, intensificar a sua produção, por todos os meios e modos ao nosso alcance.

Somos de opinião de que não se deve desamparar a cultura do café, em nosso país, mas, sim, aperfeiçoar os seus métodos de produção, e, sobretudo, a forma de como industrializá-lo, porque, seja como fôr, êste produto representa e continuará a representar por muito tempo a base de nossa receita cambial. É certo que não devemos deferir ao café quase todo o pêso da produção de divisas. Há outros produtos, conforme temos sustentado destas colunas, que poderiam ser grandes subsidiárias como fonte de moedas fortes.

Alea jacta est - a semente está lançada. Resta às autoridades e aos próprios cafeicultores a acolhida dessa idéia extraordinária e o abandono dos velhos processos, porque o mundo de hoje é bem diferente daqueles tempos de Brasil Colônia.

(Do "Diário Carioca", Rio, 24-12-1955)

ECONOMIA E FINANÇAS

Aumentado o Impôsto de Consumo sôbre o café da Itália

A Câmara Italiana — noticiou o jornal especializado em informações sôbre indústria, comércio, finanças e agricultura, "Il Sole", de Milão, — aprovou a conversão em lei, de dois decretos concernentes, um, às modificações do impôsto de consumo sôbre café; e outro, com referência às variações do impôsto de fabricação sôbre óleos minerais lubrificantes.

O ministro das Finanças, parlamentar Androoti, declarou que os aumentos dos impostos sôbre os mencionados produtos faziam-se necessários devido, à exigência de atender a uma cobertura que fizesse face aos novos ônus do Estado, derivantes da lei de benefícios aos funcionários públicos.

(Do "Jornal do Comércio", Rio, 25-12-55)

NOVOS RUMOS PARA O CAFÉ DO ESPÍRITO SANTO

O presidente do I.B.C. aprovou o plano de melhoria da qualidade e racionalização do cultivo

O presidente do Instituto Brasileiro do Café acaba de regressar do Espírito Santo, por onde realizou demorada viagem a convite do govêrno do Estado e em companhia do secretário da Agricultura Osvaldo Zanelo. Objetivou a ida do dr. Paulo Guzzo àquele Estado Cafèeiro o propósito de percorrer tôdas as zonas produtoras de café e nelas manter contacto com as Associações Rurais e com os lavradores, a fim de, com a colaboração das autoridades estaduais, assentar as últimas medidas de um plano a ser pôsto imediatamente em execução de melhoria da qualidade e racionalização do cultivo do café na mencionada unidade da Federação.

A disposição do govêrno do Espírito Santo, empenhado em resolver os problemas de cafeicultura capixaba, veio ao encontro do programa do Instituto Brasileiro do Café, permitindo a visita do presidente da autarquia cafèeira inteiro êxito na combinação dos detalhes. O dr. Paulo Guzzo assumiu o compromisso de prestar tôda a assistência aos trabalhos que se desenvolverão em favor da cafeicultura espírito-santense.

O presidente do I.B.C. percorreu tôda a zona cafèeira da região do Rio Doce, principalmente os municípios de Colatina, Marilândia, Limoeiros, Alto Liberdade, São Pedro de Marilândia, recebendo da grande coletividade de cafeicultores expressivas homenágens.

Estudou o dr. Paulo Guzzo com os lavradores e as autoridades estaduais a situação da Cooperativa Agrária da Colatina, importante entidade que congrega numerosos cafeicultores. A Cooperativa apresentou como sua aspiração máxima no momento o desejo de dirigir a Usina de Beneficiamento e Despolpamento de Café que o I.B.C. mantém em Colatina. O dr. Paulo Guzzo resolveu imediatamente examinar o arrendamento da usina à Cooperativa, com a subordinação sempre a uma nova orientação, tendo como escôpo principal o desenvolvimento de modo prático da campanha de melhoria de tipos e qualidades daquela região.

Visitou também o dr. Paulo Guzzo a Escola Agro-Técnica de Santa Teresa, onde o I. B. C. mantém Campo de experimentação e onde se realizam novas competições de variedades. Ainda naquela Escola, visitou o Museu de Biológia, no qual manteve demorado contacto com o biologista Augusto Ruschi, examinando ambos a possibilidade de encontrar-se um método de combate biológico ao Stefanadores naquele Estado, onde a praga causa vultosos danos na produção do café .

O CAFÉ COMO INCENTIVO À FREQUÊNCIA NO TRABALHO

Dois supervisores do Serviço de Impressão do Departamento do Comércio, aprenderam, hoje, que o café gratis pode reduzir as faltas ao trabalho.

As faltas se tornaram tão frequentes entre os 66 impressores, que os supervisores Hilton White e Mithcell Bushery decidiram procurar uma solução para o problema.

Organizaram os impressores em equipes de dez, com um líder. A equipe com o maior índice de frequência, no final de duas semanas, teria o café da manhã pago pelos demais — os das equipes de faltosos.

Quando perguntaram o que sucederia se todos comparecessem regularmente, White e Bushery responderam que pagariam êles mesmos o café para todos.

Hoje, completaram às duas semanas, e White e Bushery mostraram-se decididos a manter a palavra empenhada. Estão, assim, obrigados a pagar 39.60 dólares cada um, por tôdas as "médias" de café que foram gostosamente ingeridas por seus 66 impressores, até se fartarem... (IPS).

(Do "Correio da Manhã", Rio - 17-12-55)

EM UGANDA, A "BOARD" PROTEGE O AGRICULTOR

Gil Rodrigues Junior

No território de Uganda, possessão britânica na Áfrisa, cabe ao "Coffee Board", ou "Junta do Café", a proteção aos lavradores ,através da orientação e execução da política da produção e dos preços do café.

Os pequenos produtores e mesmos os grandes quando assim o desejam, enviam os seus cafés à "Board", por intermédio das usinas de beneficiamento. Estas pagam aos cafeicultores o preço fixado pelo govêrno, antes de cada safra, conforme o tipo e a qualidade. A Junta, por sua vez, paga às usinas — curing works" — o preço também estipulado pelo governador.

Os grandes fazendeiros europeus que dispõem de máquinas de beneficiamento, podem vender seus cafés diretamente à "Board". Esses produtores devem, entretanto, reservar 25% de suas colheitas para cumprimento do contrato feito com o Ministério da Alimentação da Grã-Bretanha, relativo a compra de 1.500 toneladas de café por ano, contrato êsse que tem a duração de cinco anos, devendo terminar em 1957.

Para proteger o cafeicultor contra as oscilações de preços no mercado mundial, no ano passado, por decreto, foram criados o "Coffee Assistence Price Fund" e o "Coffee Industry Fund", ou sejam, respectivamente, "Fundo de Defesa do Preço do Café" e "Fundo da Indústria do Café". O primeiro, cujo montante total foi estipulado em 15 milhões de libras, é constituido pelo sobrepreço obtido pela "Board" nas vendas dos cafés pagos aos produtores a preços prefixados. As receitas suplementares dos dois "Fundos" são entregues ao "Uganda African Developement fundo", isto é, "Fundo para Progresso dos Africanos de Uganda", destinado a incrementar o desenvolvimento agrícola.

O segundo, que é dirigido pela "Junta", é utilizado na compra de café às usinas e aos grandes fazendeiros que tenham optado por vender suas colheitas por intermédio da "Board"; no pagamento das despesas de administração da entidade e em garantir, anualmente, um determinado preço de compra do café de produção indígena ou das grandes fazendas.

Todos os lucros realizados mediante as vendas são entregues pela "Junta" ao "Coffee Industry Fund", depois de deduzidas as despesas. A "Board" pode também fazer investimentos, empréstimos ou financiamentos que possam favorecer a indústria cafèeira, utilizado para êste fim, o numerário que não seja preciso para suas transações normais.

Em 1954, os "Fundos" despenderam 4,5 milhões de libras em consequência da queda das cotações, sendo ainda prevista uma redução dos preços de compra do café indígena.

E, assim, a "Junta de Café" de Uganda protege eficientemente os produtores.

(Da "A TRIBUNA" — Santos — 25-12-55)

ACUSAM AUMENTO AS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ DA ÁFRICA ORIENTAL BRITÂNICA

As remessas efetuadas nos primeiros sete meses de 1955 *superaram em* 61,5% *as de idêntico período do ano passado*

Vem acusando sensíveis progressos as exportações de café produzido nas colônias da África Oriental Britânica (Kenya, Uganda e Tanganyka). Assim é que, nos primeiros sete meses deste ano, suas remessas montaram a ..... 1.267.347 sacas, acusando aumento de 61,5% sôbre os embarques verificados em igual período de 1954.

Como se vê do quadro abaixo, tal melhoria resultou em grande parte da intensificação das compras norte-americanas, graças aos preços mais baixos oferecidos pelos produtores coloniais. Com efeito, as aquisições dos importadores ianques passaram de 141.113 sacas, de janeiro a julho de 1954, para 381.040 nos meses correspondentes de 1955, ou sejam, mais 170%. Os Estados Unidos deslocaram, assim a Grã-Bretanha do posto de principal escoadouro do café da África Oriental. todavia, no período em exame, também tiveram acrescimo as importações britânicas, na ordem de 2,3%.

Por outro lado, aumentaram os embarques para a Itália, a Austrália, o Egito, o Sudão Anglo-Egípcio e a África do Sul, enquanto houve diminuição relativamente à Alemanha e ao Canada.

Embora sejam insuficientes as informações sôbre os planos futuros dos produtores da África Oriental Britânica, sabe-se que êles procuram articular-se com os de outras regiões cafeeiras do Continente Negro, no sentido de concentrar seus esforços no mercado europeu, pois não esperam que as vendas para os Estados Unidos se conservem no rítmo observado nos últimos tempos. Esse fato, ao mesmo tempo, revela preocupação em assegurar a diversificação de mercados.

EXPORTAÇÕES DE CAFÉ DA ÁFRICA ORIENTAL BRITÂNICA
(*Janeiro a julho de* 1955, *em confronto com igual período do ano anterior*)

	Sacas de 60 ks		*% + ou —*	*% sôbre o total*	
	1954	*1955*	*em 1955*	*1954*	*1955*
Estados Unidos	141.113	381.040	+ 170,0	18,0	30,1
Grã-Bretanha	252.336	258.031	+ 2,3	32,1	20,3
Itália	30.321	136.506	+ 350,2	3,9	10,8
Alemanha	125.689	106.180	— 15,5	16,0	8,4
África do Sul	63.640	68.005	+ 6,9	8,1	5,4
Sudão Anglo-Egípcio	14.089	42.884	+ 204,4	1,8	3,4
Austrália	21.006	39.227	+ 86,7	2,7	3,1
Canadá	49.667	38.681	— 22,1	6,3	3,0
Egito	16.494	22.396	+ 35,8	2,1	1,8
Outros	70.492	174.397	+ 147,4	9,0	13,7
TOTAL	784.847	1.267.347	+ 61,5	100,0	100,0

(Quadro elaborado pela FOLHA DA MANHÃ, com números absolutos George Paton & Cia.)

(Da "FOLHA DA MANHÃ" — 30 de Novembro de 1955)

COLHEITA RECORDE DE CAFÉ ROBUSTA EM PLANTAÇÕES AFRICANAS DE UGANDA

Subvenção de 4.500.00 Libras Recebida Pelos Cafeicultores
Expressiva Quantidade de Café "Árabe"

Os plantadores africanos de café da Uganda receberam, êste ano, ... 4.500.000 libras de subvenção para as suas colheitas.

Essa soma foi retirada dos 15.000.000 de libras do fundo de assistência ao preço do café, criado com os lucros passados e do qual nada fôra retirado até agora. Êsse fundo deveria permitir o pagamento das diferenças entre os preços mundiais do café que baixassem e os preços garantidos pelo govêrno da Uganda aos plantadores africanos.

A importância da subvenção explica-se pela colheita "record" realizada êste ano de 63.500 toneladas de café "robusta", das quais apenas 7.000 nas propriedades do Estado, sendo às 56.500 toneladas restantes colhidas pelos africanos nas pequenas propriedades. A colheita de 1955 ultrapassou em 20.000 toneladas a colheita "record" realizada em 1951.

No fim de 1954 os plantadores recebiam a garantia de que teriam o pagamento de 1 shilling e 25 por libra de café verde. Êsse preço era baseado na elevada cotação mundial do café na época.

Apesar de terem caido brutalmente os preços mundiais, o govêrno não tinha a possibilidade legal de reduzir a garantia, que era válida por seis meses, durante os quais havia sido colhido todo o café. Para o resto da colheita da estação o preço foi reduzido a 75 cents. da libra, o que está ainda um pouco acima da cotação mundial para o café "robusta" da Uganda.

A Uganda produz igualmente considerável quantidade de café árabe, cujos preços são mais elevados que os do "robusta". Foram produzidas mais de 6.000 toneladas dêsse café na região de Bugisu, nos montes Elgon, na parte oriental da Uganda. Os plantadores de café "árabe" vendem as suas colheitas em cooperativa, por intermédio de uma organização africana.

A importante subvenção concedida aos plantadores de "robusta" levou o govêrno da Uganda a aumentar os pagamentos aos plantadores de café "árabe", sob a forma de um abono de 188.400 libras à sua organização cooperativa. Essa soma foi retirada do fundo especial destinado a atenuar tôdas as deficiências, no plano da produção de café no Bugisu.

(Do "Diário de Notícias", Rio, 11-12-1955)

A POLÍTICA AGRÁRIA DO BRASIL

CONFERÊNCIA FEITA PELO SR. BENTO MUNHOZ DA ROCHA NETTO, MINISTRO DA AGRICULTURA, NO SALÃO DA BIBLIOTECA DO PALÁCIO DO ITAMARATÍ, COMO PARTE DO CICLO DE ESTUDOS SÔBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO BRASIL E A ASSISTÊNCIA TÉCNICA — A NOSSA POLÍTICA AGRÁRIA E O PARANÁ COMO PONTO DE PARTIDA DÊSSES ESTUDOS

A Política agrária não pode estar separada da conjuntura nacional, com os seus aspectos técnico, econômico, social e humano. Já vai longe a época em que se dividiam as nações em agrícolas e industriais.

Hoje não há grande país quando não se casam os dois setores de atividade, completando-se mutuamente.

O notável desenvolvimento industrial do Brasil reflete-se na sua agricultura e na política agrária desenvolvida. Mas temos conquistas enormes a empreender como a produção de combustível líquido que, ano a ano, consome progressivamente nossas disponibilidades. E continuará a consumir progressivamente quando maior fôr o desenvolvimento nacional.

Estamos avançando uma etapa decisiva com a constituição do órgão que construirá e administrará a rêde nacional de armazéns e silos. Só a sua existência determinará um aumento de 30% no aproveitamento de nossa produção agrícola. Isto é, sem ampliação de área cultivada nem de rendimento, a produção brasileira se acrescerá daquela percentagem.

Uma das gravíssimas consequências na dificuldade da localização da rêde está no incorrigível nomadismo de nossas lavouras.

Deslocamento de produção traz no seu bojo uma grave crise de distribuição.

A onda cafèeira do Norte dò Paraná deslocou para aquela zona paranàense, na fase de formação nos cafèzais, uma altíssima produção de cereais que se tem escoado para o abastecimento do Rio e São Paulo, os nossos dois maiores núcleos urbanos.

Esse deslocamento determinou, em face de sua improvisão e rapidez, um nítido desequilíbrio entre a produção e os meios de transporte e distribuição, fato comum em qualquer região pioneira, onde nada pode acompanhar, e menos ainda o poder público, a expansão econômica e social.

Zona pionèira é um meio ótimo para realizar qualquer assistência técnica a produção. Mas também erros a corrigir, mas apenas experiências a aplicar, evitando que se comece errado.

O Paraná é, hoje, literalmente, um resumo do Brasil, quer pelo seu meio físico quer pelo seu encalço humano, síntese de todas as nossas heranças.

Porisso ao iniciar um estudo sôbre Política Agrária do Brasil, do Ciclo de Estudos "O Desenvolvimento Econômico do Brasil e a Assistência Téc-

nica, é de bom alvitre tomar como ponto de partida o Paraná.

Estas considerações conduziram-me a escolher como tema da minha palestra "Alguns aspectos econômicos e agrários do Paraná de hoje.

Tenho focalizado, várias vêzes, em discursos, em documentos oficiais, o que há de impar no Paraná, neste momento brasileiro. Para o Paraná estão convergindo os transbordamentos de dois ciclos diferentes da economia nacional e que ali coincidem: o ciclo do deslocamento da zona cafèeira e o ciclo do minifundio meridional. O Paraná estava no meio e nêle se encontraram êssas duas fôrças de expansão de população.

O deslocamento da área cafèeira, cuja atividade se iniciou como produção econômica na velha Província Fluminense, foi superada rapidamente no começo da República, ou mais precisamente, com a abolição da escravatura

1888 trouxe uma calamidade para a econômia fluminense: a coincidência de dois fatores que, somados, lhe derrocaram a lavoura cafèeira; a decadência das culturas e a extinção da escravatura. Os fazendeiros fluminenses, na época, ficaram desamparados. Lutavam com a pequena produtividade das suas lavouras, vendo-se, do dia para a noite, sem escravos e, portanto, sem braços. As fazendas acabaram-se diante do jovem surto paulista.

O Senador Vergueiro foi um dos maiores estadistas brasileiros, prestando a São Paulo o extraordinário benefício de iniciar a imigração européia, e, mais particularmente, trazendo imigrantes italianos para as zonas cafèeiras, quando estava ainda em pleno apogeu o trabalho escravo no Brasil.

Quando veio a Abolição, que pode ser interpretada como uma atitude romântica, mas que foi sobretudo uma conquista humana da civilização brasileira, as lavouras paulistas estavam em expansão e a grande percentagem de trabalhadores, então existentes, era a de imigrantes italianos. Daí, no começo da República, o notável progresso do café em São Paulo e sua absoluta decadência no Estado do Rio, com suas terras esgotadas e suas fazendas despovoadas com a fuga dos escravos libertos em busca da libertação do trabalho rural.

O deslocamento dessa zona cafèeira fez civilização. Depois de São Paulo e da zona mineira da mata, o Paraná. Estamos sentindo a história do café naquele Estado. Não é mais só o Norte ou o Nordeste onde o café começou. É também do Paraná, onde está amanhecendo a arrancada cafèeira com aspecto de revolução econômica.

O segundo ciclo é o meridional, do minifúndio colonial.

A colonização italiana no Rio Grande do Sul é contemporânea da paranàense. Tem, mais ou menos, 120 anos de idade.

Os 20 alqueires de terra, inicialmente distribuídos há mais de um século, fracionaram-se sucessivamente em várias gerações, sobretudo, nas zonas de colonização italiana, graças à grande proliferação da raça determinando, como um imperativo de sobrevivência, que os filhos mais abastados fôssem obrigados a comprar dos irmãos, mais terras, para possuir área agrícola econômicamente produtiva. Os que venderam os seus terrenos, às vêzes, lotes ideais de um condomínio rural, tiveram que sair da sua zona. Tiveram de emigrar procurando inicialmente Santa Catarina e, hoje, o Paraná.

Assim, por êsses dois motivos, o Paraná se constituiu em núcleo de

atração do maior movimento interno de populações jamais verificado no Brasil. Esse movimento é superior àquele que existiu no começo do século XVIII em Minas Gerais, quando da descoberta do ouro, quando então todos abandonaram tudo para se dedicar à procura, exclusiva, do metal.

Possuimos, no Paraná, situação excepcional.

Américo Barbosa de Oliveira, no seu "Estudo da Economia Brasileira", dividiu o Brasil em quatro regiões geo-econômicas: a das florestas tropicais, a das pastagens tropicais, a das lavouras tropicais e, finalmente, a subtemperada, que alguns chamam região temperada. Na primeira região, ou mais estritamente, na das florestas tropicais, como na das pastagens, o que determina a separação é o fator pluviométrico, e a chuva, é a muita água na floresta equatorial, e o diminuto e irregular das precipitações, nas pastagens.

No Estado do Maranhão temos a faixa intermediária entre a floresta equatorial e a pastagem tropical, entre a Amazônia e o Nordeste.

Viajando de avião, sôbre o Maranhão, passa-se, em vinte minutos, do Nordeste ressequido, para a Amazônia superúmida.

A floresta equatorial é assim delimitada pela Bacia Amazônica.

As pastagens tropicais vão, por sua vez, desde o Maranhão até ao Rio Grande do Norte ou Paraíba e penetram, em profundidade, o interior, vindo atingir Minas Gerais.

A região das lavouras tropicais constitui uma língua literânea, que vem, aproximadamente, de Pernambuco a Santa Catarina.

Na altura de São Paulo e do Estado do Rio, insinua-se pelo interior brasileiro, atingindo além do Estado do Rio e de São Paulo, parte do Paraná.

Neste em linhas gerais, êsses limites não são, absolutamente nítidos. Há condições topográficas como a altitude, que fazem recuar ou avançar êsses limites. No Paraná, essa região a que nos estamos referindo, abrange, dentro das condições que a restringem ou ampliam, a área compreendida entre os rios Paranapanema. Itararé, Paraná e Piquirí.

A 4.ª região geo-econômica, vai do Piquirí ao extremo sul do Brasil. Vai até aos Pampas.

É a zona temperada.

Nessas duas regiões geo-econômicas, a das lavouras tropicais e a temperada, acontecem duas atividades econômicas, dois estilos de vida, dois modos de ser na sociedade. O Paraná é o único Estado que tem essas regiões geo-econômicas.

A lavoura, fundamento de qualquer atividade econômica de tôda grande civilização, é, nas regiões de clima temperado, — Europa, Estados Unidos, Canadá — lavoura de subsistência, lavoura de alimentação. Só, subsidiàriamente, ou, secundàriamente e que produz para exportar. Temos o caso típico do Paraná, na região geo-econômica de clima temperado. É a zona colonial, parecida com a zona colonial catarinense. Parecida, também, com a zona colonial gaucha. Há pequenas propriedades e lavoura de subsistência. Não há produtos de exportação.

A região geo-econômica de cultura tropical produz um ou dois artigos de exportação, de grande circulação no mercado internacional. Tivemos, no Brasil, a cana de açúcar. Temos, há mais de um século, o café.

O Paraná possui, assim, nessas duas regiões geo-econômicas, dois gêneros de atividade. A utilização da zona tropical paranaense é relativamente recente. Não que o café seja

novo no Paraná. Temos, no litoral paranaense, como no catarinense, café de mais de 100 anos, que, evidentemente, não é nativo. No Nordeste do Paraná, em Tomazina, há a experiência cafèeira de 1868 e em Jataizinho, às margens do Tibagi, logo depois da Guerra do Paraguai em 1870, D. Pedro II concedeu terras para que os Voluntários da Pátria cultivassem café. Êsse fato, porém, constituiu apenas atividade esporádica, sem expressão econômica ponderável.

Até há 20 ou 30 anos o café não fazia parte da atividade econômica do Paraná. Tudo era atividade tradicional de zona temperada, restringindo-se especialmente à madeira e à erva mate.

Hoje, a atividade cafèeira atingiu e empolgou o Paraná, porque, só agora, possuimos um conjunto de circunstâncias favoráveis. Antes não as possuiamos. Em primeiro lugar, porque o sistema ferroviário paranaense, sob o ponto de vista econômico, durante muitas décadas se escravizou a um sistema absolutamente deficiente. A um sistema que, como o velho nome da velha estrada índica, visava apenas, ligar São Paulo ao Rio Grande. O Paraná era simples zona de passagem e a Viação Férrea São Paulo-Rio Grande, concessão dada aos franceses, na última semana do império, em Novembro de 1889, apenas atravessou o Paraná, desconhecendo-o. A estrada foi inaugurada em 1907 no Govêrno Afonso Pena. O nome, repito, indicava São Paulo e Rio Grande com dois polos extremos de um sistema. A estrada de ferro tinha, como principal objetivo, ligar São Paulo ao extremo sul do País.

Acontece, entretanto, que o Paraná estava no meio e, como o objetivo era o de aproximar o cenário das fronteiras meridionais com a Côrte, a sua construção foi muito mais de ordem estratégica e militar do que econômica. Seu traçado desconheceu, absolutamente, as condições econômicas, sociais e humanas do Paraná. Passou em Irati, que está aproximadamente no mesmo meridiano de Cornelio Procopio. Fez o progresso de zonas colonias ao sul de Ponta Grossa, mas ao Norte, inflitiu para Leste. Se a ligação com São Paulo em vez de procurar Itararé se orientasse para o Norte, na direção da região que viria a ser a Alta Sorocabana, o ciclo cafèeiro teria sido antecidido no Paraná de 40 ou 50 anos.

Foi, portanto, o sistema ferroviário, que retardou a evolução econômica paranaense. O ciclo cafèeiro so se iniciou quando a nobre mas difícil cultura, depois de ter esgotado a provincia fluminense, calcinou as glebas minerais e paulistas, cujo enfraquecimento fez transbordar os pioneiros a empurrar a grande onda verde, cada vez mais para o sul.

PRODUÇÃO PARANAENSE

Safras	Paraná	% do Paraná
1925-26	176	1,12
1926-27	128+	0,11
1927-28	400	1,38
1928-29	284	1,64
1929-30	596	2,06
1930-31	347	1,99
1931-32	684	2,66
1932-33	380	1,91
1933-34	600	2,02
1934-35	200	1,40
1935-36	613	2,93
1936-37	347	2,08
1937-38	1.036	4,38
1938-39	379	2,49
1939-40	1.108	5,08
1941-42	951	5,66

1941-42	855	5,29
1942-43	549	4,52
1943-44	109	1,31
1944-45	578	6,34
1945-46	673	5,30
1946-47	1.138	8,12
1947-48	1.550	11,42
1948-49	1.885	11,12
1949-50	2.317	14,22
1950-51	4.027	24,03

Decaiu depois da geada de 53, para atingir na safra correspondente ao ano agrícola de 55-56, a cêrca de 6 milhões de sacas, ou sejam, aproximadamente, 30% da produção brasileira.

Já que falei em geada, vem a propósito respigar o assunto tão debatido.

O Paraná, como disse, são duas regiões geo-econômicas: a das lavouras de subsistência e das culturas tropicais, isto é, a região do cafèeiro. Na primeira, a geada é um prêmio. Quanto mais rigoroso fôr o inverno, melhor para a lavoura. Os trigais ondularão mais pujantes. As frutas européias quebrarão os galhos tal a abundância. Na segunda, a geada é um castigo. Consome o esfôrço e o trabalho de longos anos.

É preciso repisar o fato da coexistência no Paraná dessas duas regiões, pois o notícia das geadas naquele Estado, a sensibilidade das cassandras se iriça, agressiva.

Na primeira região a geada é indispensável a todos os invernos. Em Palmas, neva quase todos os anos. Mas na zona cafèeira, como não poderia deixar de ser, é a exceção. Houve geadas em 42 e 43. Depois em 53 e 55. Estas de muito maior repercurssão do que as anteriores, em vista do alto valor recentemente atingido pela produção paranàense.

Com se vê, a zona das geadas transborda esporâdicamente sôbre a outra. Como aconteceu em São Paulo, há cinquenta anos, justamente no norte do Estado, na região de Ribeirão Preto, onde se desenvolveu sistemàticamente um grande combate a geada.

A desmatação torna mais longínquo o seu perigo, como se tem observado no Paraná cafèeiro em zonas antigamente duramente castigadas, e hoje libertas do flagelo.

Basta compulsar os boletins metereológicos de São Paulo e do Paraná, para chegar-se a essa conclusão.

Conclusão que nos dirige a esta outra: a pretensão de querer expulsar o Paraná da *coffee bell*, só não é grossa asneira, porque está escrita em inglês. O nosso caboclismo se acovarda, se intimida diante de uma expressão em língua estranha em que se adivinha a sabedoria de vagas técnicas agronômicas.

O café brasileiro só poderá ter a sua solução, no Paraná.

Só o Paraná poderá permitir a reconquista da posição brasileira na produção mundial do café.

Estrosada na zona de cultura de subsistência estão os Campos Gerais, cuja paisagem e específica da região, com as sua ilhas de capões de pinheiros. Constituem problemas que estão sendo atendidos, ou cuja solução, às vêzes difícil, é preciso tentar a realizar. Podemos citar, a propósito a utilização dessa área, que constitue aproximadamente 30% da superfície paranàense, em que os campos cada ano empobrecem mais, exigindo 6 a 7 hectares por cabeça de gado. Há duas soluções ai: arar, transformando campos naturais em pastagens artificiais, com forrageiras de adaptação comprovada e o Govêrno do Estado ha mais de 3 anos está estudando experimentalmente, com técnicos para resolver êsse grande problema, ou fazer a sua colonização racional, como se iniciou em Guarapuava, on-

de grande colônia de raça e cultura alemãs, cultiva trigo em campos nativos que permitem a mecanização. Os alemães e seus técnicos, preferiram o campo que deve ser adubado, as terras que precisam ser destocados. É muito mais barato adubar do que destocar. Quero crer que êste ponto fundamental da econômia paranàense será bme resolvido, valorizando-se os decantados campos gerais.

O Paraná possui 60% da sua superfície, em zona temperada. Aí, como em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, há uma tradição de cultura permanente. Nenhum colono do Paraná, descendente de alemão, italiano, polonês, pensou em ir para diante, em abandonar a sua terra e ir procurar outras mais férteis. Êles cuidam, recuperam, conservam a gleba. É a tradição européia da cultura dos climas temperados tradição que, no, Brasil meridional, diminuiu um pouco, dada a diversidade do nosso clima, mesmo o temperado ou subtemperado, com o clima continental da Europa,

Mas o grande exemplo da estabilidade das lavouras de subsistência deve servir de exemplo ao nomadismo cafèeiro, e, de um modo geral, às atividades das zonas tropicais, em cujas culturas o esgotamento das terras é muito mais rápido, e facilitado pelas intempéries.

O deslocamento da produção tem dado ao Brasil prejuizos enormes, pois quando uma zona está em franca produção, tendo organizado todo o sistema econômico com estradas, armazéns, estabelecimentos de crédito, a produção se desloca e vai para o sertão onde só há florestas e nada existe de organizado. Êste tem sido o drama do café no Brasil, cujo deslocamento tem custado à econômia nacional somas incalculáveis.

Vive-se hoje, no Paraná essa fase. É preciso que a onda pare, estacione.

Há, felizmente sintomas muito promissores de que estão sendo tentados essa parada e êsse estacionamento da zona cafèeira, pois é grande atualmente a percentagem de lavradores que fertilizam as suas lavouras, ainda recentes de 4 a 5 anos.

Há uma década soaria como absurdo aconselhar a um lavrador de café no Paraná a adubação da terra. O lavrador sabia que quando a terra se esgotasse iria para a frente como um andarilho. Era um de seus defeitos psicológicos, análogo ao do fronteirismo norte-americano em que a mudança, o deslocamento, a busca de novas paisagens, resolvia todos os problemas.

Para felicidade nossa, essa atitude está desaparecendo. E é preciso que desapareça, pois o Brasil acaba alí, depois do Paraná e em Mato Grosso e Goiás as circunstâncias mais difícies de transporte do café para o Atlantico acarretariam um alto preço e, pelo rio Paraná, ficar-se-ia na dependência de portos argentinos de exportação. Nos próximos 40 ou 50 anos o problema brasileiro do café será resolvido no Brasil, pelo Paraná.

Quando há 20 anos se tratava de assunto econômico do Paraná, de um modo ou outro, êsse problema, bem resolvido, iria influir no conjunto nacional, mas a repercussão de solução dêsses problemas se fazia sentir mais especificamente na vida paranàense, como era o caso da madeira e da erva-mate e das pequenas lavouras de subsistência. Hoje, não. Hoje, o problema do Paraná é essencial e imediatamente um problema brasileiro, como o café, que ainda está produzindo as divisas da balança comercial para que o Brasil possa importar, adquirir as utilidades de necessidade crescente para a vida moderna, pois

desgraçadamente ainda não superamos o ciclo cafèeiro na evolução econômica do Brasil.

Um dos grandes dramas brasileiros é o de têrmos adquirido estilos de vida que só países super-industrializados atingiram, níveis de vida absolutamente artificiais, sem uma infra-estrutura industrial que os justifique. As cidades do Rio e São Paulo, as duas grandes metrópolis brasileiras, há muito expulsaram a tração animal do transporte urbano. Não há mais carroças em nossas metrópoles, enquanto que, nas grandes capitais européias, como Londres, Paris, é ainda comum a tração animal. Todo o nosso transporte é mecanizado Imitamos um estilo absolutamente artificial é que nos custa caríssimo manter.

O problema do custo de produção do café tem que obter a sua solução definitiva, no Paraná. Possuimos, hoje, 800 milhões de cafèeiros plantados. Em média baixa de produção, apenas para calcular e esboçar o que vai acontecer dentro de poucos anos, arbitremos como média a produção de quinze sacas por 1.000 pés 800 milhões darão, nesse tempo, 12 milhões de sacas, quando a produção brasileira atual é da ordem dos 17 milhões, o que mostra a realidade econômica do Paraná.

O preço atual do café não é o mais alto de todos os tempos. O máximo atingido foi por volta de 1929, antes da grande crise de Nova York. Em 29, o preço era de 6 libras ouro, por saca, no pôrto de Santos. Representava, isto, mais ou menos, Cr$ 240,00. Acontece, porém, que naquela ocasião um automóvel Ford era vendido a instâncias do agente por Cr$ .... 7.200,00 e a prestações, ou seja, pelo preço de 30 sacas de café.

Só o Paraná, pela sua produção intensiva, poderá fazer que o Brasil mantenha sua tradicional posição no mercado internacional do café. São Paulo realiza uma grande obra de recuperação em suas velhas zonas, como em Jundiaí e Campinas. É preciso que continue. Pois possui uma área muito maior do que a paranàense.

São Paulo alcançou 60% da produção mundial, há poucos anos. Hoje todo o Brasil não produz 40%. O Paraná não poderá substituir inteiramente São Paulo, mas poderá fazer que o Brasil mantenha a sua posição, durante os anos em que o café continue a ser a base da vida econômica do Brasil.

As duas regiões geo-econômicas do Paraná condicionam duas modalidades de assistência técnica.

A Fundação Paranàense de Assistência ao Trabalhador Rural, que em breves dias se ampliará para todo o Brasil, com o Serviço Social Rural, é um repositorio eloquente, das diversificações regionais do Estado, com turmas de assistentes sociais recrutadas no próprio local em que vão agir e onde preparam o caminho para assistência técnica, anulando incompreensões e desconfianças.

Na região temperada, o trabalhador é o próprio proprietário. Não existem assalariados. Não existe em têrmos gerais, patrão. A fragmentação de propriedade afastou o ponto nevrálgico da lei agrária que é o condicionamento da propriedade rural.

Os problemas agrários são problemas econômicos e problemas, profundamente sociais. É preciso que se tenha sempre em mira essa ligação profunda do econômico com o social. Nunca houve, propriamente verdadeira separação, mas, apenas, separação subjetivá ou intencional. Hoje, o econômico e o sócial estão profúndamente unidos, e o Paraná sob êsse

aspecto, se apresenta, de maneira notável em todo o Brasil, pelo sistema de pequenas propriedades nas zonas coloniais e pequenas propriedades nas zonas cafèeiras.

Uma das inovações do Paraná no ciclo brasileiro do café, foi o seu cultivo em pequenas propriedades, em substituição aos latifúndios dos grandes fazendeiros. É claro que outros grandes problemas surgirão daí, como aconteceu e ainda está acontecendo no Rio Grande e Santa Catarina e nas velhas zonas coloniais do Paraná, em que o minifúndio torna quase impossível a manutenção de uma família de colonos. Êsse fato traz inegàvelmente algumas desvantagens para a zona cafèeira, porque exige maiores inversões de capitais e só terá êxito se existir espírito cooperativo a unir vários pequenos agricultores para melhoria de produção. Mas a pequena propriedade foi fundamental na promoção da harmonia social do Paraná, e da sua política agrária.

Na Câmara Federal, quando se discutia a "Reforma Agrária" tive oportunidade de afirmar que essa reforma com relação à zona colonial do Paraná, não tinha sentido, pois que, aí, nada havia para ser reformado. Ou melhor: O Paraná, Santa Catarina e o Rio Grande fizeram a sua reforma agrária, há mais de um século.

Mostrei que para uma região como o Paraná, — onde o trabalhador é proprietário, e os filhos, aos 8 anos, tem, já, valor econômico, a reforma não tem sentido, uma vez que ela só deve ser levada a efeito onde houver grandes proprietários, latifundarios, sugando o trabalho do pequeno trabalhador assalariado. É uma felicidade que assim se tenham formado os Estados do Sul. Pequenas correções, é claro, há que fazer, no sentido da colonização, depois de discutidos alguns de seus aspectos.

Na convenção dos Estados da Bacia Paraná-Uruguai, quando um dos grandes problemas apontados era o do povoamento, afirmei que no Paraná não havia, propriamente, êsse problema e sim o da sua disciplina. Aliás, a indisciplina no povoamento não é uma característica do nosso sistema, e sim, característica comum a qualquer zona pioneira.

O "grilo" é uma criação da zona pioneira te terras de lavoura valorizada. Não existe nas zonas das grandes glebas dos Campos Gerais, mas costuma existir em zonas cafèeiras, onde uma produção em áreas mesmo pequenas produz grandes resultados. O "grilo" é inseparável da fase de expansão de qualquer zona pioneira.

O problema da colonização européia no Paraná se apresenta em condições excepcionais. Ainda há menos de um ano, estive em pequena colônia constituida de uma vintena de famílias de alemães vindos da Baixada Fluminense. Tinham ido para lá havia um ano e muito sofreram com o clima quente. Trazer um europeu do Norte para trabalhar em zona quente, e um contra-senso. É estabelecer, com antecedência, o fracaso da colonização.

Eram algumas famílias que tinham chegado a Contenda e foi bom que tivessem feito. antes, um estágio na Baixada Fluminense. Chegaram depois a um clima de temperatura média de 15.ò, igual ao do sul da França, julgaram-no um paraíso. Se tivessem vindo diretamente para o Paraná, talvez o problema da adaptação fôsse mais difícil.

O Oeste paranàense possui terras iguais às melhores do norte do Estado. Não são próprias para o café, em

vista do denso frio e estão sendo procuradas, intensamente, pelas populações italo e teuto-gaúchas. Esta foi a melhor colonização que já penetrou o Paraná; de origem européia recente, mas já adaptada ao Brasil, conhecendo as nossas peculiaridades e trazendo recursos em dinheiro, bem como maquinária. Vieram do Sul, trazendo já tradição industrial, e aplicando-a na zona rural.

Quero, aqui, fazer uma referência a Alberto Torres, o grande brasileiro que afirmou só acreditar na estabilidade econômica do Rio Grande, do Paraná. Era fluminense e descreveu amargurado a decadência de sua terra, com a extinção dos seus cafezais. O café sugou o vale do Parnaíba, onde depois de 50 anos de decadência, está havendo uma recuperação notável, com atividade agrícola aliada à industrial.

Alberto Torres era um apaixonado das atividades agrícolas em zonas temperadas, e da estabilidade desconhecida nas zonas de produção cafèeira. Ainda sob êste aspecto o Paraná e uma vitrina em que se exibem ao exame dos curisos todos os casos.

A zona colonial é muito mais pobre, em seu conjunto, do que a zona cafèeira. Entretanto, o nível médio de vida, na primeira, é nitidamente superior ao da segunda.

Basta atentar-se para os depósitos dos Bancos e Caixa Econômica.

A comparação das duas zonas mostra a maior estabilidade da zona temperada, que cresce lenta mas seguramente, sem os altos e baixos, da tropical. É preciso que no Paraná — e aí está ainda uma das suas grandes funções, na evolução econômica brasileira, — se mantenha a tradição agrícola da zona temperada e que aí cesse definitivamente o nomadismo das culturas tropicais. Assiste-se, em várias regiões do Paraná, à própria história. Há fundadores que são contemporâneos de grandes cidades. Fundaram-nas e assistiram-lhe o crescimento e a grande prosperidade. No Paraná estamos assistindo a história. Cruzeiro do Oeste, em dois anos, construiu mais de 1.000 casas, atingindo a população de 6 a 7 mil habitantes na zona urbana. Isto só é possível em zona cafèeira. Em todo o mundo não existe intensidade igual de florescimento como a que se verifica nas nossas zonas cafèeiras. Mas é preciso fugir da fascinação. É preciso saber aproveitar êsse rítmo de crescimento, incorporando a experiência do café que, no passado, esgotou a terra e deixou atrás de si o deserto. Não é possível que, mais uma vez, civilização cafèeira seja sucedida pelo deserto. O Paraná tem a função, a missão histórica de evitar que atrás da prosperidade do café surja aquela desolação das "cidades mortas", das cidades decadentes. Quero crer que o Paraná, com o concurso de todos os brasileiros, de tôdas as tradições, está apto, com a sua tremenda capacidade de adaptação, a viver êste momento econômico e os seus grandes problemas.

O Govêrno, só não pode tudo resolver. Graças a Deus, no Paraná, a iniciativa particular é supreendente. O homem pioneiro brasileiro de tôdas as origens, marcou encontro no Paraná. E não foi atraído para ficar de braços cruzados e tudo esperar do govêrno. Requer apenas uma boa assistência técnica. Um bom ensinamento. Êle não vai recuperar. Vai construir. É apenas preciso que conserve.

("Do Jornal do Comércio", Rio 25-12-55).

A SAFRA DE CAFÉ PARANÀENSE

O presidente do Instituto Brasileiro do Café, sr. Paulo Guzzo, acaba de receber o relatório final acompanhado de mapa explicativo, sôbre os danos causados pelas geadas nos cafèzais do Estado do Paraná. A peça em questão consigna que as geadas ocorridas nos dias 31 de julho e 1.º e 2 de Julho e 1.º de agôsto deste ano atingiram 624.579.983 cafèeiros, em lavouras paranàenses, o que corresponde a 76,45% do total existente no Estado. No levantamento, os técnicos elaboraram o reajustamento estatístico do número de pés de café, atualizando assim os dados anteriormente obtidos pelos órgãos oficiais. No total acima referido estão incluidos desde os cafèeiros fracamente atingidos até os queimados intensamente. Os maiores prejuízos foram assinalados na chamada zona nova, onde se localizam os setores de maior densidade cafèeira e da maior produção, como Londrina, Apucarana e Maringá. Acentuam os técnicos que a recuperação das lavouras não se tem apresentado em condições tão promissoras como aconteceu em 1953, quando, neste mesmo período do ano, já se notava exuberante brotação. Por esta situação responsabilizam as escassas chuvas verificadas de setembro a novembro, em contraste com os meses posteriores à geada de 1953, que foram abundantes em chuvas. Declararam também que as lavouras fracamente geadas produzirão economicamente na safra de 1957-58, enquanto que as fortemente atingidas levarão de 2 a 3 anos para produzirem economicamente, desde que as condições de tempo e trato sejam satisfatórias. Frizam os autores do relatório que é impossível no momento estabelecer dados exatos referentes à estimativa da safra vindoura. "Todavia — acentuam — se estabelecermos um paralelo entre as conseqüências das geadas deste ano e as de 1955, chegaremos à conclusão de que a próxima safra será aproximadamente de 50% da safra verificada no ano que sucedeu ao fenômeno ocorrido em 1953. Diante do exposto e considerando que a produção da safra 1954-1955 (primeira após a geada de 1953) foi de 1.336.544, segundo o número de sacas registradas nos portos, teremos para a próxima safra uma produção de aproximadamente 650 mil sacas. Convém recordar que a revisão da safra 55-56 acusou o total de cerca de 6.000.000 de sacas".

(Do "Diário Comércio e Indústria", S. Paulo, 31-12-1955)

É FACIL EVITAR

Alface, agrião, tomate, chicórea e outras verduras podem conter micróbios trazidos pela rega com água impura. No entanto, tais germes são fàcilmente destruidos, sem que se prejudique o valor nutritivo das hortaliças, se elas forem passadas em água fervendo, durante meio minuto.

Livre-se de doenças, passando em água fervendo, durante meio minuto, as verduras e legumes que devam ser ingeridos crus. —

APRESENTOU RESULTADOS SATISFATÓRIOS PARA O CAFÉ O ANO AGRÍCOLA DE 54/55

Aumento da renda bruta nos últimos anos — Também a produção revela índices crescentes, a despeito da geada de 1953 — Rendimento de cêrca de 32 mil cruzeiros por alqueire na última safra

Rubens ARAUJO DIAS

O ano agrícola de 1954-55 apresentou resultados bastante satisfatórios para a lavoura de café. Houve recorde nos ingressos totais na atual safra e receitas também favoráveis obtidas pelos cafeicultores por 1.000 pés plantados.

O volume produzido foi bem superior ao dos anos anteriores, principalmente devido ao aumento de plantio que se vem verificando desde a melhoria nos preços do produto.

RECEITAS MAIORES

A safra cafèeira cuja colheita se processou no decorrer de 1955 trouxe ingressos recordes à lavoura do nosso Estado, apesar das condições desfavoráveis do mercado na maior parte desse primeiro semestre da safra comercial de 1955-56. O valor estimado da renda bruta da atual safra atinge a cifra de 23,1 bilhões de cruzeiros, sujeita a pequenas retificações, pois ainda se estão processando, embora em escala já bem reduzida, os embarques no interior e também porque o preço médio final da safra pode igualmente sofrer ligeiras alterações. Se considerarmos esses dados como finais, teriamos na atual safra uma renda bruta superior em quase 2,5 bilhões de cruzeiros à da safra precedente e em 16 milhões de cruzeiros a da renda média do quinquênio de 1948 a 1952: um aumento pois de 241%. Os dados abaixo apresentados dão-nos uma idéia do impressionante aumento verificado no valor total da nossa produção total de café em nosso Estado pela multiplicação do volume da produção total de caf; em nosso Estado pelo preço médio anual recebido no interior pelos cafeicultores (dados da Subdivisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura):

Safras Agrícolas	Renda Bruta Cr$ 1.000	Índices
Média de 1948-52	6.785.705	100
1952-53	10.598.048	156
1953-54	20.686.580	305
1954-55	23.156.280	341

Por esses dados se verifica que a receita bruta da cafeicultura paulista vem aumentando de modo acentuado nos últimos anos, principalmente em 1953 e 1954, tendo neste último ano alcançado um valor aproximadamente 100% maior que em 1953.

Mesmo se considerarmos que a nossa moeda se tinha desvalorizado a olhos vistos nos últimos anos, não se nota descréscimo na renda bruta real da nossa cafeicultura. Para conhecer-se a verdadeira situação do valor da produção de café deflacionou-se

esse valor, usando-se o índice de vida divulgado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, como indicativo da desvalorização do cruzeiro. Pode-se assim, calcular se houve melhoria no poder de compra do cafeicultor, o que pode ser observado pelos dados abaixo:

RENDA BRUTA DEFLACIONADA DA CAFEICULTURA PAULISTA

Safras agrícolas	Renda bruta (em cruzeiros, de 1948 a 1952 Cr$ 1.000	Índices
1948-52	6.785.705	100
1952-43	7.209.556	106
1953-54	11.957.561	176
1954-55	11.695-091	172

Por aí se vê que os valores deflacionados das duas últimas safras são bem superiores aos das anteriores, cêrca de 74% maiores que no período básico (média das safras de 1947-48 a 1951-52) tendo havido pequena diminuição nas rendas brutas reais (em cruzeiros, de 1948 a 1952) da corrente safra em relação à anterior.

ELEVAÇÃO DE PREÇOS, PRINCIPAL CAUSA DA MELHORIA DA RENDA

Os preços do café acusaram aumentos sensíveis em 1953 e 1954. O movimento de alta iniciou-se logo após as geadas de meados de 1953, que criaram uma perspectiva de falta de café no mundo. Essas altas intensificaram-se ainda mais em inícios de 1954, e quando houve quedas nas cotações em dólares, a partir do fim dessè ano, os preços internos em cruzeiros foram mantidos graças à desvalorização no nosso câmbio. Já na corrente safra, em vista da eliminação da garantia de preços mínimos à lavoura e das condições desfavoráveis do mercado, os preços acusaram pequeno declínio, que aliás se intensificou nos últimos meses, embora sem afetar muito o preço médio anual alcançado pelos lavradores, pois grande parte da safra já tinha sido vendida nessa ocasião. Abaixo apresentamos as oscilações ocorridas nos preços recebidos pelos lavradores (Seção de Mercados e Preços da Subdivição de Economia Rural).

Safras Agrícolas	Preços no interior Cr$ por saco 60 kg beneficiado	Índice
Média de 1948-52	838,80	100
1952-53	1 320,30	157
1953-54	2 200,70	262
1954-55	2 144,10	256

Vê-se, pois, que foi bastante significativo o aumento nos preços internos de café — cêrca de 156% em relação ao quinquênio de 1948 a 1952. Esse aumento foi bem superior à desvalorização havida em nossa moeda, pois o nível geral de preços (na base do custo de vida) aumentou de 98% nesse mesmo período.

A PRODUÇÃO TEM AUMENTADO TAMBÉM

Houve contribuição, embora em menor escala, do volume produzido no aumento na renda bruta absoluta da nossa cafeicultura. Assim, segundo dados oficiais, foram as seguintes as estimativas da produção de café no Estado de São Paulo:

Safras Agrícolas	Produção de café Scs. de 60 kg beneficiado	Índice
Média de 1948-52	8 421 000	100
1952-53	8 027 000	95
1953-54	9 400 000	112
1954-55	10 800 000	128

Está havendo, como se observa, um aumento nêste últimos anos no volume produzido no Estado, mesmo a despeito da geada de 53 ter afetado a colheita do ano seguinte, que deveria ser bem superior aos 9,4 milhões de sacos. Esse aumento deve-se principalmente ao início de produção de cafèeiros novos. Assim, segundo dados da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura, o número de pés de café vem aumentando constantemente nestes últimos anos. No período básico desta análise — quinquênio de 1948 a 1952 — existiam no Estado 1 065 milhões de cafèeiros, número esse que passou a 1,2 bilhões em 1953, a 1 365 milhões em 1954 e a 1,4 bilhões na safra .. 1954-55, havendo portanto um aumento de 31% no número de pés de café entre o quinquênio de 1948-52 e 1955.

O rendimento que está sendo conseguido tem-se mantido estavel, não acusando melhorias dignas de registro. Assim, no quinquênio 1948-52 obteve-se no Estado uma média de produção de 31,9 arrôbas beneficiadas por 1 000 pés, média essa que caiu a 26,8 na safra 1952-53 para atingir a 30,9 arrôbas por 1 000 pés na atual safra. É verdade que para o cálculo dessa média se utilizou o número total de pés de café no Estado, que abrange atualmente maior quantidade de árvores novas, que não entraram ainda em produção. É de esperar, no caso de não haver piores tratos, um aumento no rendimento nesses próximos anos, em vista da maior quantidade de árvores mais novas em produção, e também pelo fato de esses novos plantios serem em parte feitos dentro de técnicas modernas e usando-se sementes selecionadas.

AUMENTOS SENSÍVEIS NA RECEITA BRUTA POR 1 000 PÉS

Devido, como vimos, aos maiores preços, elevaram-se sensivelmente as rendas brutas por 1 000 pés de café. Se não vejamos:

Safras Agrícolas Médias de	Renda Bruta por 1 000 pés Cr$	Índice
1948-52	6 626,00	100
1952-53	8 846,00	133
1953-54	15 185,00	229
1954-55	16 510,00	249

Por esses elementos, verifica-se que na última safra os lavradores do Estado obtiveram, em média, Cr$ ..... 16 510,00 por 1 000 pés de café, ou seja, pouco mais de 42 mil cruzeiros por alqueire. Essa renda é 149% superior à alcançada em média nas safras de 1947-48 a 1951-52.

Não se tem elementos seguros sôbre o custo médio de produção atual do café, o que nos daria possibilidades para calcular a renda líquida por 1 000 pés obtida em média no Estado. Se atualizarmos o último dado oficial (Divisão de Econômia Rural) sôbre o custo de produção de café — Cr$ .. 7 027,00 por 1 000 pés na safra .. 1950-51 — pelo índice de custo de vida, teríamos um valor para a atual safra de Cr$ 13 500,00 por mil pés. Embora tal dado possa ser considerado um tanto alto, ainda assim teríamos uma renda líquida de Cr$ 3 000,00 por 1 000 ou aproximadamente Cr$ 6 000,00 por alqueire, quantias bem superiores às alcançadas em anos anteriores, a não ser em 1954 quando teria sido de Cr$ 4 000,00 por 1 000 pés.

(Da "Fôlha da Manhã" - 7-1-56)

Em terceiro lugar entre os produtores de Café a União Francesa

Examinando a situação atual do mercado cafèeiro no mundo, o bi-semanário parisiense "Moniteur Officiar, do Ministério das Finanças, publica o seguinte, em seu último número: "As plantações de café nos territórios franceses de ultramar começaram a desenvolver-se entre as duas últimas guerras. A produção já havia atingido a cifras apreciáveis às vesperas das hostilidades. Durante a guerra, porém, a cultura cafèeira foi abandonada em benefício de produtos mais urgentes, como oleoginosos, borracha, etc. Terminadas as hostilidades, a importância da procura, conjugada com a penuria dos "stocks", fez subir os preços, o que, com a ajuda dos poderes públicos, permitiu o restabelecimento das antigas culturas e, nos últimos anos, a criação de novas plantações. A colheita da safra 1954-1955 está avaliada em mais ou menos 150.000 toneladas. Dentro de alguns anos, entretanto, a produção deverá avizinhar-se das 200.000 toneladas, o que ultrapassa de longe os objetivos pré-fixados pelo govêrno. Esta produção classifica a União Francesa no terceiro lugar entre os produtores mundiais, após o Brasil e a Colômbia. Isto demonstra a importância de que se reveste o café na econômia da União Francesa, principalmente para certos territórios de ultra-mar onde se concentra a produção.

As exportações dos principais territórios franceses foram as seguintes, nos últimos anos, por toneladas: África Equatorial Francesa, 2.240, em 1938; .. 2.700 em 1949 e 4.600 em 1954; Togo (nos mesmos períodos): 350, 2.000 e 4.000; Madagascar (idem), 41.000, 26.000 e 41.000; Comeroun (idem), 4.250, 8.900 e 11.400; Nova Caledônia (idem), 1.800, 800 e 1.800; África Ocidental Francesa (idem), 14.000, 64.000 e 95.000 toneladas. Importações globais da França; em 1949, 88.000 toneladas, sendo 61.000 dos territórios; em 1954, .. 169.000 toneladas, sendo 111.000 dos territórios".

(AN-SINB).

(Da "Gazeta de Notícias", Rio, 27-12-1955)

BOM, DE QUALQUER MANEIRA

O leite é um dos melhores alimentos. Além disso, pode servir para o preparo de pães, minguaus, bolos, sorvetes e refrescos, aumentando-lhes o valor nutritivo.

Aproveite sempre o leite na sua alimentação, quer simples, quer como componente dos mais variados alimentos. —

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova Yorque)

N.º 956 CARTA SEMANAL DO MERCADO 4 de Novembro de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

No transcurso da duas últimas semanas, várias das mais importantes corporações dos Estados Unidos publicaram relatórios financeiros com grandes lucros referentes ao terceiro trimestre do ano. De acôrdo com um estudo feito dos dados, dados à publicidade por 451 corporações, grandes e pequenas, que representam o conjunto das mais importantes indústrias do país, os lucros dessas corporações foram, em média, de mais de um têrço acima dos lucros obtidos no período correspondente de 1954. Os observadores estranham, entretanto, que êsses relatórios financeiros favoráveis não tenham tido reflexo no Mercado de Valores, e, embora êste não tenha revelado nenhum aumento notável em suas atividades, parecem ser justas as expectativas de que a produção continue nos mesmos altos níveis durante o último trimestre do ano. Tem havido um aumento substancial no volume das encomendas recebidas pelas corporações, o que virtualmente assegura a confirmação das previsões favoráveis sôbre o último trimestre. Muitos produtos básicos ainda se acham escassos e muitos produtos não poderão estar a par da procura até meados do ano próximo. A procura de aço em particular tem sido tão intensa que, mesmo com a produção da indústria em sua quase máxima capacidade de operação, muitas firmas que dependem do aço estão tendo dificuldades em manter o seu volume de produção, por falta dêsse produto básico.

De maneira geral, estudando-se as opiniões de cêrca de duzentos economistas de renome, é de esperar-se que a produção norte-americana continue a aumentar até meados de 1956, seguindo-se uma ligeira diminuição durante o resto do ano. É interessante recordar que êsses economistas também previram o retraimento econômico de 1954 e a recuperação de 1955. Alguns observadores acham que em futuro próximo haverá mais facilidades de crédito, com juros mais baixos. O aumento nos preços das apólices de curto prazo do Govêrno Federal é considerado sempre como um bom sinal de que os juros estão baixando. Em conseqüência dos recentes acontecimentos no mercado das finanças e dos valores, é possível que as autoridades de decidam a facilitar os créditos monetários. O total das dívidas dos consumidores, que aumentou em Setembro também — registrando-se assim oito meses consecutivos de aumento, — provàvelmente não aumentará muito durante o último trimestre do ano, e o mesmo se poderá dizer do volume das novas construções. Êsses fatores contrabalançarão, segundo se espera, a necessidade de serem adotadas medidas oficiais anti-inflacionárias. Calcula-se que haverá uma diminuição de 200.000 no número das construções de casas em 1956, presumìvelmente em conseqüência da política monetária federal inaugurada em Julho próximo passado. Qualquer diminuição nas atividades dos negócios bastante pronunciada para afetar a prosperidade econômica do país em 1956 — ano de eleições presidenciais — seria contra-atacada por medidas imediatas.

Apesar da grande redução no plantio de algodão será maior, pelos cálculos feitos, do que a do ano passado. A estimativa oficial, esperada para breve, deverá ser de 15 milhões de fardos, ao passo que a estimativa anterior era de 13.900.000 fardos apenas. Não se mencionando o fato de que há discrepâncias nas estimativas, o Departamento da Agricultura se encontra diante da necessidade de impor novas restrições aos cultivadores no ano próximo e na contingência de aumentar ainda mais o total dos excedentes agrícolas que está armazenando, avaliados em $7.100.000.000 em Agôsto dêste ano. O International Cotton Advisory Committee observa que têm aumentado as colheitas de todos os países produtores de algodão, o que ainda mais agrava a situação dêsse produto no mercado mundial. O abastecimento mundial é estimado êste ano em 50.000.000 de fardos, o que corresponde ao dôbro, aproximadamente, das necessidades do mercado mundial.

Na Bôlsa de Valores, os preços não têm pràticamente modificado muito, mas o movimento das transações baixou de certo modo. Uma boa porcentagem das compras se atribui ao fato de que as instituições financeiras de grande capital têm que fazer investimentos. O público têm mostrado pouco interêsse, no momento. Os dois últimos meses do ano são em geral de declínio nos preços, e a venda de ações para o estabelecimento de perdas financeiras, com fito na redução de impostos, já está se tornando aparente no mercado de valores.

O Bureau Pan-Americano do Café recebeu hoje a visita de S. Excia Carlos Castillo Armas, Presidente da Guatemala. O Sr. Horacio Cintra-Leite, Presidente do Bureau, deu as boas-vindas ao visitante, em nome da Junta Executiva. Espera-se que essa visita chame a atenção do povo norte-americano, salientando a importância do café para a Guatemala e para os demais países produtores da América Latina.

Os preços do café, tanto no mercado a têrmo como no mercado de físicos, mostraram mais firmeza nos meados desta semana, embora o movimento das transações tenha sido pequeno. Aparentemente, os importadores não podem deixar de comprar café no momento, uma vez que seus estoques se acham num nível extremamente baixo e que a procura do produto se acha em ascenção. Os comerciantes fizeram compras de café esta semana, em pequeno volume, mas necessárias, o que deu certa fôrça aos preços. Deve-se ter em mente que se acha próximo o começo do intenso movimento da nova safra, esperada em novembro e Dezembro, da Colômbia, dos países da América Central e da África. Durante os quatro primeiros meses dessa temporada (Julho/Outubro), o Brasil exportou cêrca de 5.700.000 sacas de café — ligeiramente acima das exportações do mesmo período em 1951-52, 1952-53 e em 1953-54. As importações norte-americanas em Outubro são estimadas em cêrca de 2.200.000 sacas (600.000 sacas procedentes da Colômbia), subindo o total das importações nos primeiros dez meses do ano a 15.800.000 sacas. As estimativas preliminares relativas a Novembro indicam que as importações neste mês excederão de 2.000.000 sacas.

No MERCADO A TÊRMO, os preços baixaram na sexta-feira em tôdas as posições, tendência iniciada na semana passada, especialmente nas posições de Dezembro. O Contrato S/B fechou com declínios de 34 a 79 pontos, em 276 lotes vendidos, e o Contrato M fechou com declínios de 15 a 35 pontos, em 43 lotes vendidos. Na segunda-feira, o mercado se firmou, com o aumento da procura: o Contrato S/B fechou com ganhos de 44 a 90 pontos, em 119 lotes negociados, e o Contrato M fechou com ganhos de 5 a 75 pontos, em 23 lotes negociados. Na

têrça-feira, o mercado debilitou-se ligeiramente. O Contrato S/B registrou perdas de 25 a 30 pontos, em 122 lotes vendidos, e o Contrato M registrou perdas de 15 a 25 pontos, em 5 lotes vendidos. Na quarta-feira, o mercado reabilitou-se, recuperando quase tôdas as perdas da véspera, mas o volume das transações continuou baixo. O Contrato S/B fechou com ganhos de 4 a 30 pontos, em 56 lotes vendidos, e o Contrato, um pouco mais firme, fechou com ganhos de 35 a 85 pontos, em 6 lotes vendidos. Na quinta-feira, ontem, o mercado debilitou-se mais uma vez, com baixas de 79 a 20 pontos no Contrato S/B, em 233 lotes negociados, e baixas de 5 a 75 pontos no Contrato M, em 12 lotes negociados.

Na semana de quinta-feira passada até ontem, os preços no Contrato S/B variaram bastante, de 30 a 135 pontos abaixo a 26 pontos acima, num volume de 806 lotes negociados; os preços no Contrato M variaram de inalterados a 50 pontos acima, num volume de 89 lotes negociados. No mesmo período anterior, foram vendidos 702 lotes no Contrato S/B e 126 no Contrato M.

No MERCADO DE FÍSICOS, no começo desta semana observou-se uma certa debilidade nos cafés colombianos, mas os preços melhoraram no transcurso da semana, tanto dos colombianos como dos brasileiros As atividades em tôda a semana foram bastante modestas, os torradores comprando apenas para as necessidades imediatas e aguardando a chegada da nova safra da América Central e da África. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 55,25 e os colombianos a 67,95 cents.

Esta manhã, o mercado abriu com baixas de 20 a 100 pontos no Contrato S/B e baixas de 35 a 115 pontos no Contrato M. O número de lotes dependendo de entrega era esta manhã de 2.749 no Contrato S/B e de 500 no Contrato M; na sexta-feira passada era, respectivamente de 2.760 e de 475.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.A.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	29-10-55	310,000	107,000	26,000	443,000
	22-10-55	265,000	95,000	59,000	419,000
	30-10-54	73,000	71,000	23,000	167,000
COLÔMBIA (")	29-10-55	100,178	71,719	3,033	174,930
	22-10-55	119,726	8,305	1,199	129,230
	30-10-54	75,903	5,507	1,932	83,342

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
29-10-55	29,538	21,650	5,946	57,134
22-10-55	25,339	12,409	7,822	45,570
30-10-54	73,695	307,073	70,212	450,980

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos:	*Semanas terminadas em:*		
		29-10-55	2-10-55	30-10-54
BRASIL (*)	Santos	2.316,000	2,302,000	2,698,000
	Rio	775,000	765,000	603,000
	Vitória	166,000	198.000	122,000
	Paranaguá	2,280,000 (°)	2,249,000 (%)	812,000
	Pernambuco	12,000	1".000	6,000
	Bahia	15,000	16,000	15,000
	Angra dos Reis	63,000	71,000	39,000
	Total	5,627,000	5,612,000	4,295,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	17.446	6,070	57,686
	Cartagena	22,352	88,010	18,501
	Buenaventura	126,556	86,675	96,911
	Cúcuta	137,595	146.888	78,657
	Total	303,949	327,643	251.755

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(°) 642.000 livre e 1,638,000 retidos.
(%) 676,000 livre e 1,573,000 retidos.
(&) 553,000 livre e 259.000 retidos.

N.° 956 CARTA SEMANAL DO MERCADO 4 de Novembro de 1955

O CAFÉ SOLÚVEL NOS ESTADOS UNIDOS

Transcrevemos alguns enxertos de um artigo, que julgamos de interêsse para nossos leitores, publicado há dias no JOURNAL OF COMMERCE de Nova York sôbre a competição dos fabricantes de café solúvel nos Est. Unidos:

"Os produtores de café solúvel nos Estados Unidos estão competindo entre si com uma intensa luta de preços.

A Borden Co. está lançando no mercado de Nova York um novo tipo de café solúvel, "Rich Roast", com uma das campanhas de propaganda e de publicidade de maior escala até hoje realizadas por essa emprêsa, e o novo produto já apareceu nos Estados do Nordeste do país (New England), não demorando em ser distribuido nos demais Estados da União. Nessa oferta inicial do produto, os consumidores podem obter um par de vidros de café solúvel por um preço que representa um desconto de 45 cents aproximadamente nessa compra de 4 onças de café: o primeiro vidro custa entre 55 e 59 cents e a segunda apenas 10 cents.

Os outros produtores de café solúvel estão fazendo ofertas especiais também. As emprêsas Nestle Co., Beech-Nu Packing Co., e Home Products Corp. apresentam agora aos consumidores descontos de 15 cents em compras de vidros

de quatro onças; e a General Foods Corp., que fabrica os cafés solúveis "Maxwell House" e "Sanka" também baixou os seus preços regulares, diminuindo 10 cents no vidro de seis onças e 5 cents no vidro de duas onças, em várias partes do país.

O Sr. F. L. Fero, tesoureiro da Beech-Nut Packing Co. declara que, segundo informa o Departamento de Vendas daquela emprêsa, a competição está sendo enorme, cada competidor procurando conseguir "o bocado do leão" no mercado norte-americano do café. Um porta-voz da Standard Brands, Inc., que produz o café "Chase & Sanborn", declara que a competição está se tornando mais intensa por se haver estabilizado o uso do café solúvel entre os consumidores, observando que essa intesificação da competição é normal quando um novo produto começa a ser vendido com menos rapidez depois do seu período inicial de lançamento no mercado. Por sua vez, o Sr Albert Ehlers, presidente da Companhia que leva seu nome, a Albert Ehlers, Inc., afirma que a distribuição do café solúvel chegou agora ao seu ponto máximo, tendo conseguido já 30% do mercado total do café nos Estados Unidos, e continua a se manter nesse nível do consumo total.

Outros ,todavia, divergem dessas opiniões. O Sr. Clifford Spiller, diretor da divisão de promoção de vendas da General Foods, diz que seu produto, Maxwell House, continua a ser vendido com um aumento regular, e o Sr. Jerome Neuman, vice-presidente da Joseph Martinson & Co., Inc, que distribui o café solúvel "Jomar", não acha que as vendas dos cafés solúveis tenham chegado ao seu nível de estabilização, dizendo que o consumo dêsses cafés aumenta porque os fabricantes têm continuadamente melhorado os seus produtos.

As maiores emprêsas fabricantes de cafés solúveis, por ordem de sua importância, são as seguintes: General Foods, Nestle's, Borden's e Standard Brands. Êsses produtores são os "Big Four" do mercado de café solúvel dos Estados Unidos. Mas há ainda pelo menos mais 13 outros fabricantes dêsse produto, que fornecem os mercados de cadeias e os torradores que não dispõem de recursos próprios de fabricação. Ao todo, os consumidores dispõem no mercado de retalho de 185 marcas pelo menos de café solúvel.

Essa onda de marcas de café solúvel constitui outro fator importante na luta intensa dos competidores e dos seus preços. Os mercados de cadeias possuem as suas próprias marcas, que são vendidos com descontos de 5 a 9 cents em relação aos preços anunciados pelos produtores de outras marcas em sua publicidade. Por exemplo, as lojas da Grand Union Co. oferecem a sua própria marca de café solúvel "Freshpak" por 47 cents o vidro de duas onças e por 89 cents o vidro de quatro onças, ao passo que as outras emprêsas fabricantes anunciam os seus cafés solúveis por preços que variam de 53 a 59 cents o vidro de duas onças e de cêrca de $1.05 o vidro de quatro onças. A emprêsa Safeway Stores, Inc. vende a sua marca particular "Edward Instant Coffee", nos seus inúmeros mercados, pelo preço de 35 cents o vidro de duas onças.

Consta também, nos circulos da indústria, que a Great Atlantic & Pacific Tea Co. tenciona lançar no mercado a sua própria marca de café solúvel, não tendo sido divulgados outros pormenores sôbre essa iniciativa da emprêsa."

(The Journal of Commerce, 1 de Novembro de 1955)

N.º 958 CARTA SEMANAL DO MERCADO 18 de Novembro de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Nos círculos financeiros de Nova York, prevaleceu na semana passada uma atmosfera de confiança, desfazendo-se em grande parte as incertezas manifestadas pelos investidores e pelo público em geral nos mercados do comércio e dos valores. Em geral, os economistas são de opinião que o volume da produção durante o último trimestre do ano excederá o da produção do terceiro trimestre, o mesmo acontecendo com o volúme das vendas, especialmente pelo fato de que os negociantes esperam um grande aumento nas compras para as festas do fim do ano, e os dirigentes das indústrias acham que as encomendas de produtos de muitas delas — especialmente as indústrias básicas — continuarão em alto nível no ano de 1956.

Os mercados das indústrias de artigos de consumo têm estado em geral firmes, e os materiais de aço e de construção em particular se apresentam até escassos, a despeito de não ser diminuida a intensidade da sua produção. Embora as autoridades governamentais esperem um ligeiro declínio nas construções em 1956, um estudo levado a efeito por entidades particulares indica que as atividades nesse setor da economia excederão as do ano corrente, em que se registrou um recorde. A remoção de certas restrições de menor importância nas condições crediárias parece também indicar que o govêrno federal talvez adote medidas mais lenientes nesse setor, o que estimularia muito o aumento do consumo de mercadorias.

Durante o mês de Outubro, passou de 65.000.000 o número de pessoas empregadas nos Estados Unidos — o que constitui um recorde de todos os tempos no país no referido mês e um aumento de 5% em relação ao mês de Outubro do ano passado. O número de pessoas desempregadas permaneceu o mesmo — .. 2.100.000 —, o que se explica pelo fato de que a mão de obra disponível está aumentando e sendo utilizada na mesma proporção do seu aumento. O Departamento do Comércio informa que tem aumentado o trabalho extraordinário nas indústrias, com o aumento da produção das mesmas, e que a média dos salários dos operários industriais é agora de $ 78,69 por semana, o que representa um aumento de $6,50 em relação a um ano atrás.

De acôrdo com estudo feito nos meios industriais, será de $33.400.000.000 o total dos investimentos a serem empregados em 1956 maquinismos e equipamentos — total que excede de quase 14% o total de similares investimentos estimados para o ano corrente, de $29.400.000.000, o que indica uma situação de otimismo, uma vez que os dispêndios feitos com maquinismos incrementam tanto o volume da produção básica como o número dos trabalhadores ocupados, cujos salários por sua vez permitem o consumo de mercadorias e de serviços em outros setores da econômia, melhorando, assim, as condições de prosperidade geral do país. Se se realizar o total do investimento previsto, haverá no ano de 1956 tanto salários mais altos como maior número de pessoas ocupadas.

Continuando favoráveis os relatórios financeiros publicados pelas corporações, relativos ao terceiro trimestre do ano, e anunciando-se aumentos nos dividendos, dissipou-se a atmosfera de incertezas que se observava no mundo financeiro e no Mercado dos Valores há algumas semanas. O interêsse do público reavivou-se consideràvelmente esta semana, aumentando o volume das

transações, e os preços das ações, em geral, revelaram altas apreciáveis. Os elementos mais otimistas do distrito financeiro de Nova York predizem novos recordes nos preços das ações, em harmonia com as previsões favoráveis reinantes sôbre a expansão industrial e comercial do país durante o último trimestre de 1955.

Houve bastante atividade esta semana, tanto no Mercado a Têrmo como no Mercado de Físicos, tendo o interêsse revelado pelos torradores contribuido para que se mantivessem firmes as cotações. A posição de Dezembro registrou altas líquidas, esta semana, de quase 2c no Contrato S/B e de mais de 3c no Contrato M. As altas registradas nas outras posições flutuaram entre 0,4c e 1,7c. Com muito pouca exceções, os cafés físicos também tiveram altas, como se poderá ver da respectiva Tabela que faz parte desta Carta Semanal. O bônus do Santos 4 na praça em relação a posição de Dezembro no Contrato S/B é agora de 3 1/c mais ou menos, e o dos colombianos, em relação à mesma posição, no Contrato M, é de 5c. Está começando a chegar o café das novas colheitas do México, da América Central e de outras áreas produtoras, mas o seu volume ainda é pequeno, não podendo afetar sensìvelmente os preços do café do Brasil e da Colômbia. Espera-se que continue manifesta neste mês a tendência de aumento dos inventários dos tostadores, tendência essa iniciada no mês passado, devida principalmente aos embarques de café feitos para o mercado dos Estados Unidos durante os dois últimos meses, o que, segundo se acredita, contribuiu para aumentar os abastecimentos desta praça, não obstante o fato de haver subido o nível do consumo e o das atividades dos torradores. Entretanto, comparados com os abastecimentos existentes nos Estados Unidos nos anos anteriores a 1954, os de agora continuam sendo pequenos, mas apesar disso parece que são suficientes para aliviar em grande parte a grande pressão que vinha prevalecendo no mercado de físicos durante a maior parte do ano. Até Outubro, essa pressão tinha sido o fator de maior influência no mercado, e a sua diminuição, durante as últimas semanas, teve o efeito de fazer baixar os preços do café na praça.

Mercado a têrmo: Na quinta-feira passada, os preços se mostraram firmes e o mercado esteve ativo, com 283 lotes vendidos e altas de 58 a 85 pontos no Contrato S/B, e 57 lotes vendidos e altas de 13 a 50 pontos Na sexta-feira, o Mercado esteve cerrado, sendo Dia dos Veteranos. Na segunda-feira, os preços continuaram firmes e o mercado ativo, com 301 lotes vendidos e altas de 20 a 40 pontos no Contrato S/B, e 24 lotes vendidos e altas de 20 a 110 pontos no Contrato M. As atividades decairam marcadamente na têrça-feira ambos Contratos fechando com irregularidade — o Contrato S/B com 18 pontos acima e 10 pontos abaixo em apenas 85 lotes negociados, o Contrato M com 35 pontos acima e 15 pontos abaixo, em apenas 9 lotes negociados. Na quarta-feira, os preços mostraram firmeza outra vez, com altas de 30 a 82 pontos e 194 lotes vendidos no Contrato S/B, e altas de 25 a 95 pontos em 24 lotes negociados no Contrato M. Ontem, quinta-feira, o Contrato S/B fechou com baixas de 5 a 40 pontos em 137 lotes vendidos, e o contrato M fechou com preços irregulares, de 70 pontos acima a 10 pontos abaixo, em 43 lotes vendidos.

Durante êsse período de uma semana, foram vendidos 1.158 lotes no Contrato S/B e 157 lotes no Contrato M.

Mercado de físicos: O interêsse demonstrado pelos torradores durante a semana contribuiu para melhorar os preços dos cafés na praça. Ontem, os Santos 4 estavam cotados nos arredores de 54c, ao passo que os cafés colombianos es-

tavam sendo cotados entre 68,75c e 69c. Durante a semana, foram mencionadas vendas de lotes disponíveis de café Coatepec do México a 65c de café lavado de Santo Domingo a 58c e de Tachera lavado da Venezuela a 66,50c.

Outras notícias: Desmentindo um rumor que tinha começado a circular na praça, a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York deu à publicidade um telegrama recebido do Rio de Janeiro, notificando que o Dr. Mario Camara, Ministro da Fazenda do Brasil, havia declarado que o govêrno do seu país não estava contemplando atualmente nenhuma mudança de categoria nas exportações do café.

A baixa de até 4c nos preços das vendas por atacado torrado, anunciada na semana passada, foi seguida esta semana nos preços dos cafés solúveis — uma baixa de 4c de 2 onças.

Esta semana, a Cadeia de Armazéns A & P lançou no mercado a sua marca de café solúvel.

Última hora: Esta manhã, o Contrato S/B abriu com baixas de 10 a 55 pontos, e o Contrato M abriu com preços nominais, sem cotações. Era de 2.630 o número de lotes dependendo de entrega no Contrato S/B, e de 552 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.A.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	12-11-55	164,000	138,000	28.000	330,000
	5-11-55	253,000	200,000	16,000	469,000
	13-11-54	219,000	114,000	11,000	344,000
COLÔMBIA (")	12-11-55	61,100	18,113	2,041	81,254
	5-11-55	124,216	26,444	3.837	154,497
	13-11-54	89,889	2,246	1,050	93,185
	Ano Data				
BRASIL (*)	Outubro 1955 (")	1.134.000	633,000	115,000	1,882 000
	Setembro 1955	1,207,000	476,000	127,000	1,810,000
	Outubro 1954	363.000	379,000	76,000	818,000
COLÔMBIA (")	Outubro 1955	662,072	101,698	10,090	773,860
	Setembro 1955	487,956	60,950	9,361	558 257
	Outubro 1954	154,994	15,872	4,090	154,956

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
12-11-53	38.624	31,555	13,383	83,562
5-11-55	38,165	30,400	8,797	77,362
13-11-54	51,027	291,727	62,095	404,849

ESTOQUES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
BRASIL (*)	*Portos*	12-11-55	5-11-55	13,115-4
	Santos	2,461,000	2,353,000	2,62 ,000
	Rio	656,000	631,000	640,000
	Vitória	84,000	127,000	119,000
	Paranagua	2,330,000 (°)	2,268,000 (%)	8 8,000 (&)
	Pernambuco	21,000	12,000	11,000
	Bahia	17,000	14.000	15,000
	Angra dos Reis	70,000	51,000	27,000
	Total	5,639,000	5,456,000	4,251,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	25.718	20,520	49,200
	Cartagena	25.538	28.006	19.252
	Buenaventura	115,617	86.437	116.895
	Cúcuta	132.130	137,595	82,806
	Total	299,003	272,558	268,153

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE SÃO PAULO:

Ano Agrícola -safra	*SET.* 1955	*AGOST.* 1955	*SET.* 1954
1952-53	—	—	15,000
1953-54	—	—	—
1954-55	—	—	5,192,000
1955-56	5,833,000	3,933,000	—
Total	5.833.000	3,933,000	5,207,000

DESPACHOS POR ESTRADAS DE FERRO: Junho 1, 1955 e Setembro 30, 1955:

Santos	6,684,000
Rio	98,000
Angra dos Reis	4,000
Outros (')	1,147,000
Total	7.933,000

(*) Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(°) 717,000 livre e 1,613,000 retidos.
(%) 686.000 livre e 1,582,000 retidos.
(&) 520,000 livre e 298,000 retidos.
(**) Sujeito à correção.
(') Incluido sacos do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goias.

OS ESTADOS UNIDOS FAZEM SUGESTÕES PARA SE ESTIMULAR O COMÉRCIO INTER-AMERICANO

Em discurso pronunciado na XLII Convenção Anual do Comércio Exterior, realizada esta semana em Nova York, o Sr. Henry F Holland, Secretário de Estado Assistente, encarregado dos assuntos inter-americanos, declarou que para se incrementar o comércio de exportação dos Estados Unidos nos mercados da América Latina os exportadores norte-americanos devem empregar mais tempo, mais dinheiro e mais esforços com o objetivo de também incrementar nos Estados Unidos o consumo dos produtos da América Latina.

O Sr. Holand afirmou que se dirigia principalmente aos exportadores dos Estados Unidos e que se referia de maneira específica aos seguintes pontos: 1) o comércio dos Estados Unidos com a América é maior do que qualquer outro que os Estados Unidos têm nas outras partes do mundo, e é de suma importância para o bem-estar dos norte-americanos e para o bem-estar dos outros povos do Hemisfério Ocidental; 2) a política do govêrno dos Estados Unidos é a de refor-

çar e ampliar êsse comércio vital, contando para isso com o apôio dos dois grandes partidos políticos do país (Republicanos e Democráticos); 3) essa política tem como objetivo, em harmonia com os interêsses da nação norte-americana, não só manter o nível atual do comércio entre os Estados Unidos e a América Latina como também aumentar o mesmo; 4) o principal fator na limitação dêsse comércio é o nível das importações feitas pelos Estados Unidos aos países latino-americanos, porque, apesar da grande procura de produtos dos Estados Unidos, os países latino-americanos têm que limitar suas compras no mercado norte-americano com os dólares que obtêm nesse mercado com a exportação dos seus produtos; e 5) finalmente, a responsabilidade de se ampliar a colocação de produtos latino-americanos nos Estados Unidos recai bàsicamente sôbre os exportadores norte-americanos têm um óbvio interêsse em contribuir para a ampliação do mercado dos Estados Unidos para os produtos da América Latina, e seria de seu próprio benefício que êles considerassem a maneira pela qual poderão ajudar os seus bons freguêses do sul a obterem mais dólares em seu comércio.

"Com referência ao primeiro ponto," disse o Sr. Holland, "a importância do comércio dos Estados Unidos com a América Latina, todos sabem como é volumoso êsse comércio. Nos importamos anualmente $3.500.000.000 em produtos e serviços fornecidos pela América Latina, a qual emprega na compra de nossas mercadorias todos os dólares obtidos com as vendas que nos fazem. Isso representa um comércio anual de $7.000.000.000 — o maior comércio exterior dos Estados Unidos. O que devemos ter em mente, antes de mais nada, é a importância de manter o nosso comércio em tal nível com as repúblicas latino-americanas. Mas isso não basta. O nosso interêsse nacional exige que ampliemos êsse comércio, e não tenho dúvidas em declarar que os nossos exportadores podem fazer algo nesse sentido. Cada um dos nossos exportadores competem para conseguir uma fração do nosso mercado na América Latina: não deveriam, pois procurar também fazer com que se aumentassem as proporções dêsse mercado?"

Depois de comentar o fato de que o mercado dos Estados Unidos na América Latina não cresce já há alguns anos, e que dessa maneira um exportador norte-americano só pode aumentar os seus negócios à custa de outro, naquele mercado, o Sr. Holland declarou que a escassez de dólares nos países latino-americanos poderia ser sanada mediante a expansão da venda dos produtos dêsses países no mercado dos Estados Unidos, e que naturalmente isso cabe primordialmente aos próprios exportadores da América Latina. mas que a ajuda dada nesse sentido pelo exportadores norte-americano redundaria sem dúvida nenhuma em benefício dêles próprios. Referindo-se em particular ao café, o Sr. Holland disse o seguinte: "O café constitui um bom exemplo, como produto latino-americano cujo consumo pode ser aumentado no mercado dos Estados Unidos O café é o produto que mais importamos da América Latina, sendo de ..... $1.400.000.000 o valor aproximado das nossas compras de café, anualmente, aos quatorze países que nos exportam êsse produto. Sem embargo, de certo modo podemos dizer que o café se vende por si só nos Estados Unidos. Há muita propaganda de fabricantes de café, com o objetivo de conseguir a preferência dos consumidores entre as variadas marcas, mas não há um esfôrço coordenado por parte de indústria, no sentido de incrementar o consumo nacional do café. Não sou perito no assunto, mas auvi dizer — e me parece razoável — que um programa semelhante aumentaria substancialmente o consumo do produto. E quem

se beneficiaria com um aumento, digamos, de 10% em nosso consumo de café, no valor de uns 140 milhões de dólares por ano? Seguramente os muitos milhares de pessoas que se ocupam da produção e da exportação do café, mas seguramente também as vendas dos nossos exportadores para a América Latina aumentaria mais ou menos na mesma proporção."

Citando outros exemplos, como o petróleo e o turismo, o Sr. Holland concluiu seu discurso com estas palavras: "É o comércio do exterior norte-americano que têm o maior interêsse em aumentar os negócios entre os Estados Unidos e a América. Os senhores, mais do que ninguém, conhecem os fatores que determinam e que limitam êsses negócios, e podem contribuir de maneira única para que se aumentem as nossas importações da América Latina. Espero que se interessem por essa oportunidade, que sugeri, assegurando-lhes que o govêrno dos Estados Unidos está intensamente interessado no comércio interamericano e disposto a fazer tudo o que fôr possível para auxiliar êsse comércio."

N.º 957 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Novembro de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

O Departamento do Comércio informa esta semana que a receita individual alcançou mais um recorde na média anual do mês de Setembro, com ..... $307.000.000.000 quase 1% acima do total de Agôsto e 7% acima do total de Setembro de 1954. Todos os tipos mais importantes de receita (ordenados, salários, dividendos, etc.) registraram ganhos em Setembro: os ordenados e salários aumentaram, numa base anual, $750 milhões de dólares, sendo o maior aumento verificado nas indústrias de artigos duráveis; e os dividendos e as receitas dos lavradores não-proprietários também subiram. Houve também na receita dos agricultores-proprietários — receita essa que, numa base mensal, é muito irregular. As estimativas das receitas individuais incluem ordenados e salários, a renda líquida dos proprietários e dos membros de sociedades comerciais, tanto agrícolas como não, os dividendos e os juros, bem como outros tipos de receita individual. As médias anuais, usadas para facilidade de comparação, em relação aos totais anuais anteriores, representam os totais de cada mês, ajustados para as diversas temporadas do ano, multiplicados por doze. O total da receita individual alcançou a razão de $300.000.000.000 pela primeira vez em Maio, e têm sempre aumentado desde então.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos declara que, segundo tudo indica, os gastos da população com suprimentos alimentícios em 1956 serão mais ou menos os verificados neste ano, em que se marcou um recorde nesse setor. Espera-se que os norte-americanos continuem a gastar no mesmo nível e talvez ainda gastem mais no consumo de alimentos no próximo ano. O Departamente acrescenta, nesse relatório sôbre a situação dos alimentos no país, que o aumento dos gastos (alimentos enlatado, congelados, solúveis, etc.) Os suprimentos alimentícios de 1956 serão, segundo se espera, tão amplos quanto os dêste ano e as vendas a retalho também deverão se manter nos níveis de 1955. No transcurso de 1955, os preços dos alimentos se mantiveram, de maneira geral, estáveis, embora os preços pagos aos lavradores pelos seus produtos tenham diminuido consideràvelmente.

Exportações dos Estados Unidos para os países da América Latina: Quando se completar a compilação dos dados totais de 1955, êsses dados provàvelmente mostrarão que as exportações dos Estados Unidos para a América Latina alcançaram o total pelo menos de $3.200.000.000, o que corresponde a uma diminuição de 5% em relação ao total do ano de 1954, que foi de $3.400.000.000. Essa estimativa foi apresentada por uma revista comercial de Nova York, num artigo especial dedicado ao intercâmbio de negócios entre os Estados Unidos e a América Latina. O total dessa estimativa, $3.200.000.000, acha-se perto, entretanto, da média correspondente ao período de 1952 a 1954. Além disso, observa-se no artigo, as nações latino-americanas, de um modo geral, revelaram uma notável estabilidade, diante dos fatores adversos a essa estabilidade, tanto nos fins de 1954 como nos princípios de 1955, tais como o brusco declínio das exportações de café para os Estados Unidos, a grande falta de divisas estrangeiras em alguns países e a continuada situação de inflação em muitos dêles. Com o aumento dêles. Com o aumento das compras de café, por parte dos Estados Unidos, especialmente durante os últimos meses, a receita de dólares dos países latino-americanos se manteve bastante grande para permitir a compra de artigos estrangeiros. Acredita-se agora que as vendas norte-americanos na América Latina durante o ano de 1955 excedam as do ano passado nos seguintes países: México, América Central em geral, Cuba, Bolívia, Equador, Perú, Chile e Argentina. As vendas dos Estados Unidos, por outro lado, diminuiram êste ano nos seguintes: Brasil, Uruguai, Paraguai, Venezuela, Colômbia e Haiti. Essa diminuição, que aliás não foi grande, não é atribuida à competição de outros vendedores, uma vez que as exportações dos outros países para a América Latina se acha estacionada.

Os preços e o volúme das ações no Mercado de Valores registraram aumentos rápidos na semana passada — com o maior ganho observado em uma só semana desde Junho de 1953, e a tendência de ascenção continuou no começo desta semana. Terça-feira, dia de eleição, o Mercado não se abriu.

MERCADO DO CAFÉ

Esta semana, o Mercado de Café esteve aberto apenas três dias, registrando-se dois feriados — o Dia das Eleições e o Dia dos Veteranos, — êste último amanhã, sexta-feira, razão pela qual a Carta Semanal está sendo encerrada. Naturalmente, os feriados diminuem as atividades comerciais locais, as quais, no mercado do café, têm se concentrado nos brasileiros e nos colombianos, embora em volume moderado.

Com as notícias das chuvas ocorridas na Colômbia e na América Central, ficando prejudicadas as novas safras procedentes dessas regiões, as cotações do colombianos se firmaram no mercado de físicos, alargando-se, assim, o diferencial entre os Santos 4 e os cafés suaves (Contrato M), que passou para 13,.. 00/13,50 cents. A margem de diferença entre os dois Contratos na posição de Dezembro passou para cêrca de 12,50 cents.

Tem havido notícias de novas restrições impostas aos créditos no Brasil, as quais poderão estimular a venda de estoques de café por parte de alguns exportadores, com o fim de melhorar as suas respectivas posições financeiras, o que, por sua vez, poderá ter influência sôbre os preços.

Consta que há grande procura de cafés da nova safra da América Central, por parte dos importadores europeus, acrescentando-se que já se registrou um grande volume de vendas para o Velho Continente.

O volume das importações de café feitas pelos Estados Unidos no mês de Outubro é estimado em 2.200.000 sacas aproximadamente e calcula-se em 1.800.000 sacas de café consumidas pelos torradores no mesmo mês,indicando-se assim um estoque de 400.000 sacas. O total dos estoques de café, nas mãos dos importadores e dos torradores, no fim de Outubro de 1953 era de 3.00.000.

A média do preço do café torrado, no varejo, nos meados de Setembro, foi de 90,5 cents, ao passo que a média do mês anterior foi de 89,00 cents. Muitos torradores estão reduzindo os seus preços de venda por atacado, numa média de 4 cents a libra, esperando-se, por essa razão, que a média dos preços do café no varejo também diminua no mês corrente.

MERCADO A TÊRMO — Na sexta-feira passada, os preços estiveram frouxos mas houve intensa atividade, sendo negociados 390 lotes no Contrato S/B e 40 no Contrato M. Os preços no Contrato S/B registraram declínios de 44 a 110 pontos e os do Contrato M registraram perdas de 55 a 110 pontos. Na segunda-feira, o mercado esteve irregular, os preços do Contrato S/B fechando com 10 pontos abaixo e 34 pontos acima, em 155 lotes negociados, e os do Contrato M fechando com 9 pontos abaixo e 35 pontos acima, em 39 lotes negociados. As posições de Dezembro, em ambos Contratos, registraram os máximos ganhos do dia. A firmeza das posições próximas foi devida em grande parte à procura mais acentuada de cafés colombianos no mercado de físicos. Não se abriu o Mercado, na têrça-feira. Na quarta-feira, os preços do Contrato S/B fecharam com baixos de 94 a 68 pontos, em 264 lotes vendidos, e os do Contrato M fecharam com baixas de 80 a 15 pontos, em 44 lotes vendidos. Do fechamento do mercado na quinta-feira passada até ontem, quarta-feira, foram negociados 809 lotes no Contrato S/B e 123 no Contrato M, com declínios de 118 a 180 pontos no Contrato S/B e de 45 a 785 pontos no Contrato M,

MERCADO DE FÍSICO — Na segunda-feira ocorreu uma grande procura de cafés colombianos, as cotações aumentando até 1.25 cents. Todavia, o movimento das transações não foi grande, mesmo com preços mais altos, não havendo muito café disponível na praça. Ontem, os Santos 4 estavam cotados a 53,85 cents e os colombianos a 67,75 cents.

ÚLTIMA HORA — Esta manhã, quinta-feira, o mercado abriu com preços entre 5 pontos abaixo e 10 e 25 pontos acima, no Contrato S/B, e com 25 pontos e 45 pontos acima, no Contrato M.

No Contrato S/B, era de 2,725 o número de lotes dependendo de entrega, no Contrato S/B, e de 530 lotes no Contrato M. Na semana passada, havia respectivamente 2.749 lotes e 500 lotes, no Contrato S/B e no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais*			
		U.S.	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	5-11-55	253,000	200,000	16,000	469.000
	29-10-55	310,000	107,000	26,000	443.000
	6-11-54	117.000	67,000	9,000	193.000
COLÔMBIA(")	5-11-55	124,216	26,444	3,937	154,597
	29-10-55	100,178	71,719	3,033	174,930
	6-11-54	71,519	1,044	—	72,563

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*BRASIL*	*Países de origem* COLÔMBIA	*OUTROS*	*TOTAL*
5-11-55				
29-10-55	29,538	21,650	5,946	57,134
6-11-54	67,611	294,916	65,447	427,974

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
BRASIL (*)	*Portos*	5-11-55	29-10-55	6-11-54
	Santos	2,353,000	2,316,000	2,673,000
	Rio	631,000	775,000	603,000
	Vitória	127,000	166,000	113,000
	Paranaguá	2,268,000 (°)	2,280,000 (%)	839,00 (&)
	Pernambuco	12,000	12,000	10,000
	Bahia	14,000	15,000	14,000
	Angra dos Reis	51,000	63,000	39,000
	Total	5,456,000	5,627,000	4,291,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	20,520	17,446	49,915
	Cartagena	28,006	22,352	20,444
	Buenaventura	86,437	126,556	101,777
	Cúcuta	137,595	137,595	81,051
	Total	272,558	303,949	253,187

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(°) 686,000 livre e 1,582,000 retidos.
(%) 642,000 livre e 1,638,000 retidos.
(&) 534,000 livre e 305,000 retidos.

NOTÍCIAS DIVERSAS

SAFRA DE 1955-56 DA VENEZUELA: A colheita da safra de 1955-56 na Venezuela está sendo iniciada agora na zona "Andina" e dentro de algumas semanas será iniciada nas zonas do "Centro" e do "Leste", segundo informações de Caracas desta semana. A safra, segundo consta, será menor do que a da estação passada, acreditando-se que a colheita seja, quando muito, apenas igual à de 1954-55.

No ano de 1 de Julho de 1954 a 30 de Junho de 1955, as exportações de café da Venezuela alcançaram o total de 491,703 sacas, ao passo que o consumo interno foi de 300.000 sacas. No ano de 1 de Julho de 1955 a 30 de Junho de 1956, o total das exportações venezuelanas poderá ser de umas 300.000 sacas, ao passo que o consumo interno talvez igual, senão maior, ao do ano de .... 1954-55. Observa-se que o consumo interno, caso aumente, poderá reduzir a produção exportável.

(G. G. Paton & Co. 4 de Novembro de 1955)

PESQUISAS PARA O PREPARO DO CAFÉ: O Dr. Ernest E. Lockhart, que assumiu o lugar de Diretor de Pesquisas do Instituto de Preparo do Café em Setembro passado, informa que o Instituto já dispendeu $100.000 em trabalhos de pesquisas e em doações com o fim de se conseguir uma maneira melhor de preparar o café como bebida. Antes de entrar para o Instituto, o Dr. Lockhart era professor de química no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, tendo trabalhado num projeto, financiado pelo Instituto de Preparo do Café, para se determinar a importância da água com que se faz o café. Diz o Dr. Lockhart que estão sendo feitos no ITM estudos sôbre os componentes sulfurosos e nitrogênicos na constituição natural da água. Estão sendo estudados também o aroma e a estabilidade do café em temperaturas elevadas, bem como os sistemas de purificação e de abrandamento da água empregados nos serviços municipais em todo o país.

Foi anunciado também o estabelecimento da primeira bôlsa escolar do Instituto de Preparo do Café, no valor de $2.500, para um estudante que se prepara para o doutorato de filosofia. O estudante beneficiado, que é do ITM, está examinando os componentes químicos do café-bebida. Na Universidade do Estado de Ohio e no Instituto de Pesquisas do Sudoeste, em San Antonio, estão sendo estudados os componentes químicos dos extratos de café — graças a doações do IPC — e na Wisconsin Alumni Research Foundation estão sendo estudadas as vitaminas contidas no café. Até o presente, sabe-se que uma xícara de café contém cêrca de 1/10 da quantidade total de niacin necessitada diàriamente por uma pessoa, além de elementos minerais. O IPC está financiando um estudo na Universidade da Califórnia relativo à padronização do café moído. O Dr. Lockhart observa que atualmente a expressão "torrefação leve" tem significação diferente para os torradores norte-americanos, cada qual interpretando-a à sua maneira. O IPC tenciona também auspiciar um estudo sôbre a relação entre a moagem e a qualidade do café. Êsse estudo servirá para determinar o tempo ideal que cada tipo de café moído deve estar em contacto com a água quente, segundo informa o Dr. Lockhart. Sabe-se, disse êle, que o contacto muito prolongado produz elementos indesejáveis, não se sabendo ainda qual será o tempo ideal. Todos êsses estudos, conclui o Dr. Lockhart, constituem apenas um comêço dos trabalhos de pesquisas sôbre o café.

(G. G. Paton & Co. 4 de Novembro de 1955)

INFORMAÇÕES DE HAMBURGO: Os importadores de café da Alemanha Ocidental aumentaram as suas compras de café aos países produtores, durante o mês de Setembro, apesar da situação confusa do mercado mundial, segundo informações procedentes de Hamburgo, ao passo que em Agôsto foram emitidas licenças para 104.762 sacas. O Brasil exportou 119.789 sacas do total de Setembro, ao passo que em Agôsto exportou 33.542 sacas apenas. Cêrca da têrça parte dessas 33.542 sacas exportadas pelo Brasil em Agôsto para a Alemanha Ocidental foram re-exportadas. Os contratos de compras concluidos recentemente, e em maior escala, com os países produtores da América Central são de embarques anteriores de lotes de café que são esperados pelos torradores alemães antes do Natal. Em meados de Outubro, os estoques se encontravam muito reduzidos. Já se acham vendidos em sua maioria os lotes da nova safra da América Central, esperada êste mês. E em alguns casos as firmas importadoras foram obrigadas a comprar cafés de Kenya, tendo-se notado uma grande

procura de cafés Maragogype e de Santos de grão grande, que têm estado escassos e com bons preços.

(G. G. Paton & Co. — 4 de Novembro de 1955)

N.º 959 CARTA SEMANAL DO MERCADO 25 de Novmebro de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Na semana passada, as autoridades monetárias dos Estados Unidos aumentaram de 1/4% a razão dos juros. Essa medida anti-inflacionária, completamente inesperada nos meios comerciais, tem sido o tema de considerável controvérsia entre os peritos em finanças. As perspectivas futuras da economia do país são, entretanto, favoráveis, e muitos observadores são de opinião que haverá uma nova onda de expansão nos negócios no ano que vem. Talvez o que mais contribua para essa expectativa de otimismo é o fato de que as emprêsas estão se preparando para inverter mais capital no desenvolvimento da produção, no ano próximo. Outro fator importante é o recrudescimento das atividades no Mercado de Valores, mas o investimento em maquinismos e em equipamentos é o mais dinâmico elemento de progresso econômico, e o efeito das encomendas já feitas às indústrias, de mercadorias calculadas em $33.000.000.000, a mão de obra em seu máximo e a produção em seu mais alto nível de capacidade terão como resultado uma extraordinária pressão inflacionária, no nível dos preços em geral. O que recentemente aconteceu na Grã-Bretanha constitui um bom exemplo, em comparação com a situação dos Estados Unidos. No ano passado, os inglêses não dispunham de dados referentes aos investimentos de capital na produção e por essa razão sub-estimaram o total da procura nacional de mercadorias e serviços. Êsse êrro fêz com que as autoridades monetárias aprovaram uma redução geral nos impostos e afrouxaram as restrições existentes sôbre as importações de mercadorias de consumo. O efeito combinado do volume muito maior da procura de artigos de consumo e o do volume também muito maior da procura de mercadorias industriais teve como consequência um grande aumento nos salários, ficando os exportadores britânicos forçados a vender seus produtos no mercado mundial por preços muitos altos. O govêrno britânico, para restabelecer o equilíbrio da sua balança comercial, teve então que recorrer a medidas drásticas anti-inflacionárias, executadas pelas autoridades monetárias. As medidas anti-inflacionárias tomadas pelas autoridades monetárias dos Estados Unidos devem ser interpretadas como recursos preventivos contra os possíveis resultados de uma expansão econômica demasiado rápido, resultados êsses potencialmente desfavoráveis. A situação britânica se relaciona mais ao equilíbrio comercial do que no caso dos Estados Unidos, mas as distorções de preços podem sempre dar origem a sérias dificuldades na econômia interna do país.

Até o presente as emprêsas de automóveis produziram já 7.000.000 de veículos, esperando-se que a produção chegue a 8.000.000 até o fim do ano. Os estoques dos revendedores não são excessivos e pràticamente todos os modelos de 1955 foram vendidos. As indicações são de que o rítmo das vendas continua a acompanhar o rítmo da produção, embora esta continue cada vez maior.

O Índice da Produção Industrial do Federal Reserve Board subiu para 146 (1947/49 = 100) em Outubro. O fato de que o índice tenha subido seguidamente todos os meses desde o mês de Maio e que esteja atualmente 12% acima

do nível de há um ano constitui outro aspecto notável da situação econômica geral. Segundo o Federal Reserve Board, a produção, a mão de obra, as receitas e as vendas no varejo se mantiveram em níveis especialmente altos em Outubro e nos princípios de Novembro. Os preços da produção industrial aumentaram um pouco, ao passo que os da lavoura declinaram.

No Mercado de Valores, os preços das ações alcançaram novos recordes máximos no semana passada, revelando-se muito claro o interêsse dos investidores, mas a ação do Federal Reserve Board, na quinta-feira, aumentando a razão dos redescontos, deu motivo a uma liquidação intensa, durante vários dias. No momento, parece estar em processo um movimento de recuperação.

O MERCADO DO CAFÉ

Houve muito pouca atividade tanto no mercado a têrmo como no mercado de físicos, na semana passada. A situação de escassez dos abastecimentos disponíveis no mercado foi de certo modo aliviada com o grande volume das importações chegadas nos dois últimos meses. A diferença entre o café importado e o café torrado durante Novembro foi de 900.000 sacas aproximadamente, a favor do café importado, calculando-se, assim, o total dos estoques existentes nos Estados Unidos no fim de Novembro em 2.100.000 sacas, o que corresponde ao consumo de cinco semanas, à razão do consumo atual. A contagem final feita pelo Departamento de Comércio das importações de Setembro é de .... 1.476.509 sacas de café, total êsse que é bastante inferior ao das estimativas do comércio do café, o que fêz com que se reduzisse também a estimativa dos estoques.

Apesar da falta de interêsse no mercado do café, os preços continuam a se mostrar firmes. As cotações dos colombianos na praça melhoraram consideràvelmente em consequência das compras para coberturas de vendas realizadas há algum tempo. Outro fator que deve ter influido na situação imediata dos colombianos é o fato de que não foram ainda emitidos certificados para café de entrega contra a posição de Dezembro no Contrato M. Hoje é o primeiro dia de aviso para a entrega contra as posições de Dezembro, e o número de lotes dependendo de entrega na posição imediata do Contrato S é de 143,250 sacas. Não são antecipadas dificuldades na entrega contra o Contrato S. Se se registrar um embarque mais acelerado de cafés da América Central, naturalmente diminuiria a situação de escassez dos abastecimentos de cafés aceitáveis para o Contrato M, do que resultaria imediatamente um reajustamento de preços para aquêles cafés. Êsse reajustamento dependeria até certo ponto das ocorrências havidas no mercado de café físico.

De acôrdo com informações recentes, o movimento de café nos portos da América Central continua muito vagaroso. Consta que a procura de cafés da América Central no mercado europeu tem sido muito boa, com preços vigentes tão bons ou melhores do que os obtidos por êsses cafés em Nova York. Êsses fatores poderão ter uma grande influência no mercado a têrmo e no mercado de físicos de Nova York, nas próximas semanas.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira, o volume das transações foi pequeno, com 88 lotes no Contrato S/B e 21 lotes no Contrato M, o Contrato S/B e 6 lotes no Contrato M. Houve alguma oscilação nas posições próximas do Contrato S/B, mas os preços fecharam entre 48 pontos abaixo e 9 pontos acima.

O Contrato M fechou com preços entre inalterados e 5 pontos acima. Na têrça-feira, as transações continuaram de pouca monta, com 104 lotes vendidos no Contrato S/B e 28 vendidos no Contrato M. O Contrato S/B fechou irregular, com 13 pontos e 3 pontos abaixo, e o Contrato M fechou com 145 pontos acima e 5 pontos abaixo, registrando-se o maior ganho na posição imediata. Na quarta-feira, os preços se tornaram mais firmes, com ganhos de 20 a 35 pontos no Contrato S/ e ganhos de 15 a 85 pontos. Foram vendidos 262 lotes no Contrato S/B e 44 lotes no Contrato M. Ontem, quinta-feira, Dia de Ação de Graças, o Mercado esteve cerrado.

No período ora em consideração, houve uma flutuação relativamente pequena de preços no Contrato S/B, com 20 pontos acima e 35 pontos abaixo; no Contrato M, os preços estiveram irregulares, com 250 pontos acima e 15 pontos abaixo, registrando-se excepcional firmeza na posição imediata. O volume total das transações foi de 559 lotes no Contrato S/B e 99 lotes no Contrato M.

Mercado de físicos: Fora mdiminutas as atividades no mercado de físicos, esta semana. Algumas ofertas esporádicas de cafés da América Central, para embarques de Novembro e Dezembro, e nenhum interêsse pelos cafés africanos. Os preços em geral não apresentaram muitas mudanças, com exceção dos colombianos, que continuaram a mostrar grande firmeza. Na quarta-feira à tarde, os Santos 4 estavam cotados a 53,75c e os colombianos a 69,25c. Depois de uma ausência de muitos anos, cotações para os cafés de Cuba mais uma vez circularam no mercado, nos arredores de 59,50c para os cafés lavados e 41c para os naturais, ambos na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*U.S.A.*	*Destinos principais EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	19-11-55	137,000	105,000	49,000	291,000
	12-11-55	164,000	138,000	28.000	330,000
	20-11-54	225,000	56,000	23,000	304,000
COLÔMBIA(")	19-11-55	117,071	16,842	3,609	137,522
	12-11-55	61,100	18,113	2,041	81,254
	20-11-54	123,796	4,635	1,163	129,594

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

	19-11-55	48,471	38,563	29,576	116,610
	12-11-55	38.624	31,555	13,383	83,562
	20-11-54	39,611	283,218	52,795	375,624

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	19-11-55	12-11-55	20-11-54
BRASIL(*)	Santos	2,462.000	2,461,000	2,585,000
	Rio	769.000	656,000	600,000
	Vitória	33.000	84,000	116.000
	Paranaguá	2,321.000(°)	2,330,000(%)	781.000(&)
	Pernambuco	20,000	21,000	12,000
	Bahia	19.000	17,000	15,000
	Angra dos Reis	81,000	70,000	28,000
	Total	5.705,000	5,639,000	4,140,000

COLÔMBIA (")	Barranquilla	7.351	25,718	44,645
	Cartagena	16.238	25.538	19,203
	Buenaventura	122.298	115,617	117,518
	Cúcuta	130,438	132,130	81,801
	Total	276,325	299,003	263,167

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(o) 774,000 livre e 1,547,000 retidos.
(%) 717,000 livre e 1,613,000 retidos.
(&) 507,000 livre e 277,000 retidos.

O CAFÉ NA EUROPA

França: Informações procedentes da França indicam que só havia armazenadas 126.733 sacas de café nos portos franceses no fim de Setembro, o bastante para cêrca de 15 dias de consumo normal do produto. Acrescentando-se a essa quantidade outra igual de café que se achava nas mãos dos torradores, o total do café disponível em todo o país era apenas suficiente para o consumo de um mês. Em compensação, segundo as mesmas informações, a estimativa continua sendo a mesma, de 2.000.000 de sacas de café, para as safras de Robustas produzidas nos territórios de além-mar para consumo na metrópole. Apesar disso, os importadores e os torradores não se acham interessados em adquirir estoques, limitando-se a comprar para as necessidades imediatas, o que poderá produzir uma alta de preços quando se demorarem os cafés fornecidos pelas colônias. Informa-se também que os fundos recentemente criados pelo govêrno francês para a estabilização dos preços do café, do algodão, do cacau e da copra nos territórios de além-mar serão invertidos no melhoramento da qualidade e no desenvolvimento dessas plantações. Êsse programa não será iniciado imediatamente, uma vez que depende de decisões definitivas e detalhadas por parte das autoridades, para a administração e execução de tal programa.

Itália: De acôrdo com as últimas notícias dêsse país, foi aumentado o imposto sôbre o café, passando agora a ser de 50.000 liras por 100 quilos do produto. Consta que as autoridades tomarão medidas com o fim de assegurar que os preços na venda a varejo não subam de maneira desproporcionada em relação ao novo imposto, possibilidade essa que os comerciantes negam vigorosamente. Comenta-se nos círculos do comércio do café que os preços para o consumidor não subirão senão depois de se exgotarem os estoques que existem atualmente no país, notando-se o receio, entretanto, de que o consumo do café poderá ser afetado, uma vez que sejam elevados os preços.

Dinamarca: Durante os primeiros nove meses de 1955, as importações de café verde nesse país foram de 334.189 sacas, o que corresponde a um aumento de 15% sôbre as importações de 290.370 sacas, no mesmo período de 1954. Em Setembro, as importações subiram a 48.740 sacas, ao passo que em Agôsto foram de 24.258, e em Setembro do ano passado o total foi de 31.095 sacas.

Alemanha: As importações de café Ocidental, no período de Janeiro a Setembro dêste ano, foram de 1.379.062 sacas, o que corresponde a um aumento de 12% sôbre o total da importação do mesmo período em 1954, que foi de

1.231.636 sacas. As importação de Setembro ascendeu a 165.788 sacas, ao passo que a de Agôsto foi de 161.375 sacas.

Inglaterra: Uma firma importadora de Londres comenta a situação do café observando que estão começando a se fazer sentir no mercado os aumentos de abastecimentos disponíveis. Devido às grandes importações procedentes do Brasil, que chegaram quase a 2.000.000 em Setembro e Outubro próximos passados, o comércio importador britânico se mantém na expectativa de uma baixa nos preços dos cafés de outras procedências para se renovar então um volume normal de atividades "Uma vez mais nós nos encontramos num período", declara a dita firma," em que o torrador olha para o futuro com receio, compra café para satisfazer as suas necessidades de dois ou três dias e fica à espera dos acontecimentos. O importador, desanimado cada vez mais pelos impostos, pela dificuldade do créditos e pelos riscos do mercado, contra os quais não pode proteger-se, mantém suas operações no nível mais modesto possível só comprando o mínimo conveniente. Em consequência dessa situação, o café se acumula nos países produtores, tornando-se necessário aguardar apenas a chegada da temporada principal das exportações, na expectativa geral de que os preços sofrerão um reajustamento drástico. De fato, a expectativa é tão geral que o reajustamento esperado talvez ainda seja mais drástico do que se imagina. Durante os dez primeiros dias de Novembro, a baixa considerável notada nos preços de vários cafés não tem estimulado o entusiasmo nos países consumidores, e os pequenos embarques de café do Brasil e da Colômbia passam tão ràpidamente dos barcos para os vendedores no varejo que as donas de casa se queixam de que o café têm um aroma de maresia e de cabos alcatroados".

A boa colheita e a boa secagem do café são as operações que, principalmente, influem na qualidade e no tipo. A variedade do café tem menor importância nesse ponto, bem como o trato. O que principalmente importa para um bom tipo e uma boa qualidade são a colheita e a secagem.

Colheita no ponto, e feita no pano ou em cestas, é a mais recomendável. Secagem cuidadosa, impedindo umidade, fermentações, insolação demasiada. Catação rigorosa de todos os detritos. Boa separação na máquina de beneficiamento.

Eis alguns dos cuidados que lhe devem ser dispensados afim de que possamos vencer *pela qualidade.*

Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

Ano XXI | SÃO PAULO, 25 DE NOVEMBRO DE 1955 | Numero 359

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1955/1956

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	julho setembro	1.ª dezena outubro	2.ª dezena outubro	3.ª dezena outubro	TOTAL
Santos a Jundiaí	57 366	7 512	4 883	9 348	79 109
Sorocabana	1 093 786	88 117	90 436	82 054	1 354 393
Paulista	2 692 652	98 762	104 725	94 261	2 990 400
Mogiana	665 462	38 036	39 773	29 032	772 303
Araraquara	881 874	27 991	34 026	35 123	979 014
Noroeste do Brasil	1 286 436	40 646	54 608	47 119	1 428 809
Central do Brasil	2 820	—	—	250	3 070
Estrada de Rodagem	2 201	—	56	—	2 257
Total	6 682 597	301 064	328 507	297 187	7 609 355

Nota : Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO AO RIO DE JANEIRO E ANGRA DOS REIS

DESPACHADO	RIO DE JANEIRO			ANGRA DOS REIS		TOTAL
	FERROV.		RODOV.	FERROV.	RODOV.	
	Comum	Pref.	Comum	Comum	Comum	
Julho - Setembro	13 798	2 801	81 880	700	2 885	102 064
1.ª dezena Outubro — 55	2 118	—	10 408	—	950	13 476
2.ª dezena Outubro — 55	295	—	21 059	920	1 620	23 894
3.ª dezena Outubro — 55	785	—	32 950	848	6 105	40 688
Total	16 996	2 801	146 297	2 468	11 560	180 122

COMUM

DEZENAS	Despachado	Convertido	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho — 55	398 612	7 988	486 600	406 600	—
2.ª " "	577 649	13 250	590 899	590 899	—
3.ª " "	1 021 579	21 847	1 023 426	1 016 562	26 864
1.ª Agôsto — 55	782 610	16 568	799 178	82 958	716 220
2.ª " "	721 960	—	721 960	—	721 960
3.ª " "	850 467	—	850 467	—	850 467
1.ª Setembro — 55	588 136	—	588 136	—	588 136
2.ª " "	597 116	—	597 116	—	597 116
3.ª " "	594 188	—	594 188	—	594 188
1.ª Outubro — 55	263 624	—	263 624	—	263 624
2.ª " "	291 688	—	291 688	—	291 688
3.ª " "	253 127	—	253 127	—	253 127
Total	6 940 756	59 653	7 000 409	2 097 019	4 903 390

OUTROS ESTADOS

PRODUTORES		Despachado	Convertido	Total	Retido	Liberado	A Liberar
Paraná	(Comum	810 534	280	810 814	—	91 480	719 334
	(Despol.	2 180	—	2 180	56	2 124	—
	(Pref.	2 837	280	2 557	75	527	1 955
Minas Gerais	(Comum	294 161	26 175	320 336	—	83 738	236 598
	(Despol.	4 366	—	4 366	314	3 462	590
	(Pref.	307 771	26 175	281 596	25 988	86 080	169 528
Goiás	(Comum	44 687	—	44 687	—	7 667	37 020
	(Pref.	1 880	—	1 880	6	1 654	220
Mato Grosso	(Comum	5 523	—	5 523	—	—	5 523
Total		1 473 939	—	1 473 939	26 439	276 732	1 170 768

MOVIMENTO DO CAFÉ PAULISTA DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1955 - 1956 **(Até 31 de Outubro 1955)**

"DESPOLPADO"

DEZENAS	Despachado	Liberado	Convertido	Retido	A Liberar
1.ª Julho — 55	1 373	1 195	178	—	—
2.ª " "	1 151	1 147	4	—	—
3.ª " "	419	332	87	—	—
1.ª Agôsto — 55	3 560	3 279	6	—	275
2.ª " "	1 929	1 926	—	3	—
3.ª " "	2 275	1 989	—	286	—
1.ª Setembro — 55	2 857	2 547	—	10	300
2.ª " "	2 472	2 472	—	—	—
3.ª " "	2 549	2 027	—	22	500
1.ª Outubro — 55	1 924	1 474	—	—	450
2.ª " "	763	—	—	—	763
3.ª " "	1 153	—	—	—	1 153
Total	**22 425**	**18 388**	**275**	**321**	**3 441**

"PREFERENCIAL"

DEZENAS	Despachado	Liberado	Convertido	Retido	A Liberar
1.ª Julho — 55	13 997	6 187	7 810	—	—
2.ª " "	33 774	20 528	13 246	—	—
3.ª " "	58 649	35 689	21 760	—	1 200
1.ª Agôsto — 55	50 399	31 814	16 562	—	2 023
2.ª " "	68 390	38 247	—	20 404	9 739
3.ª " "	86 378	50 106	—	20 761	15 511
1.ª Setembro — 55	69 816	38 961	—	11 035	19 820
2.ª " "	66 464	32 058	—	5 270	29 136
3.ª " "	83 828	24 826	—	3 949	55 053
1.ª Outubro — 55	35 516	728	—	154	34 634
2.ª " "	36 056	—	—	—	36 056
3.ª " "	42 907	—	—	—	42 907
Total	**646 174**	**279 144**	**59 378**	**61 573**	**246 079**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR SERIES

DEZENAS	Comum	Preferencial	Despolpado	TOTAL
Julho - Setembro	6 231 580	534 496	18 585	6 784 661
1.ª dezena Outubro — 55	277 100	35 516	1 924	314 540
2.ª dezena Outubro — 55	315 582	36 056	763	352 401
3.ª dezena Outubro — 55	293 815	42 907	1 153	337 875
Total	**7 118 077**	**648 975**	**22 425**	**7 789 477**

CAFE DE OUTROS ESTADOS, DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

DEZENAS	PARANÁ			MINAS GERAIS			GOIÁS		MATO GROSSO	TOTAL
	Comum	Pref.	Despol.	Comum	Pref.	Despol.	Comum	Pref.	Comum	
Julho/Setembro — 55	622 090	882	2 180	240 049	244 327	4 086	41 580	1 660	5 523	1 162 377
1.ª dez. Outubro — 55	57 414	—	—	17 162	16 459	280	2 560	—	—	93 875
2.ª " "	65 086	575	—	21 430	23 907	—	x —	220	—	111 218
3.ª " "	65 944	1 380	—	x 15 520	23 078	—	x 547	—	—	106 469
Total	**810 534**	**2 837**	**2 180**	**294 161**	**307 771**	**4 366**	**44 687**	**1 880**	**5 523**	**1 473 939**

X — Incompleto

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Novembro de 1955

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	15.255	
	Áustria	2.895	
	Belgo-Luxemburgo	9.029	
	Dinamarca	7.368	
	Finlândia	43.650	
	França	30.090	
	Grã Bretanha	4.250	
	Grécia	14.472	
	Holanda	13.875	
	Islândia	3.700	
	Itália	9.067	
	Iugoslávia	5.225	
	Suécia	1.250	
	Suiça	1.375	
	Polônia	4.666	
	Tchecoslováquia	13.704	179.871
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	3.060	
	Estados Unidos	139.557	142.617
AMÉRICA DO SUL	Argentina	20.288	
	Chile	7.658	
	Uruguai	4.994	32.940
AMÉRICA CENTRAL	Curaçáo	25	25
ÁFRICA	Egito	450	
	Marrocos Francês	750	
	Tunísia	250	
	U. S. Africana	2.900	4.350
ÁSIA	Chipre	316	
	Japão	25	
	Jordânia	166	
	Líbano	200	
	Síria	8.833	9.540
OCEANIA	Austrália	391	391
Total para o exterior			369.734
CABOTAGEM	Sul	221	221
Total geral			369.955

RELAÇÃO DO CAFÉ EXPORTADO PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1955

DATA	Europa	América Norte	América Sul	América Central	África	Ásia	Cabotagem	Total
3	70.132	13.300	3.037	—	750	—	—	87.219
4	8.000	7.483	129	—	250	1.016	—	16.878
5	4.976	21.751	—	—	—	—	—	26.727
7	250	9.000	1.100	—	—	—	—	10.350
8	—	1.750	1.365	—	—	—	—	3.115
9	5.465	12.000	8.365	—	25	—	—	25.855
10	912	7.700	7.658	—	125	—	—	16.395
11	—	—	2.068	—	—	—	—	2.068
12	—	6.750	182	—	—	—	—	6.932
14	8.726	1.250	1.400	—	100	8.499	—	19.975
16	22.054	2.000	—	—	—	—	—	24.054
17	10.312	—	—	—	—	—	—	10.312
18	5.355	—	535	—	—	—	—	5.890
19	6.125	12.953	—	—	—	—	—	19.078
22	1.072	—	—	—	125	—	50	1.247
23	1.500	1.000	—	—	—	—	—	2.500
24	10.264	—	—	—	—	—	—	10.264
25	—	19.600	2.676	25	—	—	—	22.301
26	22.344	8.700	—	—	—	—	—	31.044
28	—	16.800	—	—	2.900	—	171	1) 20.262
30	2.384	580	4.425	—	100	—	—	7.489
Total	179.871	142.617	32.940	25	4.375	9.515	221	369.955

1) — OCEANIA — 391 scs. —

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1955	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	Angra dos Reis	Recife	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	3 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 234 880
Maio	2 224 920	639 125	205 482	22 569	129 522	10 161	11 797	3 243 576
Junho	2 106 624	756 901	258 627	13 401	90 732	3 291	10 636	3 240 212
Julho	1 785 509	729 521	(x) 274 462	6 152 (x)	350 745	2 804	9 741	3 158 934
Agôsto	2 170 428	846 031	319 969	4 278	718 575	2 757	14 441	4 076 479
Setembro	2 273 483	732 889	311 284	8 310	665 646	6 484	10 925	4 009 021
Outubro	2 273 751	692 657	196 931	6 491	685 123	8 626	13 067	3 876 646
Novembro	2 754 157	802 753	108 014	11.875	797 990	1 238	21 176	4 497 203
Novembro — 1954	2 404 924	512 945	149 659	4 451	372 215	2 010	14 488	3 460 692
" — 1953	1 981 690	417 653	56 653	5 565	569 136	748	17 301	3 048 746
" — 1952	1 795 510	325 230	62 044	18 016	585 520	38 773	7 088	2 832 181
" — 1951	1 658 952	555 291	95 499	12 438	592 921	32 247	12 161	2 959 509

(x) — Cifras retificadas

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1955

MESES	Entradas	Embarques
1955		
julho	219.969	225.155
agôsto	412.061	274.964
setembro	489.389	578.249
1.º trimestre	**1.121.419**	**1.078.368**
outubro	413.432	531.044
novembro	484.748	369.955

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

NOVEMBRO DE 1955

(Em Cr$ por 10 quilos)

	SANTOS			RIO	VITÓRIA
DIAS	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado Tipo 4	Sem descrição Tipo 4	Tipo 7	Tipo 7
3	405.00	370.00	350.00	256.00	182.00
4	403.50	368.50	348.50	256.00	180.00
7	401.50	366.50	348.50	256.00	180.00
8	398.50	363.50	346.50	256.00	180.00
9	393.50	358.50	346.50	252.00	180.00
10	390.00	355.00	346.50	—	176.00
11	—	—	—	—	176.00
14	—	—	—	252.00	176.00
16	391.50	356.50	348.50	255.00	176.00
17	393.50	358.50	350.00	255.00	177.00
18	393.50	358.50	350.00	253.00	177.00
21	393.50	358.50	350.00	255.00	175.00
22	393.50	358.50	350.00	250.00	172.00
23	388.50	358.50	350.00	250.00	172.00
24	385.00	358.50	350.00	250.00	172.00
25	381.50	358.50	350.00	250.00	172.00
28	380.00	361.50	353.50	252.00	172.00
29	380.00	365.00	356.50	252.00	174.00
30	380.00	368.50	358.50	252.00	174.00
Média	**391.32**	**361.35**	**350.20**	**253.00**	**175.94**

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1955/56

MÊS	ENTRADAS						MOVIMENTO				Existência
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Espírito Santo	Total	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	
Julho	275 538	2 553	1 600	3 420	120	283 231	602 480	587 246	1 866	—	1 785 509
Agôsto	823 005	51 291	1 894	22 166	—	898 356	504 401	521 704	9 036	—	2 170 428
Setembro	736 242	68 515	6 523	19 794	—	831 074	692 223	741 817	48 492	12 696	2 273 483
Outubro	634 301	77 279	910	48 882	—	761 372	717 201	672 680	51 348	7 445	2 273 751
Novembro	657 963	77 165	710	35 765	—	771 603	556 604	520 620	35 952	12 552	2 465 350

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS							Total
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Paraná	Goiás	Bahia	
E. F. C. do Brasil	15.106	9.980	—	—	—	—	—	25.086
E. F. Leopoldina	—	19.734	3.723	15.146	—	—	—	38.603
Regulador	—	—	—	7.611	—	—	—	7.611
Cabotagem	—	—	—	—	—	—	200	200
Rodoviário	10.946	304.822	8.095	71.638	10.785	6.642	320	413.248
Totais	**26.052**	**334.536**	**11.818**	**94.395**	**10.785**	**6.642**	**520**	**484.748**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO DE 1955

DIAS	ENTRADAS								EMBARQUES			Retirado do Mercado	Consumo Local	Existência
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Goiás	Bahia	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total			
3	—	—	—	22 340	—	—	3 882	26 222	87 219	—	87 219	—	—	631 660
4	—	834	269	10 109	—	—	—	11 212	16 878	—	16 878	—	—	625 994
5	—	—	—	—	—	—	—	—	26 727	—	26 727	—	—	599 267
7	—	2 670	—	10 154	—	—	—	12 824	10 350	—	10 350	—	—	601 741
8	—	8 770	—	10 792	—	—	—	19 562	3 115	—	3 115	—	—	618 188
9	10 316	14 557	—	1 263	—	—	—	26 136	25 855	—	25 855	—	—	618 469
10	—	53 750	—	—	—	—	—	53 750	16 395	—	16 395	—	—	655 828
11	15 336	9 005	4 250	14 125	—	—	—	42 716	2 068	—	2 068	—	—	696 472
12	—	—	—	—	—	—	—	—	6 932	—	6 932	—	—	689 540
14	—	27 460	660	2 068	—	—	—	30 188	19 975	—	19 975	—	—	699 753
16	400	45 833	—	—	—	—	—	46 233	24 054	—	24 054	—	—	721 932
17	—	55 941	232	668	—	—	—	56 841	10 312	—	10 312	—	—	768 461
18	—	19 823	—	13 533	—	—	—	33 356	5 890	—	5 890	—	—	795 927
19	—	—	—	—	—	—	—	—	19 078	—	19 078	—	—	776 849
21	—	22 581	3 845	—	—	—	—	26 426	—	—	—	—	—	803 275
22	—	15 118	—	2 757	—	—	6 903	24 778	1 197	50	1 247	—	—	826 806
23	—	22 666	—	—	—	—	—	22 666	2 500	—	2 500	—	—	846 972
24	—	23 178	—	—	—	—	—	23 178	10 264	—	10 264	—	—	859 886
25	—	6 925	1 107	2 861	—	—	—	10 893	22 301	—	22 301	—	—	848 478
26	—	—	—	—	—	—	—	—	31 044	—	31 044	—	—	817 434
28	—	—	—	3 725	—	—	—	3 725	20 091	171	20 262	—	—	800 897
29	—	—	—	—	6 642	—	—	6 642	—	—	—	—	—	807 539
30	—	5 425	1 455	—	—	520	—	7 400	7 489	—	7 489	898	22 000	784 552
Total	**26 052**	**334 536**	**11 818**	**94 395**	**6 642**	**520**	**10 785**	**484 748**	**369 734**	**221**	**369 955**	**898**	**22 000**	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

NOVEMBRO DE 1955

	ENTRADAS								EMBARQUES			Retirado do Mercado	Consumo Local	Existência
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Goiás	Bahia	Paraná	Total	Exterior	Cabotagem	Total			
...	—	—	—	22 340	—	—	3 882	26 222	87 219	—	87 219	—	—	631 660
...	—	834	269	10 109	—	—	—	11 212	16 878	—	16 878	—	—	625 994
...	—	—	—	—	—	—	—	—	26 727	—	26 727	—	—	599 267
...	—	2 670	—	10 154	—	—	—	12 824	10 350	—	10 350	—	—	601 741
...	—	8 770	—	10 792	—	—	—	19 562	3 115	—	3 115	—	—	618 188
...	10 316	14 557	—	1 263	—	—	—	26 136	25 855	—	25 855	—	—	618 469
...	—	53 750	—	—	—	—	—	53 750	16 395	—	16 395	—	—	655 828
...	15 336	9 005	4 250	14 125	—	—	—	42 716	2 068	—	2 068	—	—	696 472
...	—	—	—	—	—	—	—	—	6 932	—	6 932	—	—	689 540
...	—	27 460	660	2 068	—	—	—	30 188	19 975	—	19 975	—	—	699 753
...	400	45 833	—	—	—	—	—	46 233	24 054	—	24 054	—	—	721 932
...	—	55 941	232	668	—	—	—	56 841	10 312	—	10 312	—	—	768 461
...	—	19 823	—	13 533	—	—	—	33 356	5 890	—	5 890	—	—	795 927
...	—	—	—	—	—	—	—	—	19 078	—	19 078	—	—	776 849
...	—	22 581	3 845	—	—	—	—	26 426	—	—	—	—	—	803 275
...	—	15 118	—	2 757	—	—	6 903	24 778	1 197	50	1 247	—	—	826 806
...	—	22 666	—	—	—	—	—	22 666	2 500	—	2 500	—	—	846 972
...	—	23 178	—	—	—	—	—	23 178	10 264	—	10 264	—	—	859 886
...	—	6 925	1 107	2 861	—	—	—	10 893	22 301	—	22 301	—	—	848 478
...	—	—	—	—	—	—	—	—	31 044	—	31 044	—	—	817 434
...	—	—	—	3 725	—	—	—	3 725	20 091	171	20 262	—	—	800 897
...	—	—	—	—	6 642	—	—	6 642	—	—	—	—	—	807 539
...	—	5 425	1 455	—	—	520	—	7 400	7 489	—	7 489	898	22 000	784 552
...	26 052	334 536	11 818	94 395	6 642	520	10 785	484 748	369 734	221	369 955	898	22 000	—

MOVIMEMTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

NOVEMBRO DE 1955

DIAS	ENTRADAS					Liberado pela E.F.S.J.	Liberado pela E.F.S.	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Existência	Existência em poder do I.B.C.
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranàense	Total									
3	72 962	4 307	—	430	77 699	36 867	40 832	6 840	18 151	8 479	2 443	—	2 342 167	438
4	22 293	1 420	—	—	23 713	14 679	9 034	13 120	34 148	13 571	—	1 579	2 354 339	348
5	37 006	9 595	—	5 715	52 316	22 558	29 758	41 436	14 690	5 574	5 214	—	2 360 005	438
7	34 894	10 041	—	180	45 115	24 229	20 886	17 676	14 436	20 774	4 265	2 599	2 385 778	438
8	30 416	300	—	—	30 716	17 880	12 836	16 080	4 187	16 247	1 757	363	2 399 020	438
9	27 875	—	—	9 986	37 861	15 504	22 357	2 340	10 444	16 947	853	—	2 433 688	438
10	25 850	750	—	1 330	27 930	12 337	15 593	5 347	32 633	12 683	—	—	2 456 271	438
11	25 341	800	—	200	26 341	17 112	9 229	12 143	22 374	16 122	—	—	2 470 469	438
12	25 122	446	—	460	26 028	15 753	10 275	54 570	4 438	2 388	—	—	2 411 927	438
14	22 510	7 783	—	—	30 293	17 124	13 169	1 908	6 040	12 907	2 913	—	2 467 399	438
16	14 030	9 913	—	780	24 723	11 404	13 319	3 589	46 666	19 632	4 198	358	2 484 693	438
17	8 934	—	—	1 000	9 934	5 797	4 137	20 773	33 840	30 864	—	—	2 473 854	438
18	21 635	1 870	—	11 919	35 424	19 345	16 079	50 884	29 470	19 548	—	3 757	2 462 151	438
19	31 258	1 819	600	600	34 277	—	—	—	—	—	—	—	—	—
21	20 580	600	110	600	21 890	21 65	12 626	23 785	18 448	14 709	1 261	646	2 472 028	438
22	40 412	10 180	—	215	50 807	13 40	8 489	7 070	26 519	12 281	—	—	2 486 848	438
23	31 156	2 453	—	—	33 609	30 739	20 068	23 891	43 684	23 273	4 962	—	2 508 802	438
24	27 798	1 000	—	650	29 448	25 101	8 508	32 634	33 397	16 066	1 280	1 257	2 509 754	438
25	31 231	3 770	—	1 100	36 101	19 731	9 717	33 460	16 311	20 722	126	—	2 505 616	438
26	32 668	3 741	—	180	36 589	17 929	18 172	34 093	34 442	22 032	—	811	2 508 435	438
28	21 048	650	—	—	21 698	23 421	13 168	40 776	31 645	7 381	4 003	278	2 500 523	438
29	30 671	4 485	—	300	35 456	15 319	6 379	19 627	29 278	20 058	—	—	2 502 594	438
30	22 273	1 242	—	120	23 635	22 861	12 595	33 637	11 660	35 596	2 392	—	2 502 021	438
						19 740	3 895	60 925	7 719	34 845	285	904	2 465 350	438
Total ..	**657 963**	**77 165**	**710**	**35 765**	**771 603**	**440 482**	**331 121**	**556 604**	**520 620**	**402 699**	**35 952**	**12 552**	—	—

COTAÇÕES DE CAFÉS NÃO BRASILEIROS EM NOVA YORK

MÊS DE NOVEMBRO DE 1955

(Em cents. por libra (pêso) 453,60)

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA
	2	9	16	23	30	
COLOMBIA						
Medelin Excelso	2) 65 3/4	2) 67 00	2) 69 00	2) 69 1/2	2) 70 00	68 1/4
Armenia	2) 65 3/4	2) 67 00	2) 69 00	2) 69 1/2	2) 70 00	68 1/4
Manizales	2) 65 3/4	2) 69 00	2) 69 00	2) 69 1/2	2) 70 00	68 1/4
COSTA RICA						
Honduras	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Atlantic Fino	"	"	"	"	"	—
CUBA						
Lavado bom	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Lavado regular	"	"	"	"	"	—
EQUADOR						
Lavado	6) 66 1/2	6) 64 00	6) 66 00	6) 64 00	6) 65 00	65 3/32
Extra não lavado	6) 49 1/2	6) 48 00	6) 48 00	6) 47 1/2	6) 47 1/2	48 3/32
GUATEMALA						
Antígua	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Extra primeira	"	"	x) 65 00	6) 65 3/4	xx) 67 3/4	66 3/32
Lavado bom	x) 64 1/2	6) 64 1/2	x) 63 3/4	N/cotado	xx) 65 1/2	64 35/64
Bourbon	x) 63 1/2	6) 63 1/2	x) 63 00	"	xx) 64 1/2	63 5/8
HAITI						
Lavado bom mole	–) 65 1/2	6) 63 1/2	–) 61 00	6) 63 00	xx) 63 1/2	63 19/64
Catado â mão	–) 53 00	6) 53 00	–) 52 00	6) 47 1/2	xx) 47 1/2	50 19/32
HONDURAS						
Lavado bom	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Tipo 5 — Comum duro	"	"	"	"	"	—
JAMAICA						
Lavado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Comum bom	"	"	"	"	"	—
MÉXICO						
Coatepec	–) 64 1/2	6) 65 1/2	x) 64 1/2	6) 65 1/2	xx) 67 1/2	65 35/64
Tapachula primeira	x) 63 1/2	N/cotado	N/cotado	N/cotado	67 1/2	65 1/2
Maragogipe	N/cotado	"	"	"	N/cotado	—
NICARÁGUA						

Matagalpa	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Lavado primeira	"	"	"	"	"	—
EL SALVADOR						
Lavado primeira	N/cotado	N/cotado	-) 63 00	6) 64 00	xx) 66 00	64 21/64
Não lavado	"	"	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
S. DOMINGOS						
Lavado bom mole	x) 62 1/2	6) 62 1/2	-) 61 00	6) 62 1/2	xx) 58 00	61 29/64
Fino	x) 63 00	6) 63 1/2	-) 61 00	6) 63 00	xx) 58 1/2	61 51/64
VENEZUELA						
Maracaibo	-) 65 00	6) 65 00	-) 67 00	6) 66 1/4	xx) 67 3/4	66 13/64
Trujillo	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—	—
CONGO BELGA						
Lavado robusta	-) 64 1/2	"	-) 66 00	"	6) 67 1/2	65 59/64
Natural robusta	N/cotado	xx) 39 00	N/cotado	6) 35 00	%) 34 1/2	36 11/64
KENIA						
Lavado A	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
Lavado R	"	"	"	"	"	—
MOCA						
Moca (Arábia)	6) 61 1/2	6) 61 00	-) 64 00	6) 61 00	-) 63 00	62 3/32
N. E. I.						
Genuino Java L	N/cotado	6) 78 00	-) 78 00	N/cotado	N/cotado	78 00
Lavado robusta	"	N/cotado	N/cotado	"	"	—
Natural Java Robusta	"	"	"	"	"	—
TANGANYCA						
Lavado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	N/cotado	—
UGANDA						
Lavado	6) 40 00	6) 39 00	-) 37 1/2	6) 36 00	-) 36 00	37 45/64
ETHIOPIAN						
Harrar	x) 58 1/2	6) 58 00	-) 60 00	6) 58 00	-) 57 1/2	58 13/32
Djimma	x) 53 00	6) 51 1/2	-) 54 00	6) 52 00	-) 50 1/2	52 13/64

INDICAÇÕES : 1 — C. & F. — U.S.A. (Nova York)
2 — Desembarcado á vista líquido
3 — Disponível — Armazéns Gerais Nova York
4 — F. O. B. — País de Procedência
4 — F. O. B. Nova York
6 — Nominal
x) — Embarque em Novembro
xx) — Embarque imediato
- — Disponível
%) — F. O. B.

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

NOVEMBRO DE 1955

(Em cents por libra (peso) 453,60)

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cotado	N/cotado	56 75	55.75	N/cotado	38.00
2	"	"	57.00	56.00	"	38.00
3	"	"	56.00	55.00	"	38.00
4	"	"	55.50	54.50	"	37.50
7	"	"	56.25	55.50	"	37.00
9	"	"	54.00	53.00	"	N/cotado
10	"	"	55.00	54.50	"	36.75
14	"	"	55.00	54.00	"	36.75
15	"	"	55.00	54.00	"	36.75
16	"	"	55.00	54.00	"	36.75
17	"	"	55.50	54.50	"	36.75
18	"	"	55.00	54.00	"	36.75
21	"	"	55.00	54.00	"	36.75
22	"	"	54.50	53.50	"	36.75
23	"	"	55.00	54.00	"	36.75
25	"	"	55.50	54.50	"	36.75
28	"	"	55.50	54.50	"	36.75
29	"	"	55.50	54.50	"	36.75
30	"	"	55.00	54.00	"	36.75
Média	—	—	55.37	54.40	—	37.01

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I — MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

NOVEMBRO DE 1955

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
1	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	1.34 72	4.97 23	N/cotado	3.64 02	4.96 25
3	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	1.34 72	4.99 87	"	3.64 02	4.96 20
4	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	1.34 72	4.98 54	"	3.64 02	4.96 08
5	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	N/cotado	5.00 53	"	3.64 02	4.95 67
7	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	5.00 53	"	3.64 02	4.95 64
8	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	5.00 53	"	3.64 02	4.95 85
9	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.75 25	"	3.64 02	4.96 25
10	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.78 27	"	3.64 02	4.96 25
16	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.75 85	"	3.64 02	4.96 05
17	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 05	"	3.64 02	4.95 88
18	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.78 27	"	3.64 02	4.95 73
19	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 18	"	3.64 02	4.95 32
21	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 18	"	3.64 02	4.95 67
22	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 93	"	3.64 02	4.95 73
23	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.83 80	"	3.64 02	4.95 61
24	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.85 68	"	3.64 02	4.95 50
25	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.89 47	"	3.64 02	4.95 61
26	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.87 56	"	3.64 02	4.95 70
28	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.87 56	"	3.64 02	4.95 61
29	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.86 30	"	3.64 02	4.95 67
30	52.69 60	18.82 00	4.42 69	0.66 07	"	4.89 47	"	3.64 02	4.95 61
Média	**52.69 60**	**18.82 00**	**4.42 69**	**0.66 07**	**1.34 72**	**4.88 24**	**N/cotado**	**3.64 02**	**4.95 80**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA — NOVEMBRO DE 1955

DIAS	Londres libra	N. York dólar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina Peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florim
1	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 14	4,80 63	3,55 13	4,84 12
3	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 14	4,81 89	3,55 13	4,84 07
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 14	4,80 63	3,55 13	4,83 96
5	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	N/cot.	4,82 52	3,55 13	4,83 56
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,82 52	3,55 13	4,83 53
8	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,82 52	3,55 13	4,83 73
9	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,58 43	3,55 13	4,84 12
10	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,61 13	3,55 13	4,84 12
16	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,59 00	3,55 13	4,83 93
17	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,67 77	3,55 13	4,83 76
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,61 31	3,55 13	4,83 61
19	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,65 99	3,55 13	4,83 21
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,65 99	3,55 13	4,83 56
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,69 57	3,55 13	4,83 61
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,66 58	3,55 13	4,83 50
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 37	3,55 13	4,83 39
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,71 98	3,55 13	4,83 50
26	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,70 17	3,55 13	4,83 59
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,70 17	3,55 13	4,83 50
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,68 97	3,55 13	4,83 56
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	"	4,71 98	3,55 13	4,83 50
Média	**51,40 80**	**18,36 00**	**4,28 34**	**0,63 28**	**1,31 14**	**4,70 87**	**3,55 13**	**4,83 68**

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de NOVEMBRO.

DIAS	Dinamarca	Argentina	Portugal	Espanha	Bélgica	Paraguai	França	Itália	Chile
3	—	2,5200	2,4033	1,7453	1,3000	—	0,2000	0,1100	—
4	8,5000	2,4500	2,3886	1,6773	—	—	0,1950	0,1150	—
5	8,1843	2,4000	2,3535	—	—	—	—	—	—
7	—	2,5000	2,3531	1,6623	—	—	0,1978	0,1150	—
8	8,8500	2,3500	2,3525	1,7380	1,2573	—	—	—	—
9	8,5000	2,2914	2,3525	1,6312	1,3000	1,1000	—	0,1150	—
10	8,2492	2,2967	2,3549	1,7600	1,3000	—	0,1900	0,1150	—
11	—	—	2,3493	—	1,2900	—	—	0,1100	—
17	—	2,1500	2,4175	1,8543	1,3272	—	—	0,1150	—
18	8,2500	2,1956	2,3870	1,6226	1,2559	—	0,1850	0,1120	—
19	—	2,2000	2,3886	—	—	—	—	0,1150	—
21	—	2,1000	2,3969	1,5994	—	—	—	0,1150	—
22	—	2,1500	2,4161	1,5962	1,3000	—	0,1908	—	—
23	—	2,2000	2,3784	1,5858	1,3200	—	0,1950	0,1140	—
24	8,8000	2,1000	2,3643	1,5923	1,3400	—	—	0,1138	—
25	8,3500	2,1083	2,3592	1,5921	—	—	0,1807	0,1130	0,1000
26	—	2,1500	2,3930	1,6000	1,2800	—	—	0,1134	—
28	—	2,2000	2,3724	1,5804	1,3435	—	0,1950	0,1150	—
29	8,5142	—	2,3699	1,5965	1,3191	—	—	0,1150	—
30	8,2206	2,1503	2,3684	1,5977	—	—	0,1890	0,1150	—
Média	**8,4418**	**2,2506**	**2,3760**	**1.6489**	**1.3024**	**1,1000**	**0,1908**	**0,1138**	**0,1000**

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Oficial**, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de

NOVEMBRO DE 1955

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portúgal	Bélgica	França
3	52,6960	18,82	—	—	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
4	—	18,82	—	4,4929	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
5	52,6960	18,82	—	—	4,42 8	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
7	52,6960	18,82	4,9608	4,4924	4,4263	3,6402	—	—	—	0,0538
8	52,6960	18,82	—	4,4891	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
9	52,6960	18,82	4,9585	4,4891	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
10	52,6960	18,82	4,9625	4 4905	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
11	52,6960	18,82	4,9625	4,4905	4,4268	—	2,7499	—	—	0,0538
17	52,6960	18,82	4,9595	4,4874	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	4,9587	4,4874	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
19	52,6960	18,82	4,9573	4,4855	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
21	52,6960	18,82	4,9532	4,4814	4,4268	3,6402	—	0,6607	0,3799	0,0538
22	25,6960	18,82	—	4,4848	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
23	52,6960	18,82	4,9573	4,4843	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
24	52,6960	18,82	4,9573	4,4843	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
25	52,6960	18,82	4,9550	4,4829	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
26	25,6960	18,82	—	4,4829	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	4,9570	4,4829	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
29	52,6960	18,82	4,9561	4,4819	4,4259	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	4,4819	—	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
Média ...	**52,6960**	**18,82**	**4,9581**	**4,4862**	**4,4267**	**3,6402**	**2,7499**	**0,6607**	**0,3799**	**0,0538**

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o mês de NOVEMBRO.

DIAS	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Venezuela	Uruguai	Holanda	Alemanha	Suiça	Suécia
3	186.6047	68,3872	67,3354	—	—	—	15,8000	15,8300	—
4	185.6676	67,5305	66,6970	22,5000	18,9000	17,9000	15,8244	15.6419	—
5	184,2718	68,0000	66,4571	—	19.0000	17,9027	16,0000	15.7324	11,6000
7	185,0000	—	66,8486	—	19,3571	—	—	15,8952	—
8	184.3957	—	66,8732	—	19,3408	—	16,0083	15.6557	11.5184
9	185,7894	69,0000	66,8860	—	—	17.7000	16,1684	15 6813	11.7000
10	185.9549	—	67.8423	—	19,0000	17,2029	15.9000	15.8051	11,5921
11	188.6782	—	68.5684	—	—	17.7000	16,5000	15.9000	—
17	185,4675	71,5000	69,0707	—	—	17.7040	17,0270	16.7236	11,7677
18	185.3179	—	68,2256	23.0000	18,1537	17,7000	16,4991	15,9902	11.8000
19	185.3771	68,0000	67,9861	—	18.0000	—	15.6102	16.3000	11,8000
21	185,8035	—	67.9629	—	18.0000	—	16,3000	15.9888	—
22	183.3183	68,0000	66,7482	—	—	—	17,3559	15.8238	11,6029
23	182,3314	—	66.8586	—	17.6822	17,6024	16,0000	15.7000	11.5000
24	185,6388	—	67.5421	—	17.5000	17,5000	15,9688	15.7658	12,0000
25	184.6949	67.8000	67,4426	—	18,0300	—	15,8068	15.7528	11,7000
26	185.8152	68,2000	67,3616	—	—	—	15,9433	15.8800	11.8000
28	185,1728	—	67,4618	—	18.0300	18.0000	—	15,9363	—
29	183,6698	—	67.1252	—	17.5754	17,3556	15.8168	15.8000	11,6000
30	183,0628	—	67,1182	—	17,5000	18,0000	15,7615	16,4142	11,3204
Média	**185,1016**	**68,4908**	**67,4205**	**22,7500**	**18,2906**	**17,6889**	**16,0711**	**15,9113**	**11,6643**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

NOVEMBRO DE 1955 — Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EMBARQUES	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL GERAL
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Est. Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	312 275	241 498	553 773	287	30	554 090
Rio de Janeiro	139 557	230 177	369 734	12	221	369 967
Paranaguá	226 109	73 478	299 587	6	100	299 693
Vitória	24 015	115 874	139 889	22	28 770	168 681
Angra dos Reis	36 191	2 984	39 175	—	—	39 175
Salvador	800	14 841	15 644	—	275	15 919
Recife	500	6 856	7 356	24	—	7 380
Total	**739 447**	**685 711**	**1 425 158**	**351**	**29 396**	**1 454 905**
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Abril	632 734	350 257	982 991	370	37 802	1 021 163
Maio	296 016	379 029	675 045	437	49 460	724 942
Junho	830 813	489 629	1 320 442	433	40 577	1 361 452
Julho	497 868	455 681	953 549	333	36 195	990 077
Agosto	634 714	430 083	1 064 797	468	69 165	1 134 430
Setembro	1 314 283	647 229	1 961 512	420	30 734	1 992 666
Outubro	1 119 734	757 949	1 877 683	310	54 724	1 932 717
Total de Janeiro a Novembro	**7 126 521**	**5 316 927**	**12 473 448**	**4 322**	**413 253**	**12 891 023**

OBS.: Não estão computados no total: 20 sacas via rodoviária e 401 via ferroviária todas embarcadas em Vitória.

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Três problemas capitais do café — III — J. Testa 5

Misturas de inseticidas II — Luiz O. T. Mendes 7

Irrigação do cafèzal — Rino N. Tosello 11

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Verificou-se no ano de 1954, um aumento de 3% no comércio da América Latina .. 20

Seguro agrícola — Cleveland de Andrade Botelho 21

Lei n° 2.697 — de 27 de dezembro de 1955 22

Estamos cedendo o mercado chileno para outros produtores de café 25

Já se fala em instituir monopólio das importações de café na Itália-Constantino Ianni 26

O Brasil deve manter estoques de café nos portos italianos — Constantino Ianni .. 28

Adote-se o processo da exportação do café industrializado 30

Economia e finanças 30

Novos rumos para o café do Espírito Santo 31

Em Uganda, a "board" protege o agricultor — Gil Rodrigues Junior 32

Acusam aumento as exportações de café da África Oriental Britânica 33

Colheita recorde de café robusta em plantações africanas de Uganda 34

A política agrária do Brasil 35

A safra de café paranàense 44

Apresentou resultados satisfatórios para o café o ano agrícola de 54/55 Rubens Araujo Dias 45

Em terceiro lugar entre os produtores de café a União Francesa 48

O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — novembro 49

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.° 359 — 25 de novembro de 1955 70

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — novembro 74

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro — novembro 75
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — Jan.º a Nov. 76
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro — novembro 77
Cotações de cafés do disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — nov. 77
Movimento de café em Santos — Safra 1955/56 78
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — novembro 78
Movimento de café na praça de Santos — novembro ..... apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — novembro ..... apenso
Cotações de cafés a têrmo em Nova York — Contrato "B" — novembro 79
Cotações de cafés não brasileiros em Nova York — novembro 80
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — novembro 81
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à Vista — Novembro .. 83
" " " " " " " " — Compras à Vista — novembro 84
Câmbio em São Paulo — Livre — novembro 85
" " " " — Oficial — novembro 86
" " " " — Livre — novembro 87
Exportação Brasileira de Café — novembro 88
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — novembro ..... apenso

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

NOVEMBRO DE 1955

(Valor das diversas moedas em dólar)

DIAS	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso	Paris franco	Berna franco	Stockolmo corôa	Madrid peseta	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdan guilder	Brasil Cr$ Oficial
1	2,79 15/16	1,00 3/8	0,01 53	N/cotado	0,26 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 24	0,05 50
2	2,80 1/8	1,00 5/16	0,01 53	—	0,26 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 26	0,05 50
3	2,80 5/16	1,00 9/32	0,01 53	0,03 62	0,26 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 26	0,05 50
4	2,80 5/16	1,00 3/16	0,01 55	0,03 22	0,26 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 26	0,05 50
7	2,80 3/8	1,00 5/32	0,01 55	0,03 33	0,26 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 26	0,05 50
9	2,80 5/16	1,00 3/32	0,01 52	0,02 94	0,25 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 26	0,05 50
10	2,80 1/4	1,00 1/16	0,01 51	0,03 17	0,25 87	0,0028 5/8	0,23 341/2	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 26	0,05 50
14	2,80 1/4	1,00 1/16	N/cotado	0,03 03	0,25 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 26	0,05 50
15	2,80 3/8	1,00 1/32	—	0,03 12	0,25 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 25	0,05 50
16	2,80 5/16	1,00 00	0,01 49	0,03 10	0,25 50	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 3/4	0,26 25	0,05 50
17	2,80 1/4	1,00 1/32	0,01 49	0,03 14	0,25 62	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 22	0,05 50
18	2,80 3/16	1,00 1/32	0,01 52	0,03 12	0,25 62	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 22	0,05 50
21	2,80 1/4	1,00 1/32	0,01 55	0,03 12	0,26 25	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 22	0,05 50
22	2,80 1/8	1,00 1/16	0,01 54	0,03 14	0,25 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 5/8	0,26 24	0,05 50
23	2,80 3/16	1,00 1/16	0,01 54	0,03 14	0,25 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 22	0,05 50
25	2,80 3/16	1,00 00	0,01 52	0,03 14	0,26 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 00	0,26 21	0,05 50
28	2,80 3/16	1,00 00	0,01 54	0,03 14	0,25 87	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 21	0,05 50
29	2,80 3/16	1,00 00	0,01 54	0,03 10	0,25 75	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0199 7/8	0,26 20	0,05 50
30	2,80 1/4	1,00 1/32	0,01 55	0,03 10	0,26 00	0,0028 5/8	0,23 34	0,19 34	0,02 36	0,03 50	0,0200 1/8	0,26 17	0,05 50
Média....	**2,80 1/8**	**1,00 5/32**	**0,01 53**	**0,03 14**	**0,26 04**	**0,0028 5/8**	**0,23 31**	**0,19 34**	**0,02 36**	**0,03 50**	**0,0199 3/4**	**0,26 25**	**0,05 50**

IMPRIMIU:
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A
RUA AUGUSTA, 285 — SÃO PAULO
ENC. 5446

Café
O MELHOR
SANTOS
R. Manzke